

MARIA AUGUSTA COSTA DOS SANTOS

*TORNANDO-SE UM ASSENTADO RURAL DO MST:
Uma análise psicossocial das idas e vindas do homem do campo*

Mestrado - Psicologia Social

PUC/SP
SÃO PAULO
2005

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

*TORNANDO-SE UM ASSENTADO RURAL DO MST:
Uma análise psicossocial das idas e vindas do homem do campo*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob orientação da Profa. Dra. Bader Burihan Sawaia.

BANCA EXAMINADORA

Dissertação defendida e aprovada em
2005

DEDICATÓRIA

Voltar ao Assentamento foi uma tarefa das mais difíceis. Em meio a todas as dificuldades e percorrendo os mais de 60 minutos de estrada de barro que unem a fazenda ao município de Atalaia, me perguntei o que me fazia estar passando por todos esses percalços.

Eu nunca morei no campo. Não sei nada sobre a terra, colheita, cultura. Foi nesse momento que me lembrei das histórias que minha mãe me contava desde que eu era pequena. Ela nasceu e se criou no campo. Tomou banho de rio, correu descalça, descascou feijão, tomou leite puro, recém –tirado da vaca, comeu ovo fresco, galinha de capoeira, e só deixou o campo pela necessidade de estudar.

Contava ela que a maior alegria era a de voltar para a fazenda, rever os pais nos feriados, nas férias. Eu vivi o campo através da memória da minha mãe. Vivi em tudo o que ela me contou e me ensinou e ainda no sonho que ela tem de um dia voltar a viver na terra.

Ela foi a primeira sem terra que eu conheci e que admirei. Por causa dela eu me comprometi a conhecer o homem do campo, este homem simples, desconfiado, que não nos deixa sair de sua casa sem provar os frutos do seu trabalho.

Este trabalho é dedicado a ela, ***Dione Costa dos Santos*** - minha mãe - mulher forte que me ensinou a correr atrás de meus sonhos e a acreditar que eles podem se tornar realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas significativas em minha vida, sem as quais este mestrado teria sido impossível:

À minha família: minha mãe Dione; meus irmãos Denys, Otávio e Ranes; minhas cunhadas Mônica, Dirlene e Heliane; meus sobrinhos Dioninha, Neto, Del, Tavinho e Reyvissom.

Ao meu pai, José Amâncio (in memorian), que sempre foi meu grande incentivador, amigo e ídolo, que hoje já não está mais aqui, mas que faz parte de mais esta conquista.

À minha orientadora Prof^a. Dra. Bader Burihan Sawaia que acreditou em meus projetos e me guiou pelos caminhos dos estudos da Dialética Exclusão/Inclusão Social.

Às Professoras e minhas eternas mestras Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira e Dra Auxiliadora Ribeiro, por terem guiado meus primeiros passos pelos caminhos da Psicologia Social.

À amiga Janaína Ricardo, por todos os anos de companheirismo e por ter me acolhido e apoiado durante minha estadia em São Paulo.

À amiga Antonieta Bastos, pelos anos de amizade e por ter a paciência de me escutar nas altas horas da madrugada quando a saudade da minha terrinha se fazia tão forte.

À amiga Patrícia Fabiana, que chegou em minha vida há tão pouco tempo, mas que parece já fazer parte dela desde sempre.

Ao *Prof. Dr. Odair Sass e Profª Dra. Silvana García*, pelas importantes colaborações durante a qualificação desta dissertação.

A todos os docentes da PUC-SP que, mediante as discussões em suas disciplinas, contribuíram com esta dissertação.

Aos Nexinianos e Nexinianas pelas discussões realizadas sobre a dissertação e pelo companheirismo.

A todos os colegas de mestrado pelo afeto e por terem tornado minha vida em São Paulo mais fácil e divertida, em particular *Solange Guimarães, Paulo Alexandre, Neiza Cristina, Agnaldo, Maria Silvia, Denise, Roberto e Laura*.

Aos amigos Juliano Bastos, Diego Benevides, Elton Castro, Roberto Luiz, Ilce Bastos, Will, Luciana, Ana Paula, Carmen Arrezzi, Catarina Vilaça, Tana e aos colegas da Universidade Federal de Alagoas.

AO *MST*, por lutar pela reforma agrária em nosso país tão repleto de desigualdades sociais.

Aos *sujeitos desta pesquisa* que me receberam em suas casas, contaram suas histórias e colaboraram para a realização deste trabalho. Sem eles, ele não teria sido possível.

Ao *CNPq* pela bolsa de mestrado que, sem dúvida nenhuma, foi de fundamental importância para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação teve por objetivo compreender como se dá o processo de tornar-se um assentado rural, discutindo os sentidos desse processo para os sujeitos desta pesquisa, visando levantar subsídios para refletir sobre a sua potencialidade cidadã e/ou de inclusão perversa. Para tanto foram utilizados os referenciais da Psicologia Sócio-histórica de Vygotsky e do Núcleo de Estudos Psicossociais da Dialética Exclusão/Inclusão Social. A pesquisa foi realizada em um Assentamento, localizado na Zona da Mata do Estado de Alagoas, quando foram entrevistados na primeira etapa 65 sujeitos moradores desse assentamento e na segunda etapa nove sujeitos, dos quais apenas sete foram válidas para as finalidades da pesquisa e construção das histórias de vida dos sujeitos, visto que os outros entrevistados foram monossilábicos em suas respostas. A análise foi orientada pelo referencial teórico criado por Vygotsky, buscando o subtexto (base afetivo-volitiva) da fala dos entrevistados para entender os sentidos e significados de se tornar um assentado rural do MST. Com este procedimento analítico chegou-se às seguintes unidades de sentido: Trabalho, Educação, Religião e Lazer, todas elas perpassadas pela unidade de sentido maior que é a terra. A partir dos resultados chegou-se a conclusão que os sujeitos buscaram o MST por necessidade de sobrevivência, e foram potencializados para a ação durante todo o período de luta pela terra e construção do assentamento. Ao tornarem-se assentados rurais, desmobilizaram-se para a ação, com a atitude de esperar pelo outro para a resolução dos problemas do assentamento, com poucos espaços e momentos de convivência coletiva, com o trabalho produtivo e comercialização dos produtos rurais quase sempre restritos ao lote e à família (em detrimento da produção coletiva). O único fator de mobilização é a religião. Todos esses resultados apontam para uma forma de inclusão perversa e precária por meio do assentamento rural, onde faltam espaços de convivência, partilha e afeto; assistência técnica adequada para a produção e comercialização dos produtos; precário acesso ao sistema de saúde pública; educação descolada da realidade do assentamento; acesso precário ao assentamento através de estradas sem asfalto e mal conservadas e predomínio dos sentidos apregoados por instituições religiosas, que os levam a esperar, agora, pela terra prometida no céu.

Palavras Chave: *dialética exclusão/inclusão; MST; assentamentos rurais, movimentos sociais, sentido e significado.*

ABSTRACT

This dissertation had for objective to understand as if agricultural one gives the process to become one seated, arguing the directions of this process for the citizens of this research, aiming at to raise subsidies to reflect on its potentiality citizen eor of perverse inclusion. For the referenciais of the Partner-historical Psychology of Vygotsky and the Nucleus of Psicossociais Studies of the Dialectic had been in such a way used Exclusion Social inclusion. The research was carried through in a Nesting, located in the Zone of Mata of the State of Alagoas, when 65 living citizens of this nesting had been interviewed in the first stage and in the second stage nine citizens, of which only seven had been valid for the purposes of the research and construction of histories of life of the citizens, since the interviewed others had been monossilábicos in its answers. The analysis was guided by the theoretical referencial created by Vygotsky, searching subtexto (affective-volitional base) of it speaks of the interviewed ones to understand the directions and meanings of if becoming one seated agricultural one of the MST. With this analytical procedure one arrived it the following units of felt: Work, Education, Religion and Leisure, all they perpassadas by the unit of bigger direction that is the land. From the results it was arrived conclusion that the citizens had searched the MST for survival necessity, e had been potencializados for the action during all the period of fight for the land and construction of the nesting. When becoming seated agricultural, they were desmobilizaram for the action, with the attitude to wait for the other for the resolution of the problems of the nesting, with few spaces and moments of collective convivência, with the productive work and commercialization of the agricultural products almost always restricted to the lot and the family (in detriment of the collective production). The only factor of mobilization is the religion. All these results point with respect to a form of perverse and precarious inclusion by means of the agricultural nesting, where they lack convivência spaces, allotment and affection; assistance technique adjusted for the production and commercialization of the products; precarious access to the system of public health; unglued education of the reality of the nesting; precarious access to the nesting through roads without asphalt and badly conserved and predominance of the directions proclaimed for religious institutions, that they take them to wait, now, for the land promised in the sky.

Key Words: dialectic exclusion/inclusion; MST; agricultural nestings, social movements, felt and meaning.

PUREZA

*Danado de viver é bom!
 Viver num é bom não. Nunca foi bom,
 Só se for pros outros, porque pra mim nunca que foi.
 Quando menino pequeno, apanhava feito um desgraçado,
 Chega dava pena de mim. Agora que to menino grande
 Continuo apanhando, só que agora:
 Da palha da cana, que latanha a gente todinho feito uma pisa de chicote,
 Da quentura do sol que deixa as carne da gente toda ardida
 - vixe Maria, a cabeça é capaz de pipocar com tanta quentura-
 E por último, da fome. É, da fome mermo.
 Porque quando nós cresce, a fome cresce junto com nós,
 Mas o tanto de cumê é o mermo.
 Dizer que isso é bom, ôxe?!
 Já viu um sofrimento desse ser bom?
 Só se esse negócio de bom for outra coisa
 E não o que me disseram – aqui é tudo atrasado mermo –
 Vai ver esse negócio de bom já mudou e nós aqui que num sabe.
 Deus? Deve ter ido embora daqui, que ele é Deus mas né besta.
 E ele ta certo. Isso aqui num é lugar pra ninguém morar não,
 Quanto mais ele que pode ir pronde quiser,
 Eu se pudesse já tinha ido também.
 A única coisa que tem de bom aqui é dormir de rede.
 Ah! É bom por demais!
 Uma vez por semana, o pai deixa um de nós dormir de rede.
 Ah! É muito bom! As costa da gente – acostumada com o chão duro –
 Chega amacia quando a gente se deita.
 Eu queria mermo é que esse mundo acabasse,
 E começasse tudo diferente:
 Que a palha da cana num cortasse e fosse que nem pena de passarinho,
 Que a quentura do sol fosse menor
 E o de cumê fosse mais, que tivesse pra todo mundo e...
 Que mais?
 Ah! E que Deus viesse pelo menos de vez em quando aqui fazer uma visitinha,
 Porque eu num conheci ele não.
 Mas sinto uma falta danada!*

(Juliano Almeida Bastos)

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| PARA INÍCIO DE CONVERSA..... | 10 |
| CAPÍTULO I - O MST E SUA HISTÓRIA DE | 18 |
| LUTAS..... | |
| CAPÍTULO II – SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO..... | 31 |
| CAPÍTULO III – CAMINHOS DA PESQUISA..... | 39 |
| CAPÍTULO IV – O ASSENTAMENTO..... | 45 |
| CAPÍTULO V – HISTÓRIAS DE SEM TERRAS..... | 52 |
| 5.1 Sujeitos que nasceram, se criaram no campo e nunca saíram de lá... | 52 |
| 5.1.1 A história de Moisés..... | 53 |
| 5.1.2 A história de Marcel..... | 58 |
| 5.2 Sujeitos que nasceram no campo, migraram para a cidade, mas | |
| retornaram ao campo através do Projeto de Assentamento Rural..... | 60 |
| 5.2.1 A história de Míriam..... | 60 |
| 5.2.2 A história de Fernando..... | 74 |
| 5.2.3 A história de Conceição..... | 79 |
| 5.2.3 A história de Nélio..... | 83 |
| 5.3 Sujeito que não morou no campo anteriormente, mas vive esta | |
| experiência através do Assentamento..... | 87 |
| 5.3.1 A história de Henrique..... | 87 |
| CAPÍTULO VI – BUSCANDO O SUBTEXTO..... | 93 |
| 6.1 Terra e Trabalho..... | 94 |
| 6.2 Terra e Religião..... | 101 |
| 6.3 Terra e Educação..... | 104 |
| 6.4 Terra e Lazer..... | 106 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 109 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 115 |
| APÊNDICES..... | 118 |
| APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA..... | 119 |
| APÊNDICE B – SÍNTESE DOS QUESTIONÁRIOS..... | 120 |
| APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA..... | 122 |

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Minha história com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) começou em 1998, quando participei como estagiária-extensionista do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), que foi firmado numa parceria entre a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)¹ Naquele momento não tinha idéia de como era o Movimento. Visitei os primeiros assentamentos ainda com uma visão preconceituosa divulgada pela mídia de que são violentos.²

Meu trabalho nos assentamentos abrangeu o período de setembro de 1998 a dezembro de 1999, o que correspondeu à fase de implantação do Programa em Alagoas. Esta fase teve como objetivo alfabetizar 1.000 (um mil) jovens e adultos, com idades a partir de 15 anos, distribuídos nos diversos assentamentos do MST no Estado, e proporcionar aos assentados que trabalhassem como Alfabetizadores (que deveriam ter pelo menos até a 4ª série do ensino fundamental) formação no ensino fundamental e a habilitação para o magistério.

Fizeram parte do Programa neste 1º momento 1.000 (um mil) alfabetizandos, cinco coordenadores locais (que vieram do Estado do Espírito Santo), 50 alfabetizadores e cinco estudantes Universitários (que atuaram como estagiários). Nessa primeira fase, o PRONERA não atingiu sua meta, pois a

^{1 1} O Programa foi e atualmente ainda é, coordenado pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Alfabetização (NEPEAL), localizado no Centro de Educação (CEDU/UFAL).

estrutura física das salas de aula, falta de iluminação adequada, entre outros problemas, levaram à desistência de vários alfabetizandos e alfabetizadores e ao fechamento de várias salas.

O trabalho do estagiário-extensionista consistia em realizar acompanhamento pedagógico nos assentamentos atendidos pelo Programa em Alagoas. Uma vez ao mês, o estagiário se deslocava até os assentamentos de sua responsabilidade e lá permanecia por dois dias. Neste período, ficava hospedado na casa de algum assentado, geralmente um Alfabetizador, e realizava visitas às salas de aula, observando o desempenho dos alfabetizadores e dos alfabetizandos.

Em sala de aula, conversava com os alunos, participava das aulas, algumas das vezes ministrando-as, observava os cadernos e os livros e auxiliava os alfabetizadores em suas dúvidas. Também fazia parte do trabalho realizar reuniões pedagógicas com os alfabetizadores, nas quais as questões enfrentadas em sala de aula eram comentadas. Os alfabetizadores expunham suas dificuldades e como estava o desenvolvimento com os planos de aula e organizavam-se os temas das aulas para o período de um mês.

As aulas deveriam ser ministradas de acordo com o planejamento realizado na Universidade durante as capacitações e seguir o tema gerador que norteava este planejamento, que era Identidade do Sujeito. Este tema era dividido em três etapas: I- Quem sou eu? II- Onde vivo? III- Como é meu corpo?

Trabalhando esses três tópicos tinha-se o objetivo de alfabetizar e propiciar aos alfabetizandos uma discussão sobre suas histórias de vida e o contexto no qual estavam inseridos: moradia, questões agrárias, migração, gostos, política, tradições, doenças sexualmente transmissíveis, alimentação, cotidiano.

² Sobre o discurso da mídia sobre o MST ver Souza (2001).

Observando as aulas, constatei que grande parte dos alfabetizados era oriunda da zona urbana. Ex-moradores da periferia das grandes cidades ou mesmo do interior do Estado de Alagoas e outros Estados como Pernambuco, Paraíba e Ceará.

Estavam assim passando de uma realidade urbana para uma realidade rural, onde muitas vezes não existia energia elétrica e muito menos água encanada e tratada. É certo que alguns deles não dispunham de conforto em suas moradias anteriores, mas dispunham do mínimo que as cidades podiam oferecer, como água, energia, escolas, supermercados, facilidade de acesso aos serviços de saúde, lazer, transporte, que nos assentamentos são praticamente inexistentes.

Essa nova realidade trouxe grandes mudanças em seu dia-a-dia. Não só a passagem do urbano para o rural, mas agora eram donos da terra e tinham que lidar com ela, ainda que não soubessem. Tinham que lidar com a perda da plantação, com a falta de chuva ou ainda com o plantio errado. Tinham que arcar com prejuízos e ainda criar seus filhos nesta nova perspectiva de donos da terra, mas também de ser “Sem Terra”³

Não foi raro encontrar pessoas reclamando da falta de água encanada, da falta de energia elétrica, tv, assistência médica, de estrutura das escolas e ainda da falta de transporte do assentamento para a cidade. O morador da cidade estava se tornando morador da zona rural e sentindo falta das comodidade as quais, mesmo que precariamente , tinham acesso.

Conhecendo as pessoas que residiam nos assentamentos, visitando suas casas, conversando, partilhando de suas mesas, comecei conhecer as pessoas tal como são: pessoas lutadoras, que tiveram a coragem de acreditar que poderiam

³ Embora a questão da posse da terra esteja resolvida entre eles, ainda são apontados na rua como “Sem terras”, membros de um movimento que representa baderna, comunismo e muitas vezes

conquistar seu lugar, seu pedaço de terra, e ter uma vida mais digna, longe da miséria na qual passaram boa parte de suas vidas.

Minha primeira pesquisa entre eles foi com os jovens. Em meu Trabalho de Conclusão de Curso (SANTOS, 2002), quis saber porque alguns jovens se engajavam nas fileiras do MST e outros não. A pesquisa concluiu que o que levava os jovens a se envolver ou não com o Movimento, eram suas trajetórias de vida e seus projetos de futuro. Tal conclusão alimentou ainda mais a minha intenção de usar os conhecimentos de Psicologia para colaborar com o aperfeiçoamento de ações em prol da eficácia desse movimento, no sentido de garantir cidadania, qualidade de vida, potência de vida e de autonomia.

Aprofundei o levantamento da literatura sobre MST, na área da psicologia e encontrei poucos trabalhos na área sobre este movimento, sendo que na PUC, no Programa de Psicologia Social, foram desenvolvidos apenas três. A grande maioria das pesquisas envolvendo o MST e outros Movimentos sociais ligados à questão da terra são realizadas na área das ciências sociais, sociologia ou história.

Essa ausência foi um dos motivos que suscitou meu interesse em compreender os sentidos, afetos e as relações que se configuram no processo de tornar-se um assentado rural, para compreender a dimensão psicossocial dos movimentos relacionados à questão rural, especialmente, para refletir sobre o potencial emancipador dos mesmos. Nesta direção entendo que é preciso completar os estudos sociológicos e políticos com pesquisas sobre **1. os motivos que levam as pessoas a deixarem a cidade e retornarem ao campo, fazendo um movimento inverso ao que se deu nas suas histórias de vida ou de seus pais durante a implantação das indústrias nos centros urbanos? 2. Qual o sentido e a satisfação da volta ao campo e de ser um assentado do MST? 3. Como os**

princípios do MST se transformaram em sentido e ação dos participantes? 4. Os moradores dos assentamentos desejam ou não que seus filhos, no futuro, permaneçam no campo?

Para levantar estas questões elaborei um questionário, inserido em apêndice (A) e escolhi um assentamento com o qual já tivera contato, e fui ao campo procurar as respostas às questões acima apresentadas. O local escolhido para a realização da pesquisa foi um assentamento, em que trabalhei na época do PRONERA, pois já tinha acesso ao mesmo e aos seus moradores e ainda é um assentamento fundado em 1996, que tem uma história de luta e de construção realizada pelos próprios moradores.

O assentamento escolhido fica localizado na Zona da Mata Alagoana, região onde predomina o cultivo da cana-de-açúcar, dominada, ainda hoje, pelo Coronelismo⁴. São os netos dos antigos Coronéis que estão hoje, no poder. São proprietários de grandes latifúndios, de usinas de cana-de-açúcar e álcool, e quase sempre, chefes políticos destas regiões.

Em um primeiro momento, pensei que o problema de pesquisa não era válido, pois a maioria das pessoas que residia nos assentamentos era oriunda das cidades e não do campo. Mas com o passar do tempo, conhecendo a história da região em que se encontravam, fui me questionando se essas pessoas que vinham da cidade não haviam sido moradores do campo.

Respondidas estas primeiras questões e tendo analisado seus resultados, voltei ao campo para pesquisar, agora sim, a trajetória do homem que procurou o

⁴ O Coronelismo é um resquício, ainda existente no nordeste, da antiga Guarda Nacional, criada com a proclamação da República, que graduou os grandes latifundiários como coronéis, generais e capitães. Ainda hoje têm poderes políticos que ultrapassam os direitos dos cidadãos, muitas vezes decidindo a vida ou a morte de seus desafetos.

MST, participou das experiências de acampamento e agora estava morando nos assentamentos e lidava com seu “*pedacinho*” de terra.

Alagoas é um estado tipicamente produtor de cana-de-açúcar. Durante muitos anos, as usinas e seus proprietários dominavam a região, a política, a religião, o comércio e a vida das pessoas. Ainda hoje não é raro encontrar um município cuja vida econômica, política e social gire em torno de uma usina produtora de açúcar e álcool. A maioria das pessoas que residem no Estado ou foram moradores do campo, ou são filhos de moradores ou ex-moradores, ou trabalharam como bóias-frias nestas fazendas.

Para compreender as questões trazidas pelos sujeitos desta pesquisa, relacionadas à configuração dos sentidos na experiência com o MST, fui buscar em Vygotsky categorias como sentido, consciência, ação e emoção. O autor foi escolhido por sua perspectiva sócio-histórica que destaca a função política das questões psicológicas e sua gênese social.

Uma outra categoria, aqui utilizada, é a da exclusão social que segundo Sawaia (1999, p. 8): “*É processo sócio-histórico, que se configura pelos recalcamientos em todas as esferas da vida social, mas é vivido com necessidade do eu, como sentimentos, significados e ações.*”

É necessário dizer que a exclusão é entendida não como estado ou um fato social, mas como processo que se dá na forma da dialética exclusão/inclusão ou como “*inclusão precária, instável e marginal*” (MARTINS 2003, p. 20). Para Martins trata-se de uma inclusão onde o sujeito é incluído no sistema econômico, porém tendo acesso precário aos bens de circulação e produção de forma apenas a manter e reproduzir o sistema capitalista vigente.

Esta categoria incorpora outro elemento de reflexão ao objetivo da pesquisa e suscita novas perguntas: **1. Tornar-se agricultor é uma forma de inclusão? 2. Ao possuir um lote, onde pode trabalhar ele supera a exclusão? 3. Como eles sentem isso, uma vez que tendo percebido que não permite tirar um sustento digno para si e para sua família? 4. E ainda tem acesso muito restrito à saúde, transporte, educação e lazer?**

É dentro destes referenciais, discutidos e estudados no NEXIN, Núcleo de Estudos da Dialética Exclusão/Inclusão Social, que tentaremos **compreender como se dá o processo de tornar-se um assentado rural, discutindo os sentidos desse processo para os sujeitos desta pesquisa, visando levantar subsídios para refletir sobre a sua potencialidade cidadã e/ou de inclusão perversa.**

No primeiro capítulo desta dissertação foi traçada a trajetória histórica do homem do campo em nosso país, até a fundação do MST e como este movimento vem atuando para a realização da reforma agrária no Brasil.

No capítulo dois, é apresentado o referencial teórico que permeia este trabalho, baseado na Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky e na Dialética Exclusão/Inclusão social.

No terceiro capítulo apresentou-se os caminhos percorridos na pesquisa para se chegar até o assentamento, aos assentados rurais e suas histórias e as lentes metodológicas utilizadas para a leitura do subtexto em suas falas.

No quarto capítulo a história e o cotidiano do Assentamento é apresentada e no capítulo cinco são apresentadas as histórias dos sujeitos desta pesquisa: sem terras que se tornaram assentados rurais e que abriram suas casas e suas vidas para a realização desta dissertação.

E no capítulo VI, as histórias dos sujeitos se encontram com a teoria e o subtexto é apresentado por meio da análise das falas dos assentados rurais. Por fim, são trazidas as considerações finais acerca da problemática levantada neste trabalho.

CAPÍTULO I

O MST E SUA HISTÓRIA DE LUTAS

O Brasil é um país que teve, desde sua colonização uma história de exclusão e expropriação do homem do campo. Segundo Martins (1986), as questões envolvendo a terra começam quando da ocupação do Brasil pelos Portugueses, em 1500, mas se intensificam no final do Império, com a abolição da escravatura. Ele afirma que até hoje “... a terra é a fonte de poder econômico e de poder político”.(MARTINS, 1993, p.91).

Se olharmos hoje para os telejornais e jornais escritos, encontraremos dezenas de notícias sobre ocupações, despejos, protestos, ações que envolvem os diversos movimentos sociais existentes em nosso país que reivindicam até hoje a possibilidade de ter um pedaço de terra para plantar. A questão agrária está na pauta social e a reforma agrária se faz cada dia mais urgente no Brasil.

Quando Martins (1993) afirma que a terra é instrumento de poder político e econômico até hoje, penso nos meses (junho e julho e início de agosto de 2004) que passei no Nordeste, na cidade onde minha família reside, na Zona da Mata do Estado de Alagoas, com pouco mais de 16 mil habitantes. A disputa política estava acirrada. O atual prefeito e seu adversário subiam aos seus respectivos palanques para tentar mostrar qual dos dois era o mais preocupado em transformar nossa cidade em uma cidade mais digna de se viver. Olhando tudo aquilo, percebi que estes que hoje se dizem adversários, revolucionários, “pais do povo”, não eram senão, os netos dos políticos, antigos “coronéis”, que na época dos meus avós, já

eram os “donos” da cidade. É uma história que se perpetua: os grandes proprietários de terra continuam no poder, sejam eles da situação ou da oposição.

Precisamos olhar para nossa história e ver como as questões envolvendo a terra e o poder se fazem presentes desde o início da colonização brasileira. Discutir a questão agrária hoje e resolvê-la é uma dívida que o país tem com seus habitantes e com sua história.

O campesinato⁵ brasileiro tradicional tem sua origem no período colonial (MARTINS, 1986, p. 31). Neste período, só tinha direito a terra aqueles que tivessem o sangue puro, ou seja, fosse filho de pai e mãe brancos. Estavam assim excluídos os índios, mestiços e negros libertos.

No século XVI, quando se desistiu de continuar com a tentativa de escravização dos índios, e com o início da escravidão negra, começam a aparecer os agregados das fazendas ou os assim chamados moradores de favor. Estes moravam nas fazendas, deviam obediência aos proprietários, mas não tinham direito a posse da terra. A eles eram destinados um pequeno pedaço de terra para cultivarem alimentos para a sua subsistência.

Os negros foram trazidos para o Brasil para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar e de café, por traficantes de escravos que os capturavam na costa africana ou os compravam de tribos que os faziam prisioneiros através de guerras. O negro, durante muito tempo teve valor de moeda no Brasil. Ter um grande número de escravos significava ter muito poder.

Uma outra questão que engrossava o número de agregados nas fazendas era o sistema de morgadio. Este sistema consistia em garantir como único herdeiro, o primogênito de cada família. Este herdeiro, na maioria das vezes, aceitava como

⁵ Chamamos aqui de camponês, agregado e morador àquelas pessoas moradoras de fazendas e que não possuíam o título da terra, viviam sob a proteção do fazendeiro.

agregados os parentes destituídos de herança, dando-lhes proteção e recebendo deles dedicação e obediência.

Com a extinção do morgadio em 1935, já no Império, com o intuito de manter a terra na família, os grandes fazendeiros instituíram o casamento intra-familiar e o cultivo da terra em comum, sem com isso, ter que dividir as propriedades em partes, mantendo assim indivisível as grandes propriedades.

É interessante notar que, naquela época, os brancos ditos puros, poderiam abrir posses e requerer uma sesmaria, bastando para isso demonstrar que estava produzindo sobre ela.

Os mestiços não poderiam adquirir a terra desta maneira, por não serem “puros”. A posse do mestiço se dava em nome do fazendeiro branco (MARTINS, 1986, p. 35). As relações entre fazendeiro e camponês se davam através de troca, troca de favores, de proteção, de poder estar sobre a terra, diferente do negro, que era tido apenas como posse. O negro era um capital de troca, o camponês era apenas um agregado, que eventualmente fazia algum favor ao patrão, como por exemplo a abertura de novas fazendas.

O camponês era, portanto, duplamente excluído: da condição de proprietário de terras e da condição de escravo, já que não podia ser convertido em renda capitalizada do tráfico colonial. Essa exclusão, portanto, das relações de propriedade, não o excluía da propriedade. Ele viveu, durante todo o tempo do escravismo, essa contradição que só se resolveu quando se resolveu a contradição maior representada pelo escravo numa economia capitalista de produção escravista de mercadorias. (MARTINS, 1986, p. 38).

Só no Nordeste estes camponeses encontraram uma função econômica: a de produção de gêneros alimentícios. Já que o negro era destinado apenas ao cultivo da cana-de-açúcar dentro das fazendas, os camponeses produziam gêneros

alimentícios, a chamada “lavoura de pobre” (MARTINS, 1986, p. 39), eles livravam o padrão de ter que comprar estes alimentos de pequenos sitiantes.

Estes sitiantes eram agricultores itinerantes que abriam pequenas posses e produziam gêneros para a comercialização. Quando a terra se esgotava em determinado lugar, logo eles abriam outras posses em outras localidades, não possuindo assim vínculo com a terra ou determinado lugar. Ele era diferente dos posseiros, que não tinham a posse legal da terra, mas mantinham um vínculo com ela, moravam nela, mas ela era propriedade do fazendeiro.

Segundo Martins (1986), no final do Império, duas mudanças importantes aconteceram no cenário nacional: a Lei de terras de 1850, que “*transformava as terras devolutas⁶ em monopólio do Estado*” (MARTINS, 1986, p. 42), e a extinção da escravidão negra, em 1888. Mas qual o grau de significância destas mudanças e por que foi promulgada esta lei?

Desde a extinção do regime de sesmarias, em 1822, diversas posses foram abertas no país e isso teria que ser evitado.

Em 1850, por influência da Inglaterra, foi extinto o tráfico de negros da África, com isso, previa-se que haveria falta de mão-de-obra negra para as lavouras e a abolição da escravidão era também evidente. Por isso, era necessário se pensar em trabalhadores para substituir os negros na lavoura.

A alternativa seria trazer camponeses europeus para substituir os negros, só que agora, não como escravos, mas como trabalhadores livres e assalariados. Se estes trabalhadores encontrassem terra disponível para plantar, não trabalhariam para os fazendeiros nas lavouras, por isso era necessário uma lei que tornasse indisponível estas terras, salvo para quem as pudesse comprar.

Assim, os camponeses europeus deveriam se empenhar arduamente no trabalho nas lavouras para conseguir juntar uma boa soma em dinheiro e comprar um pequeno pedaço de terra para cultivar. Esta imigração foi mais intensa no sul e sudeste do país.

O campesinato brasileiro vai ser substituído: se antes o posseiro era aceito e tinha lugar nas fazendas, agora ele precisa comprar a terra para poder plantar, ele se transforma em pequeno proprietário que depende também do mercado para sobreviver. Com estas mudanças e com a abolição da escravatura, o valor que era agregado aos escravos, é agregado a terra. A terra agora é mercadoria.

Com a proclamação da república, as terras devolutas são transferidas para os Estados e cada Estado deveria ter uma política de distribuição de terras. É necessário lembrar que foi também na república que se instituiu a Guarda Nacional, onde os membros mais graduados recebiam as patentes de General, Capitão e Coronel, o que permitiu que os grandes proprietários de terra, chefes municipais e regionais recebessem títulos de coronel, inaugurando o Coronelismo no Brasil. Ora, se a política de distribuição de terras cabia aos Estados e os Estados eram governados pelos coronéis, assistiu-se assim no Brasil a uma grande distribuição de terras a estes fazendeiros, a seus familiares, protegidos e a empresas de colonização interessadas na especulação imobiliária.

No sul e sudeste, com a vinda dos colonos europeus para o trabalho nas lavouras, o Coronelismo foi menos evidente, mas no nordeste, onde estes colonos não chegaram devido a decadência da cana-de-açúcar, os escravos foram substituídos pelos agregados.

⁶ No Brasil colônia vigorava o sistema de sesmarias. A Coroa Portuguesa doava terras (sesmarias) a pessoa que tivessem condições para cultivá-las. Uma vez que se observa que estas terras estavam improdutivas, elas teriam então que ser devolvidas à Coroa.

Como na república foi extinta a exigência de uma renda mínima para votar, todos os libertos teriam esse direito, mas apenas se fossem considerados alfabetizados. Com isso, os coronéis controlavam todos os votos de seus agregados e daqueles que lhe deviam algum favor. Cada coronel era proprietário de um grande número de votos, criando os assim chamados votos de cabresto, formando os currais eleitorais.

Esta forma de fazer política foi legitimada na presidência de Campos Sales, no final do século XIX – início do século XX, onde foi criada a política dos governadores ou clientelismo político. Para se eleger, o presidente necessitava do favor dos governadores, que por sua vez necessitava dos chefes municipais, que por sua vez controlavam os currais eleitorais.

Os chefes municipais podiam assim interferir na vida dos municípios de forma mais precisa, intervindo na nomeação de delegados, na transferência de soldados, funcionários públicos, entre outros.

As primeiras crises no Coronelismo começam a aparecer com os movimentos messiânicos e o banditismo. Estes movimentos, em sua maioria contestavam o poder dos coronéis e estabeleciam um poder paralelo, dado a chefes religiosos ou a cangaceiros.

Os Movimentos Messiânicos⁷ foram movimentos de luta pela terra que tiveram como líderes figuras místicas que tratavam a questão agrária como uma luta entre o bem e o mal. A questão agrária era revestida de um significado místico e religioso. De todos os Movimentos messiânicos brasileiros, sem dúvida, o mais conhecido é o que aconteceu no sertão da Bahia, no povoado de Belo Monte,

⁷ Para maior aprofundamento sobre os Movimentos Messiânicos vide Queiróz (1965).

liderado por A. Vincente Mendes Maciel, o A. Conselheiro, mas estes movimentos aconteceram de norte a sul do Brasil.

Até a década de 40, podemos dizer que os movimentos que aconteceram no campo estavam sempre ligados a líderes religiosos. Com um cenário mundial que se modificava devido às duas grandes guerras mundiais, no Brasil, começam a surgir os grandes movimentos sociais no campo.

Neste período as lutas não se concentram em um líder religioso “em busca da terra prometida”, mas se organizam em grupos que se politizam e vão a busca de um direito social e político, que é o de garantir terra para plantar, produzir e prover sua própria subsistência.

Um outro dado importante no cenário brasileiro, é o período que antecedeu o golpe militar. Nos anos 60, com a renúncia de Jânio Quadros, assume seu vice João Goulart.

Segundo Silva (2003, p. 3-4):

O Presidente João Goulart, juntamente com o seu partido (PTB), defendia que a reforma agrária fosse instaurada com o objetivo de aumentar a produção agrícola do país e ampliar o mercado interno. Ampliar o mercado interno nacional levaria a concretização de uma outra bandeira levantada por seu governo; o desenvolvimento da indústria nacional. Com este intuito o presidente João Goulart formou uma aliança com a Igreja e os comunistas – a chamada Política de frente única – que buscava realizar mudanças profundas nas relações agrárias no Brasil e ao mesmo tempo, combater as Ligas Camponesas que neste momento assumiam uma posição mais radical – a revolução camponesa.

No entanto, as oligarquias brasileiras, formadas pelos grandes fazendeiros reagiram de imediato a esta política fazendo oposição ao governo e acusando-o de comunista. Esta situação culminou com o golpe de 1964 e a implantação da ditadura militar no Brasil que durou mais de duas décadas.

Foi neste contexto social e político que surgiram os grandes movimentos sociais de luta pela terra como as Ligas Camponesas⁸, Os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (influenciados pelo PCB)⁹, o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER)¹⁰ e a Comissão Pastoral da Terra (CPT)¹¹.

É como herdeiros desses diversos movimentos de luta pela terra que surge o MST no ano de 1984, mais especificamente num encontro da CPT realizado de 21 a 24 de janeiro daquele ano. Neste encontro foram definidos os princípios, formas de organização, reivindicações, estrutura e forma de luta do Movimento. Hoje é um movimento social conhecido e reconhecido internacionalmente.

O nome, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, nasce de um debate político em que ficou evidenciado o caráter de classe do movimento. Os membros do Movimento eram trabalhadores, portanto pertenciam a essa classe e como tal deveriam ser reconhecidos. Já o nome Sem-Terra foi atribuído muito mais pela imprensa que assim passou a denominar esses trabalhadores desde outros movimentos como o MASTER.

Foi importante também para a criação do MST a discussão em torno da CPT, durante o encontro de 1982, quando os dirigentes do MST optaram por não formar uma comissão de sem-terra dentro da CPT, pois acreditavam que a vinculação da CPT à igreja tiraria do movimento sua autonomia.

⁸ As ligas camponesas surgiram em Vitória de Santos Antão – PE, em 1954, para lutar pelos direitos dos arrendatários de terras que estavam sendo expulsos das terras pelos grandes latifundiários plantadores de cana-de-açúcar.

⁹ Os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais foram fundados nos anos 70 em Minas Gerais

¹⁰ Em 1958 surgiu o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER). Fundado no Rio Grande do Sul, teve grande influência do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro – e atuou no Rio Grande do Sul pressionando o governo estadual a realizar assentamentos. O MASTER teve seu término em 1964 quando foi colocado na ilegalidade e perseguido.

¹¹ A partir dos anos 70 a igreja Católica começou a se manifestar sobre os problemas dos trabalhadores do campo. Em plena ditadura Militar, padres e bispos, em apoio aos trabalhadores rurais das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, fundaram a CPT (Comissão Pastoral da Terra).

Porém, o MST preserva algumas características de seu vínculo com a CPT como, por exemplo, a mística em torno da terra. Essa mística gira sempre em torno da luta do trabalhador pela terra, traz as desigualdades sociais, o dia-a-dia do povo, e tem caráter de celebração. Através da mística as pessoas são levadas a refletir sobre os problemas sociais que assolam o país e o mundo. São geralmente encenadas apresentações teatrais, utilizando linguagem simples e carregada de significados políticos, que representam as desigualdades sociais, as ocupações de terra, as políticas públicas e econômicas do Governo e o cotidiano do homem do campo. Estas apresentações são quase sempre seguidas de discussões acerca dos temas representados e têm por objetivo incentivar a conscientização dos trabalhadores rurais sobre dos temas encenados.

Mas como não poderia deixar de ser, o MST tem seus princípios organizativos. O primeiro deles é a *Direção Coletiva*. Este princípio coloca que todas as decisões devem ser tomadas no coletivo, onde as pessoas possam opinar e votar. Assim sendo, até mesmo a nomeação de pessoas para ocuparem a direção geral é escolhido primeiro nos Estados, só depois em reuniões onde os delegados de cada Estado possam votar.

Um segundo princípio é a *Divisão de Tarefas*. Ao ingressar no Movimento, as pessoas são aproveitadas no que sabem ou gostam de fazer. Cada pessoa trabalha naquilo que tem habilidade. O MST acredita que só tenha ganhar com isso, pois trabalhando no que gosta, a pessoa pode se dedicar com mais afinco às tarefas e tem um rendimento melhor. Uma outra vantagem é que as tarefas são realizadas por diversas pessoas em diversos coletivos, tirando das mãos de alguns ou de um apenas, as decisões e o poder.

Três outros princípios são a *disciplina*, o *estudo* e a *formação de quadros*. A disciplina aqui não é tida como algo imposto mais como um princípio para o respeito e o bom andamento dos trabalhos. O estudo é incentivado a todas as pessoas do movimento, não só para que o trabalhador seja alfabetizado, mas para que tenha condições de ter uma formação e uma visão crítica do mundo. A formação de quadros é tida como um princípio fundamental, pois se acredita que ninguém de fora formará quadros para o movimento, mas eles mesmos têm que formar quadros técnicos, políticos e profissionais de todas as áreas.

Os dois últimos princípios são a *Luta de massas* e a *vinculação com a base*. Em síntese, todas as lutas promovidas pelo MST têm que ser de massa, pois só assim conseguirão ter êxito e voz perante a sociedade. E por último tem-se que, por mais que algum membro ou dirigente tenha estudo ou reconhecimento, tem que ter vinculação com a base, com as pessoas que massivamente formam o Movimento.

Os princípios do movimento e a formação de seus membros dentro deles, permitem com que se tenha um pensamento uniforme entre os participantes. O MST investe na formação de seus quadros e promove encontros nacionais onde são discutidos os problemas e rumos da Nação e do Movimento e ainda têm uma forma de se confraternizar e símbolos próprios como bandeira, camisas, bonés e músicas que os identificam em qualquer lugar do país e do mundo.

Gohn (1997, p. 145), ao estudar o Movimento nos diz que se pode dividir sua trajetória em três fases:

(...) de 1979 a 1985 – a luta pela terra entendida como uma luta pela reforma agrária; de 1985 a 1988 – o Movimento adquire caráter nacional, organizando-se nos estados em que há lutas e ocupações; e de 1988 a 1996 – quando o lema básico da luta passa a ser: ocupar, resistir, produzir.

Podemos entender que a trajetória do MST começa como uma luta pela Reforma Agrária, onde este era o princípio e o fim do Movimento, mas com o tempo, passa a se espalhar pelo Brasil e começa-se a lutar não só pela terra, mas por condições dignas de vida para toda a população. As políticas dos governos são discutidas e combatidas e o Movimento deixa de ser visto apenas como um movimento rural e passa a ser visto como social e político.

Hoje, o MST atua em todos os Estados do país e tem sido noticiado em diversos meios de comunicação devido aos conflitos que acontecem nos acampamentos¹² relativos a ocupações¹³ e mandados de despejo das terras ocupadas. Mas grande parte do que se tem feito nos assentamentos não é noticiado pela imprensa tal como a melhoria de vida das pessoas assentadas, o aumento dos produtos agrícolas em feiras livres nas cidades onde existem assentamentos dos Sem-Terra e ainda o sucesso do trabalho em Cooperativas agrícolas e de produção de muitos assentamentos e que tem barateado os produtos para os consumidores, visto que evitam os atravessadores.

Para a constatação destes fatos, basta assistir aos noticiários locais e nacionais onde nunca ou quase nunca encontramos notícias sobre os Sem Terra onde se poderia mostrar o que está sendo feito nos assentamentos e como sua produção está sendo distribuída. Em raras exceções, alguns programas voltados para a apresentação de questões rurais vinculam umas poucas reportagens sobre esta produção e sua distribuição no mercado.

Um outro ponto a ser observado, são as escolas e a visão de educação que o Movimento desenvolve. Para eles as escolas dos assentamentos devem ser

¹² Acampamentos são áreas ocupadas pelos sem-terra onde a questão da posse ainda não foi resolvida. Assentamentos são as áreas onde esta questão já foi resolvida.

¹³ O MST usa o termo ocupação e não invasão, pois considera que estão ocupando áreas que estão desocupadas, improdutivas.

voltadas para formar os moradores para a vida no campo e a qualidade de vida e evitar o abandono do meio rural.

Com esta visão procuram mostrar as crianças e jovens que vivem nos assentamentos que é possível viver no meio rural sem abrir mão da qualidade de vida. O MST acredita que o homem do campo deve permanecer no campo, plantando, produzindo, e não mudar para as cidades que já estão inchadas de gente que se aglomera em favelas e que não conseguem ter o mínimo para sobreviver e criar seus filhos. A permanência do homem no campo evitará que a situação das cidades piore ainda mais os índices de violência, fome e miséria.

Na Psicologia social algumas pesquisas já foram realizadas tendo como tema este Movimento que tem ganhado tanta visibilidade no Brasil desde o seu surgimento.

Em 1988, Tarelho realizou pesquisa com os primeiros grupos assentados na Região de Campinas-Sumaré em São Paulo. À época ele investigou a emergência do MST e concluiu que *“os determinantes objetivos (condições econômicas, históricas e sociais), embora fundamentais, são insuficientes para explicar a emergência do MST, fazendo-se necessário recorrer aos determinantes subjetivos”* (TARELHO, 1988, p.2) para explicá-la.

Já em 2001, Domingues (2001), investigou o que tem mobilizado os camponeses a lutar pela terra e instigando-os a aderir ao MST, ao longo da história. Ela chegou à conclusão que as questões que levam os sujeitos a lutar pela terra são da ordem do inconsciente.

Narita (2000), buscou compreender os processos psicossociais que motivaram o grupo, por ela estudado a participar do MST. Segundo ela, o que leva estes sujeitos a participar do Movimento é a busca pela sobrevivência.

Silva (2002), em pesquisa mais recente, buscou estudar a formação da consciência política entre famílias no MST no Pontal do Paranapanema, tentando compreender qual o papel da família dos acampados na construção desta consciência. Chegou a conclusão que “(...) *se durante o processo da luta impera a crença na mudança social, durante a fase posterior, de assentados, impera a crença na mobilidade social, na força familiar*” (SILVA, 2002, p. 204).

Todas essas pesquisas visaram estudar o que está levando os sujeitos a aderirem ao MST. Cada uma delas tem um enfoque diferente e traz uma resposta diferente (consciência, política, inconsciente e questão financeira), mas cada uma está tentando olhar o sujeito em relação com esse Movimento, e tentando ainda perceber o MST na vida de cada um desses sujeitos. São as histórias do MST contadas a partir de seus membros.

A presente pesquisa também se iniciou perguntando o que estava levando os sujeitos a ingressarem nas fileiras do MST, mas não se ateve a esta pergunta. Sejam quais fossem os motivos, o que permaneceu como pergunta que a norteou foi como os sujeitos estavam experienciando o tornar-se assentado rural. É mais do que apenas aderir ao MST, é ser uma assentado rural do MST com seus sentidos e significados.

CAPÍTULO II

SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar os Movimentos Sociais à luz da Psicologia implica concentrar-se em questões relativas às ações dos sujeitos participantes dos movimentos, como determinadas e determinantes dos mesmos, com ênfase no estudo da consciência e da (inter) subjetividade, da identidade e da afetividade.

O tema da afetividade é um tema que tem ganhado destaque não só na mídia como também no meio acadêmico. Se em toda a história da Ciência a afetividade é tratada como um empecilho para a obtenção do conhecimento puro (ROUANET, 1985), ela hoje é exaltada por diversos segmentos, como a economia, os meios empresariais e recursos humanos, e principalmente uma boa parte dos que se dizem psicólogos, como o melhor meio de se obter o sucesso.

Segundo Rouanet (1985, p. 16), “*A influência dos fatores afetivos sobre a consciência foi, no início, vista como uma **perturbatio assimi**, uma interferência mais ou menos contingente, que podia e devia ser removida pela própria razão*”.

Desde a Grécia antiga a razão é privilegiada em detrimento dos afetos. A razão representava o bem e os desejos (afetos) o mal. E foi assim durante todo o desenvolvimento da ciência, o intelecto deveria dominar os afetos para que se pudesse produzir uma livre de interferências e digna de credibilidade.

Ao optarmos pela Psicologia Sócio-histórica para estudar os sujeitos participantes dos movimentos sociais ligado ao tema dos afetos e da subjetividade, já começamos a demonstrar a concepção de sujeito escolhida para esta pesquisa e o que viria a ser subjetividade dentro desta concepção. A Psicologia Sócio-histórica parte de um sujeito real, que vive em sociedade, trabalha, pensa, produz, se

relaciona com outras pessoas, está inserido em uma classe social, em um momento histórico, construtor e reproduzidor desta história e dessa sociedade.

Por isto é importante dar voz a este sujeito, ouvir o que ele tem a dizer sobre si mesmo, sua história de vida e sua experiência em um movimento social, como morador de um assentamento do MST e como partícipe da história deste Movimento. Vygotsky destacou a importância da linguagem às pesquisas sobre o desenvolvimento humano. Segundo Molon (1995, p. 35):

... o grande eixo metodológico da pesquisa era dar voz ao sujeito. Para ele o informe do sujeito fazia parte do processo de investigação. A fala podia informar aquilo que escapava ao olho do pesquisador. As observações do pesquisador, é claro, completavam a pesquisa, mas sua fala (do sujeito), demonstrava aquilo que ele estava pensando a respeito do pesquisado.

O sujeito não é mais um mero objeto de pesquisa, não é um material, um simples informante, mas um ator que tem algo a dizer sobre sua história e sobre a sociedade em que vive. Ao partir para a pesquisa, o pesquisador tem em mente um tema a ser pesquisado, que deseja explorar, e o sujeito é o detentor das informações sobre este tema. É ele que experiencia o problema que o pesquisador traz para a pesquisa. No momento em que é perguntado sobre, ele reconstitui, reconfigura suas experiências e as narra para o pesquisador. Ele, naquele momento, é o detentor do saber sobre o que está sendo pesquisado. Sua fala revela sua experiência com o tema da pesquisa.

Este sujeito, por sua vez, configura-se na relação com o outro, construindo sua consciência. É na relação com o outro que o sujeito internaliza e reconstrói o contexto social e constitui sua subjetividade.

Ao se estudar o comportamento humano, não se pode deixar de levar em consideração a história, a sociedade e a pessoa. As pessoas são datadas

historicamente. Cada momento vivido ocorre dentro de um momento histórico composto de questões econômicas, sociais, avanços científicos, lutas e problemas sociais.

Como estudar o MST sem levar em consideração o momento histórico e social em que ele surgiu? Como estudar o comportamento de seus membros se não datamos o momento vivido por eles? A fala de uma pessoa pode ser ouvida sem se levar em consideração o contexto? Vygotsky diz que não. Ser parte de um movimento vivenciá-lo no dia-a-dia, afeta o sentido ao significar o universal no particular.

O sujeito passa a vivenciar o mundo estando inserido em um movimento e sendo visto pelos outros como inserido neste movimento. A partir daí, as experiências são re-significadas adquirindo sentidos singulares.

A subjetividade não pode ser “coisificada”, ela atravessa e é constituinte das diversas formas da existência humana e, simultaneamente, se constitui nelas. A subjetividade representa, entre outras coisas, uma antologia dialógica, pois é constituinte e constitutiva de todas as formas de comunicação humana. (GONZÁLEZS REY, 2000, p. 32):

O sujeito que queremos apresentar é este sujeito constituído na relação e dotado de potencia de ação. Um sujeito que possui uma consciência, que segundo Molon (1995, p. 121) apresenta uma tríplice natureza: *a consciência (pensamento), sentimento (afetos) e vontade (motivação)* . Aqui vemos a consciência não só tratada como algo decorrente dos reflexos adquiridos nas relações, mas como configuração dos afetos motivos e ações. O sujeito está cercado de pessoas, se constrói na relação, dá significados aos acontecimentos e a esta relação, mas este também necessita estar motivado e porque não dizer, envolvido afetivamente por esta relação que se dá no dia-a-dia e por este outro com quem ele se relaciona.

Ainda sobre a consciência, Molon (1995, p. 122) diz que ela é tratada como *“um tamis que filtra a realidade e a modifica, refletindo a realidade, sobre a realidade e sobre si mesma, a consciência entendida como possibilidade de reflexão”*.

Este filtro, que é a consciência, permite ao sujeito dar significados à realidade. Tudo o que é vivenciado, é filtrado pela consciência. O sujeito não só absorve as coisas, mas as modifica, reflete sobre elas e lhes dá um novo sentido.

Assim, podemos dizer que este processo se dá de fora para dentro, ou seja do social para o individual, pois para que a consciência se constitua, o sujeito, primeiro, experiencia a realidade, que está fora dele, que ele capta na relação. Vejamos como este processo se dá com a criança:

O desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes. Primeiro como algo social e depois como algo psicológico. Primeiro entre as pessoas como uma categoria intersíquica, depois, dentro da criança, como uma categoria intrapsíquica. (VYGOTSKY, 1987, p. 160)

Aquilo que é intrapsíquico foi antes intersíquico, ou seja, foi vivenciado pelas pessoas na esfera do social. As experiências vividas em relação com as outras pessoas, e esta relação é mediada pela palavra, pelos signos, são absorvidas, mas não são apenas absorvidas, são convertidas pelo homem como algo seu. O que está fora não é colocado para dentro simplesmente como uma coisa.

O intrapsíquico não é igual ao intersíquico, pois o sujeito ao convertê-lo para si, o transforma, lhe dá novo sentido, um sentido pessoal, que é seu, mas que se torna também social ao ser compartilhado na relação com outros. Não é uma simples reprodução, mas uma reconstituição. É uma *“conversão entendida enquanto um processo de tornar-se diferente do que era sem deixar de ser o que foi”*. (MOLON, 1995, p. 139). E este processo se dá do social para o psicológico, do social para o sujeito.

Falamos de um sujeito que constrói sua consciência em sociedade, que transforma em intrapsíquico o que foi intersíquico, e ainda podemos dizer que sua “*subjetividade se converte para si de acordo com o que é para os outros*” (MOLON, 1995, p. 128)

O sujeito é constituído pelas significações culturais, porém a significação é a própria ação, ela não existe em si, mas a partir do momento em que os sujeitos entram em relação e passam a significar, ou seja, só existe significação quando significa para o sujeito e o sujeito penetra no mundo das significações quando é reconhecido pelo outro. (MOLON, 1995, p. 155)

A subjetividade¹⁴ não é algo que possa ser medido ou mesmo separado do sujeito. Ela é parte do sujeito, é o próprio sujeito. Ela é processo. É processo que não pára, que se constrói a cada momento e que não pode ser medida. Faz parte do sujeito e faz parte do social, pois também está nas relações.

“A subjetividade manifesta-se, revela-se, converte-se, materializa-se e objetiva-se no sujeito. Ela é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato e imutável. É permanentemente constituinte e constituída. Está na interface do psicológico e das relações sociais”. (MOLON, 1995, p. 164).

Gonzáles Rey define subjetividade “*como a constituição do psiquismo no sujeito individual*” (GONZÁLES REY, 2001, p. 89). Assim sendo, a subjetividade integraria todos os processos existentes na vida do sujeito. Ela estaria presente em cada ação, em cada movimento, e como tal, estaria presente na construção do social, e da história.

¹⁴ O tema da subjetividade surge como uma necessidade para se entender e estudar o homem. Segundo Gonçalves (2001, p. 40; 1998), foi com o Liberalismo, que entendia este homem como um sujeito livre e com Romantismo que o entendia como um ser diferente e único, que surgiu a necessidade de se estudar a experiência individual destes sujeitos. E a esta experiência foi dado o nome de subjetividade.

Gonzáles segue Vygotsky que está fundamentado no Materialismo Dialético que tenta solucionar a dicotomia objetivo/subjetivo, social/individual. Nesta concepção, a subjetividade teria uma base objetiva, quando falamos em sua relação com o conhecimento e uma base ontológica, quando entendemos sua constituição na interação do homem com a sociedade e a história.

No dizer de Gonzáles Rey (2000, p.31): “*A subjetividade é constituída de um sistema de significados e sentidos subjetivos que fazem parte da experiência social do sujeito e é produzida individualmente e socialmente*”.

Ela é socialmente construída, mas se expressa no campo individual, ela é experiência de si, mas cruza-se com a experiência do outro. Em síntese, a subjetividade é inerente ao sujeito, faz parte dele e se constrói nele. Ela é social, pois se dá na relação com outros sujeitos. E ela é pessoal, pois é própria do sujeito. Não existem subjetividades iguais entre si. Aliás, não existe subjetividade como coisa, existe a subjetividade, e ela faz parte do sujeito e faz parte do social.

Falar de subjetividade pressupõe refletir também sobre o cotidiano, pois afinal, é no cotidiano que a subjetividade é construída. A vida cotidiana é, segundo Heller (1970, p. 16): “*a vida de todo homem*”, e onde vivem o universal no particular de nossa história.

No cotidiano o homem é completo. Ele participa da vida cotidiana com “*todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, suas paixões, idéias, ideologias*” (HELLER, Ibid).

Faz parte do seu cotidiano o trabalho, o lazer, o descanso, a vida social, a sua vida privada. Enfim, tudo aquilo que é o dia-a-dia das pessoas. Assim, o homem já nasce inserido no cotidiano, e é considerado maduro ou adulto, quando possui as habilidades necessárias para lidar com ele.

Falar da vida cotidiana é falar da vida diária, dos aspectos mais comuns da vida dos sujeitos. É falar da comunidade em que ele está inserido, é contextualizar esta comunidade, esta vida, que é a vida de todos os homens e que passa despercebida por todos, pois estamos inseridas nela e para percebê-la, se faz necessário ultrapassá-la sem, no entanto, dela sair. É construir relações, vínculos, rupturas, hábitos, sentidos singulares.

No cotidiano dos movimentos sociais, acontecem os encontros entre os sujeitos, a história e a sociedade. Nos resta saber se estes encontros estão afetando os sujeitos os levando a agir e a serem sujeitos de suas próprias histórias ou se permanecem na submissão pela qual passaram grande parte de suas vidas.

Os movimentos sociais questionam a sociedade vigente e as formas de exclusão e dominação das classes dominantes e iniciam uma discussão sobre estas questões, levando quase sempre a uma politização dos seus participantes e ainda levando a sociedade como um todo, se não a pensar, pelo menos a enxergar os problemas relacionados às desigualdades, reproduzidos pela estrutura social e política vigente.

Os movimentos colaboram para a superação da incapacidade de construir uma história comum e a impotência diante da perda de um mundo compartilhado de significações, criam redes de comunicação e de ação, em um mundo regido pela lógica de exclusão e de seu outro pólo a inclusão perversa.

A exclusão social é muitas vezes entendida como sinônimo de pobreza. É, portanto vista como um produto da sociedade capitalista que ao mesmo tempo em que necessita de trabalhadores qualificados que produzam e consumam a produção, também produz uma massa de desempregados e trabalhadores sub-valorizados

impedidos de usufruir desta sociedade. Segundo Forrester (1997, p. 16): “(...) *Não subalternos, nem reprovados: supérfluos. E por essa razão, nocivos*”

Essa massa “*supérflua*” de trabalhadores é que engrossa o número de pessoas consideradas excluídas da sociedade e que vão ingressar nas fileiras dos movimentos sociais.

Mas a problemática da dialética exclusão/inclusão social não é entendida aqui apenas como sinônimo de pobreza ou como exclusão econômica, ela é entendida como fenômeno ético, político e social. Segundo Sawaia (1999, p. 8) ela “*é processo sócio-histórico, que se configura pelos recalcamientos em todas as esferas da vida social, mas é vivido como necessidade do eu, como sentimentos, significados e ações*”.

Assim sendo, os sujeitos dessa pesquisa experienciaram a exclusão em todas as suas dimensões: “*a dimensão objetiva da desigualdade social, a dimensão ética da injustiça e a dimensão subjetiva do sofrimento*” (id, *ibid.*)

No meio rural, mesmo para os que de lá nunca saíram, não existia mais lugar para eles. Os que foram para a cidade também não encontraram lugar. A eles foi negado o acesso ao emprego, à assistência à saúde, à educação, ao lazer, aos meios de produção e consumo, à moradia e o sentimento de pertença àquele lugar.

A busca pelos movimentos sociais é a busca pela diminuição do sofrimento gerado por esta exclusão ou pela inclusão precária. Nesse contexto os movimento aparecem como espaços de participação da construção da história, tanto de suas histórias pessoais quanto da história como um todo.

CAPITULO III

CAMINHOS DA PESQUISA

Voltar ao assentamento não foi uma tarefa muito fácil. Quando em 1998 o conheci e lá estive para ajudar no Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos daquela comunidade, o assentamento estava apenas começando a se constituir. As casas eram recém-construídas, os títulos tinham sido entregues aos moradores em grande festividade. As pessoas estavam iniciando uma nova vida, dessa vez como proprietários de suas terras e de suas casas. A esperança era grande, a perspectiva de futuro, uma das melhores.

Fato interessante colhido na página da internet do IBGE, é que a população alagoana continua sendo predominantemente urbana. Do total de 2.822,621¹⁵ habitantes, apenas 902.882 habitantes residem no campo. No entanto, no município de Atalaia, existem 40.552 habitantes, sendo que a maioria, 22.603 residem na zona rural, o que pode ser explicado pelo grande número de assentamentos existentes no município (seis na última contagem).

Para que a imissão de posse fosse possível, a fazenda em questão foi ocupada por quatro vezes, tendo recebido ordem de despejo por três vezes seguidas. Com uma extensão de 677.000 ha, o assentamento possui 104 lotes com metragens diversas, o que oficialmente permitiu o assentamento de 104 famílias. Consta na página do INCRA na internet que este assentamento teve sua imissão de

¹⁵ Censo 2000.

posse regularizada em 18 de dezembro de 1996. Porém, a agrovila só começou a ser construída em 1998 e foi concluída em 27 de março de 1999.

Cinco anos depois retorno à agrovila e vejo que muita coisa se modificou. Pelas ruas postes que garantem a iluminação, uma grande caixa d'água que fornece água encanada para as casas, telefones públicos, jardins, árvores, plantações.

As pessoas também se modificaram. Muitas foram embora para outros lugares tentar outra vida. Outras chegaram. Muitas permaneceram, tiveram filhos, casaram, constituíram família. Mas estas pessoas também se tornaram menos acessíveis aos estranhos.

Presenciei pessoas trancando suas portas para não receber a equipe do Programa de Saúde da Família (PSF) que chegara para vacinar as crianças. Também trancavam suas portas quando sabiam que eu queria uma entrevista. Foi difícil encontrar pessoas que se dispusessem a falar e quase sempre, as que colaboravam tinham muita dificuldade em se expressar e em falar sobre suas próprias histórias, sonhos e perspectivas.

Passando por cima de todos os percalços que envolvem as pesquisas, e que não eram privilégios meus, contei com a ajuda de duas pessoas da comunidade que foram comigo até as 65 casas dos sujeitos entrevistados na 1ª fase da pesquisa e nas nove da 2ª fase, me apresentaram e conseguiram fazer com que outras pessoas abrissem suas portas e suas histórias para mim.

O primeiro passo foi traçar um mapa sobre o assentamento, que levantasse origem e expectativas dos moradores, para tanto, foi aplicado um questionário com seis perguntas (apêndice A), em todas as casas que abriram suas portas para nossa pesquisa. Devido à dificuldade em encontrar as pessoas, que quase sempre estavam nos lotes, alguns só retornando no final de semana, uma pessoa da

comunidade me auxiliou na aplicação destes questionários; 65 pessoas colaboraram com esta primeira parte, que proporcionou os seguintes resultados:

Tabela 1 – Procedência dos moradores e respectivas famílias – Local de moradia anterior ao assentamento:

| Procedência | Freqüência | Porcentagem (%) |
|-------------|------------|-----------------|
| Cidade | 29 | 45 |
| Campo | 36 | 55 |
| Total | 65 | 100 |

Tabela 2 – Expectativa de futuro para os filhos

| Expectativa | Freqüência | Porcentagem (%) |
|----------------------------|------------|-----------------|
| Permaneçam no assentamento | 25 | 38 |
| Passem a morar na cidade | 27 | 42 |
| Não têm filhos | 13 | 20 |
| Total | 65 | 100 |

Em um segundo momento, analisadas as respostas obtidas (Apêndice B), as pessoas foram divididas em cinco grupos através da resposta a pergunta **por que resolveram entrar para o MST?**

Tabela 3 – Motivos de ingresso e participação no MST

| Motivos | No. de famílias | Porcentagem (%) |
|--|------------------------|------------------------|
| Estavam sem moradia na cidade | 04 | 6 |
| Queriam trabalhar na terra | 44 | 68 |
| Estavam desempregadas | 5 | 8 |
| Queriam voltar ao campo | 2 | 3 |
| Estava sem perspectiva na vida | 2 | 3 |
| Moravam na fazenda na época da ocupação* | 8 | 12 |
| Total | 65 | 100 |

*A fazenda foi desapropriada e os antigos moradores mantidos como assentados.

A proposta inicial foi a de entrevistar 12 pessoas, duas representantes de cada categoria, sendo uma que estava se dando bem no assentamento e que desejava ali permanecer, e outra que não se adaptou ao assentamento e que desejava sair.

As pessoas foram contatadas em suas casas, com a ajuda de duas moradoras do local, onde foram expostos os objetivos da pesquisa e as questões éticas nela envolvidas, como a garantia de anonimato dos entrevistados. Porém, muitos “agradeceram”, mas se negaram a participar da pesquisa. Outros concordavam em participar, mas sem que a conversa fosse gravada.

Devido a esta dificuldade, foram entrevistadas apenas nove pessoas: quatro do sexo feminino e cinco do masculino. Destas, apenas sete entrevistas puderam ser aproveitadas para reconstrução das histórias de vida, pois dois entrevistados foram monossilábicos em suas respostas às questões formuladas (ver roteiro de entrevista no apêndice C).

Andando pelo assentamento e conversando com alguns moradores que conheci na época do meu trabalho com o PRONERA, fiquei sabendo que muitas das

peças não queriam colaborar devido ao medo que ainda sentem em perder a concessão de suas terras. Um outro fator apontado é que uma escola pública lançou aproximadamente 40 alunos no assentamento para fazer pesquisa e eles incomodaram a algumas pessoas.

Por fim, um assunto delicado que as pessoas também evitam falar e dar detalhes: aconteceu um assassinato no assentamento e uma comissão de direitos humanos apareceu por lá buscando informações. As pessoas ficaram aterrorizadas e com medo de serem envolvidas em problemas policiais.

Mas com os dados colhidos em mãos, demos início à análise das entrevistas, à luz do referencial teórico da Psicologia Sócio-histórica, para compreender os sentidos experimentados pela mediação do MST e da volta à terra no processo de tornar-se um assentado rural, discutindo os sentidos desse processo para os sujeitos desta pesquisa, visando levantar subsídios para refletir sobre a sua potencialidade cidadã e/ou de inclusão perversa.

É necessário entender o que Vygotsky chamou de sentido e significado. Para ele, significado *“é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento sendo iluminado por ele”* (1996, p. 104), e sentido *“é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual”* (ibid, 124). Assim, o significado assume uma perspectiva universal, e sentido uma perspectiva individual. Para o sujeito, o significado é apenas uma das zonas de sentido.

A análise das falas levou ainda em consideração o que Vygotsky escreveu: *“Toda frase viva, dita por um homem vivo, sempre tem o seu subtexto, um*

pensamento por trás” (Vygotsky, 2000, p. 477). Esse subtexto é captado pela análise da base afetivo-volitiva do discurso.

Para que o subtexto fosse lido nas falas dos entrevistados, as suas histórias foram lidas e relidas, organizadas nos três grupos (que nunca saíram do campo, que saíram e voltaram e que nunca moraram no campo até o assentamento).

Com essa leitura realizada com das lentes teóricas que permearam esta pesquisa, surgiram às unidades de análise apresentadas aqui: **trabalho, educação, religião e lazer**, todas elas perpassadas pelo sentido da terra.

Antes da apresentação dessas unidades de sentido porém, procederemos a descrição da história e cotidiano assentamento.

CAPÍTULO IV

O ASSENTAMENTO¹⁶

Situado na Zona da Mata alagoana, o assentamento faz parte do município de Atalaia e dista 54 Km do centro urbano. Para chegar até ele, é necessário viajar até a rodoviária do município e de lá alugar um táxi ou ir em carro particular. Não existem linhas regulares de ônibus para se chegar até lá. O caminhão do assentamento e o carro do presidente da associação são os únicos veículos que servem aos assentados em caso de emergência.

Segundo os moradores, a fazenda era de propriedade da Usina Ouricuri¹⁷. Esta usina era responsável por grande parte dos empregos temporários do município e dos municípios vizinhos, movimentando a economia de boa parte da região. Com a falência da usina, a fazenda foi arrendada por um grande fazendeiro da região, conhecido por todos como “Major”. Este ainda possui outras fazendas nos arredores, inclusive a que faz divisa com o assentamento, onde planta cana-de-açúcar.

Teve sua imissão de posse regularizada em 1996, e a construção da agrovila concluída em 1999. As casas foram construídas com quatro cômodos: uma sala que serve também de cozinha, dois quartos e um banheiro. Hoje, grande parte destas casas foi ampliada ou reformada, ganhando mais quartos, varanda ou ampliação da cozinha. Em outras casas é possível ver o que eles chamam de

¹⁶ O nome do assentamento não foi utilizado para não permitir a identificação do mesmo.

¹⁷ A usina Ouricuri esta localizada no município de Atalaia e teve suas atividade interrompidas com a crise do Pro-alcool, na década de 90.

“*puxadinho*”, geralmente uma pequena construção agregada a casa, de um ou dois cômodos que visa acolher um filho ou parente que se casou e constituiu família.

Com a construção das casas, aproximadamente dois anos depois, chegou a energia elétrica e mais tarde a água encanada, com a construção de um poço artesiano, administrado pela Associação Comunitária do assentamento. Em 2003 empresa de telefonia *Telemar*, que opera em Alagoas, instalou telefones na comunidade.¹⁸

Possui uma escola que funciona diariamente, em dois turnos com o ensino infantil e o fundamental (até a 4ª série). Durante a noite, funciona uma sala de alfabetização de jovens e adultos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Para os que desejam continuar estudando, um ônibus da Prefeitura Municipal todos os dias apanha os estudantes ao final da manhã e ao final da tarde para levá-los às escolas na cidade e trazê-los de volta às 17h e 23h respectivamente.

Caminhando pelo assentamento encontramos vários lotes limpos e cultivados, mas existem alguns tomados pelo mato. A maioria das plantações é de inhame, macaxeira e mandioca (raízes que são alimentação tradicional na mesa dos nordestinos), mas há ainda o cultivo de laranja e cana-de-açúcar. Nos quintais das casas é comum encontrarmos árvores frutíferas, uma pequena horta ou a criação de animais como porcos, frangos, marrecos e carneiros.

É raro encontrar as crianças brincando pelas ruas. Em geral, elas estão na escola ou estão dentro de casa assistindo televisão. Em todas as casas visitadas por mim, encontrei uma televisão ligada. Segundo um dos moradores, é a “*diversãozinha que eles tem todo dia para se distrair*”.

¹⁸ Quando trabalhei junto a este assentamento, não existia energia elétrica, água encanada e nem serviço de telefonia, e eram estas as principais reclamações e reivindicações dos moradores.

Perguntados sobre como escolhem o tipo de alimento que vão plantar, os moradores responderam que escolhem pelo que está tendo melhor saída no mercado. Se em um ano o preço da macaxeira está alto, todo mundo planta, só que aí acontece a super-produção, o que faz com que os preços caiam e os agricultores tenham prejuízo. Uma outra forma de escolher, é plantar aquilo que é necessário para o próprio consumo tal como o feijão e a mandioca, da qual se faz a farinha.

Todos são unânimes em dizer que não dá para viver só com o que obtêm com o cultivo da terra. Para eles o lote é pequeno, não existe irrigação, dependem de chuva para plantar, não existe incentivo do governo, nem apoio técnico.

Em relação ao lazer e festas, há atividades exclusivas para homens: os moradores do assentamento contam com um campinho de futebol, onde se reúnem semanalmente para as disputas entre o time do assentamento e times convidados. Algumas vezes, é o time do assentamento que é convidado para participar de jogos fora do assentamento e até mesmo em outros municípios. Ao término o jogo, os participantes se reúnem nos botecos para conversar e tomar uma cervejinha ou cachaça:

Dia de jogo de bola que a gente joga bola, vem equipe de fora. Aí a gente vai, brinca, joga bola, sai pra fora também, o time sai, a gente sai. Depois do jogo a gente vai beber uma cervejinha, uma cachacinha e a festa é grande. (Henrique)

Quanto às festas coletivas, todas estão relacionadas à religião. As mais constantes são as comemorações no Natal, Ano Novo e São João. Mas a maior festa do assentamento fica por conta das homenagens ao “Padre Cícero”, santo canonizado e aclamado por grande parte dos nordestinos. Essa festa acontece

sempre em setembro, com rezas, folguedos e trio elétrico. É organizada pela associação comunitária e pelos moradores católicos, principalmente pelas mulheres.

É dona Ruth, líder religiosa do assentamento que nos conta como esta festa começou na comunidade:

(...) porque não tinha um santo, não tinha igreja, não tinha aqui nenhum canto que a gente se reunisse pra rezar, pra orar. Aí me veio na cabeça pra eu ir no Juazeiro comprar essa estátua pra trazer e botar aqui no assentamento. Aí eu não tinha condições de comprar sozinha, né? Que uma estátua dessa é cara. Aí o pessoal fizeram reunião, aí na reunião eu falei que tava com vontade de comprar essa estátua e que as pessoa me ajudasse. Aí quase todo mundo, só não os evangélico, só os católico, aí todo mundo disse eu ajudo, outro eu ajudo, aí isso assim eu fiz. Cada um deu uma partezinha. Primeiro eu fui no Juazeiro saber quanto era uma estátua, aí encomendei, mandei botar o papel lá. Trouxe uma notinha pro pessoal ver, pra dar certo. Aí, a gente dividiu pra cada um tanto. Aí eles me deram o dinheiro e o presidente, que naquela época era o seu A., fretou o carro. Ele é evangélico, mas pra isso ele foi bom, ajudou, pagou o frete do carro pra nós ir buscar. Aí eu fui, levei seis pessoa comigo e trouxe a estátua, foi R\$ 600,00, na época, né? Aí trouxemo, botamo aí, e daquele dia pra cá a gente faz a festa todo dia 19 de setembro, que ela chegou aqui. Então é nessa data que a gente comemora a festa dele. Aí no dia tem missa, batiza as criança que tem pra se batizar, se tiver alguém que quiser casar também casa. Aí essa agora esse ano, em setembro, já é a 6ª. A gente comemora do jeito que pode.

Aa mulheres católicas também se reúne em outras ocasiões:

Tem aqui eu, a dona Nádia, a outra Dona Ruth ali, aí: vamos rezar o mês de maio? “Vamos”. Sempre elas fala comigo: “Ô Dona Ruth, vamos rezar o ofício dia de sábado?” Vamos. Aí cada uma vez uma pessoa bota uma historinha aí no meio que dá certo. E no mês de maio cada uma dá uma contribuiçõzinha e a gente faz uma festinha no dia 30. Uma coisa só pra não passar em branco, né?

Existe também uma igreja evangélica na agrovila. Os evangélicos promovem cultos, encontros e festividades com a presença de pastores e pessoas de outras localidades. É uma das “irmãs” que nos conta como a igreja chegou até o assentamento:

A igreja quem trouxe foi o pastor Luis Pereira de São Miguel. Ai pronto eles vem no sábado, às vezes no sábado, às vezes no domingo.(...) Mas aqui já tem irmão que já dá pra levar o trabalho, quando ele não vem aí o irmão, esse irmão daqui toma a frente do trabalho. (...): Tem (culto) dia de quarta à noite. A tarde tem o circulo de oração. E sábado tem trabalho também, tem culto. Tem trabalho no domingo com as criança e os adulto. E a noite tem culto também. Tem essas três vezes por semana.

Na igreja, o pastor promove festas no dia dos pais, dia das mães, nos aniversários dos congregados, no natal e no ano novo. Sempre que missionários de fora do país ou do estado vem visitar a sede da igreja em São Miguel, são trazidos para promover palestras e cultos no assentamento. São poucas as famílias que se converteram, mas a igreja está sempre cheia com pessoas que vão visitá-la ou que vêm de fazendas vizinhas.

Dentro do assentamento, quando falamos em lazer, aos homens ficam reservados os jogos e bares. Às mulheres as atividades religiosas. Sendo que, estes grupos se encontram numa única forma de lazer, que também está colada ao trabalho, que é a produção da farinha de mandioca na casa de farinha. A casa de farinha é um espaço de confraternização, trabalho coletivo e partilha dos acontecimentos do cotidiano, onde todas as pessoas são bem vindas.

No assentamento não existe posto de saúde e quem precisa de atendimento tem que ir até a cidade ou a um povoado distante aproximadamente 10Km, para procurar atendimento. Saúde é uma das reclamações principais dos moradores. Segundo eles, *“as pessoas tem que rezar para não adoecer”*, pois até mesmo para conseguir um carro para ir ao hospital é difícil.

Em um dos dias em que estive no assentamento, encontrei uma equipe do Programa Saúde da Família (PSF) que estava na comunidade vacinando as crianças. Presenciei uma cena que achei não mais existir: mães fechando as portas, escondendo-se para não ter que vacinar os filhos.

Não existe parteira no assentamento e se alguém engravida não tem como realizar os exames pré-natais. Quando chega o momento do parto as mulheres são levadas às pressas para o hospital da cidade.

O assentamento é dirigido por uma Coordenação, que é escolhida por voto direto a cada quatro anos. A organização da coordenação é assim apresentada por Henrique:

(...) é, o assentamento é dividido em grupo. Os grupos é assim. Aí tem o presidente, o presidente tem os membro dele, parece que é nove membros. Aí, ali ele faz o grupo de parece que de dez ou 12 pessoa. Cada coordenador tem um grupo. O grupo de cada um dez ou 11 seja lá quanto for. Aí eles vão trabalhar num grupo só. Porque é que nem o prefeito numa cidade. O prefeito não tem que ter a maioria? Não tem que ter a maioria dos vereadores? Mesmo assim é o presidente de um assentamento desse, ele tem que ter a maioria, né? Pronto é assim.

(O Coordenador do grupo) ele sempre sai pra buscar alguma verba lá em Maceió. Ele vai pra uma reunião no INCRA, pra chegar, quando chega aqui, pra fazer a reunião pra dizer o povo o que foi que tá acontecendo e o que não tá. É assim o coordenador do grupo. Sai pra buscar uma notícia melhor pro povo, né? Quando não traz notícia boa, traz ruim, mas traz.

Mas a associação comunitária tem funcionado também como os currais políticos dirigidos pelos antigos “Coronéis”. O princípio de coletividade que está nos estatutos do MST, e que é exercido na hora da escolha da presidência da associação foi esquecido e as decisões eram comunicadas para votação e não discutidas. O presidente da associação, à época da pesquisa era candidato a vereador pelo município de Atalaia e utilizava o carro da associação em sua campanha. As necessidades do assentamento, como o posto de saúde e a construção do templo da igreja católica, estavam sendo colocadas como promessas de campanha em troca dos votos dos assentados.

No assentamento existem ainda algumas restingas de mata Atlântica localizadas em alguns lotes e preservadas pelos assentados. Também é banhado pelo Rio Paraíba, e tem algumas pequenas nascentes de água utilizadas pelos moradores para irrigação artesanal de suas plantações.

Os assentados demonstram um sentimento de pertença ao assentamento que conquistaram e construíram, cuidando de suas casas, arborizando seus jardins e ruas, trabalhando e produzindo em seus lotes, porém estão transferindo para esta nova liderança (o presidente da associação e os políticos a ele filiados) a responsabilidade pela melhoria dos serviços que ainda não possuem.

CAPÍTULO V

HISTÓRIAS DE SEM TERRAS¹⁹

Ouçamos agora o que os sujeitos desta pesquisa nos têm a dizer sobre suas versões da história do MST e dos assentamentos rurais em Alagoas. São pessoas que abriram suas casas e suas vidas para partilhar suas experiências de tornarem-se moradores de um assentamento rural.

Em suas narrações nos contam como viviam antes de entrar para o MST, como tomaram conhecimento do Movimento, como decidiram ir participar dele, como foram suas experiências de acampamento (os que passaram por ele), o que tiram da terra, como vendem, como se divertem, enfim, como são suas vidas em um Projeto de Assentamento Rural e que projetos de vida têm para si e para o futuro de seus filhos.

Os sujeitos foram divididos em três grupos: **1. os que nasceram, criaram-se no campo e nunca saíram de lá; 2. os que foram morar na zona urbana, mas retornaram ao campo através do assentamento; e 3. os que nunca residiram no campo, antes de morar no assentamento.**

Ouçamos o que eles têm a dizer e conheçamos a história do MST, contada por quem dela participou.

5.1 Sujeitos que nasceram, se criaram no campo e nunca saíram de lá

5.1.1 A história de Moisés

“O que eu tenho é pouquinho, mas graças da Deus eu me considero, hoje em dia, que eu sou o homem mais rico do mundo.”

Encontrei seu Moisés em sua casa, no momento da sesta. Quando soube do assunto da entrevista não hesitou em nos falar. Morador da fazenda na época da ocupação pelo MST, ficou muito feliz quando soube dos objetivos do Movimento na fazenda. A fazenda estava falida, sendo administrada por um arrendatário que queria expulsar os antigos moradores, sem lhes pagar os direitos trabalhistas.

Nasceu e se criou nas fazendas vizinhas. Sempre trabalhou no campo, nunca morou na cidade. Casado, 39 anos, dois filhos, analfabeto:

Eu não nasci e me criei aqui nessa fazenda, mas só que daqui, daí de Brasileira, Satubinha, Boa Fé, a família da gente nasceu tudinho aqui nessa região. Eu não tenho ficha²⁰ porque no tempo eu era uma pessoa novinho, eu não tinha condições. Porque hoje em dia você sabe uma empresa só aceita de 20 anos, 18 anos por aí, né? Esses tipos de coisa. Mas aqui pra mim ta bom demais.

Passou a infância trabalhando como morador nas fazendas pertencentes à Usina Ouricuri. Nunca teve carteira assinada e não recebeu nenhum direito trabalhista. Com chegada do MST, mesmo com os fazendeiros querendo que eles reagissem, resolveu ajudar e esperar para ver o que aconteceria:

Desde pequeno eu trabalho, não só em lavoura, né? Em outras coisas, né? Em fazenda assim, é um corte de cana, em qualquer um trabalho, sabe? Eu não vou dizer que, eu não tenho estudo, não

¹⁹ Todos os nomes são fictícios para preservar as identidades dos sujeitos. Os textos em itálico transmitem na íntegra as falas dos sujeitos.

²⁰ Ficha é aqui tem o mesmo significado de Carteira Assinada.

tenho nada, nem a leitura eu não tenho por completo, não sei nem assinar o nome. Só que num bocado de coisa eu me desenrolo.

(...) Quando a gente menos esperou chegou esse pessoal todo invadiu tudo. O que a gente pensou foi que a gente ia ficar no meio também. Foi. Eu mesmo eu só fiz assim, eu só fiz só ajudar. E o ponto que eu trabalhei só pra ajudar.

(...) Que até os fazendeiros que queria se apossar ficou botando os morador pra fora. (...) Eles não queria, ficou contra nós tudinho. Se fosse no caso do assentamento que foi feito isso mesmo, que os moradores chegaram, aí nós não podia expulsar. Eles chegaram pra ajudar a gente, a gente não podia expulsar eles. Alguém perguntou: “você são a favor ou são contra?” Não, nós somos a favor, porque... Os fazendeiros mesmo...

(...) (trabalhar nas terras dos outros) Ruim porque a gente é como se diz a história, aqui, a gente mora aqui, e aqui a gente não somos obrigado a ninguém. A gente tem a dignidade que é saber que é pra trabalhar. Trabalhar que é pra sobreviver, né? Mas só que a gente não somo mais que nem eu era antigamente, cativo a ninguém. Porque trabalhar em fazenda administrado pelos outro, é uma coisa que é assim.

Ajudou na construção das barracas de lona, cedeu parte de seu roçado para os que não tinham o que comer e quando da expulsão dos trabalhadores da fazenda, ajudou no desmonte das barracas e no transporte para que saíssem do assentamento.

Um bocado das pessoas que tinha aí chegou na minha casa, eu digo o que eu tenho, é como se diz a história, o que eu tenho aí, ó. Eu fazia uma feirazinha, que nem eu trabalhava no tempo da empresa mesmo, eu fazia uma feira, chegava um deles mesmo, aqui de dentro, eu dizia, pegue mulher, esse daí você reparte pra aquela pessoa ali, tu reparte com aquele ali. Macaxeira que eu tinha plantado que eu sempre gostei de trabalhar, toda vida, todo mundo sabe que eu sou um cabra que sempre gostou de trabalhar. Eu não sou cabra de não gostar de trabalhar. Eu sou um cara que gosta de fazer o meu serviço. Aí eu liberei logo uma parte de macaxeira que tinha aqui de frente de casa e digo: pronto. Isso aí é pra vocês arrancar pra vocês comer. E chegava gente lá, chegava criança assim menor do que essa aí, e eu dizia, reparte isso daí. Mas das vezes que eu vinha dia de domingo da rua, eu sempre eu fazia isso, eu dizia: oi, tu vai distribuindo aí. Chegar um aqui chorando ou com fome, tu vai distribuindo. Porque um dia Deus vai agradecer a nós. Não é? Porque eu acho uma covardia chegar uma criança que nem um desse, uma dessa aqui, que não tem condições de trabalhar, chegar na casa de uma pessoa com necessidade e o cara se acovardar pra não ajudar. Digo: não. Pode distribuir. Não que eu não ia distribuir de tudo que eu não podia, também eu era trabalhador (no sentido de assalariado). Eu não tinha condições.

Não ia ficar sem nada. Mas ajudei muito lá. Eu ajudei muito. E através disso que eu pensei assim: pronto, já que já estamos aqui, vou sair da empresa e vou cuidar do meu setor e deixa pra lá a empresa. Porque se fosse pra eu ta rico, eu comecei a trabalhar com oito anos de idade. Oito anos. Hoje eu to com o que, quase 40 anos de idade. Ta vendo? E até hoje graças a Deus, eu nunca fui pra um hospital, nunca fui pra cama de ninguém, pra dizer assim: aquele fulano ta doente e ele foi pra ali porque ta com doença e não foi pro trabalho. Não. Trabalho não mata ninguém. Não. O que mata é necessidade. A necessidade mata, porque quando a gente vai trabalhar, ou senão vai daqui pra ali, e quando voltar pra casa e não tiver o combustível desse como diz a história, aí vão sobreviver de que? Uma andada daqui pra li, não tem nem força de subir um degrau desse. Porque ta com necessidade. Hoje em dia, não tem daqui que diga que ta passando fome. Se passa fome é porque quer porque não tem coragem de trabalhar. Porque não tem coragem de trabalhar. Não porque a terra não vai dar um pé de carne, a terra não vai dar um pé de dinheiro. A gente tem que lutar. Tem que trabalhar. Sem ter condições. Até hoje eu não vou mentir não, eu vivo trabalhando assim devagarzinho porque eu não tenho condições. Vamos dizer assim, um que já chegou aqui e já tinha condições então hoje em dia ele tem mais que eu. Porque ele já veio e tinha condições. A gente era o que? Morador, um coitadozinho que não tinha nada. Hoje em dia nós ainda se acha vitorioso porque nós mora debaixo de um degrau desse, graças a Deus, bem dizer estamos com casa, né? E não é porque eu vou dizer que os outros vem lá de fora, porque tem alguma coisa, não deu a gente: não! Porque ele roubou! Não. Ele já tem, já possuía as coisas, porque já veio, já construiu mais, ta trabalhando, ta lutando, ta vencendo. Eu não vou dizer que ninguém ta errado. Ta certo! Agora é como se diz, eu não vou apresentar nada por causa que eua inda vou construir.

Hoje, se considera um homem rico, pois tem sua terra e sua casa de alvenaria – nunca havia morado em casa de alvenaria.

Eu morei numa casa de taipa lá embaixo que quando dava uma chuvada eu tirava o menino do quarto e botava pro mode a parede não cair pro cima, porque eu não tinha condições de, porque não era minha, se fosse minha eu podia até ajeitar. Quando a gente falava com o patrão pra mode é, aquela parede ali ta caindo. “Pra semana eu mando ajeitar. Pra semana eu mando dois trabalhador e mando ajeitar”. E nunca que chegava isso.

Não sente falta do tempo em que trabalhava na terra dos outros:

Hoje se ele chegar assim, aí na porta como ele ta aí, se ele chegar assim: você vai trabalhar aí. Eu vou dizer o que? Não não posso não. Ele diz: mas você tem que ir. Ou dia santo ou dia que for, não eu não posso ir não. Vai. Quer dizer, é mesmo que ser obrigado. A gente tem que ir, porque a gente tamo assumindo o lado tanto da gente como do patrão. Hoje em dia nós vive aqui é assim: a gente trabalha. Todos nós trabalha. Esse daqui são cinco hora, sai seis hora, sai quatro hora. Depende da ocasião. Mas só que ninguém é obrigado a levantar a hora que chegar aqui um patrão e disser assim: levanta aí que você vai trabalhar agora. Você diz: Não, não vou não. Não vou hoje que eu não tenho condições. Eu não tenho condições e ninguém vai obrigar. Ninguém vai obrigar. A gente ta no compromisso de trabalhar, não ser obrigado. A gente não somo obrigado a ninguém.

Perguntado sobre como escolhe o que plantar, responde:

Depende, né? Tem ano aí que dá, dá até uma certa lavoura. É porque quando a gente pensa de plantar uma lavoura que a gente vê que ta dando futuro, a gente vai e planta. Todo mundo aqui investe naquilo ali. Aí quando chega no tempo, aí lá no mercado ta assim ó. Ta lá embaixo. Aí a gente fica a toa. Sabe nem o que é que faz mais. Porque não tem condições. Quando a gente investe numa coisa que nós pensa que tem futuro, não tem. Tem naquele ano que a maioria, não só nesse assentamento, mas em outros assentamentos por aí. Não tem mais futuro. Quando chega lá no mercado, cadê? Lá embaixo.

A produção que tira do lote é vendida nas feiras da região:

A gente vende em todo canto por aí, em São Miguel dos Campos, é em Maceió, Chã do Pilar. Um bocado de canto. A gente vai pra feira. A gente não pode ficar num canto só porque se a gente for ficar parado, quando pensar que não o urubu passa e pensa que o cabra ta morto. Aí tem que trabalhar. Tem que lutar tem que vencer que a vida não é fácil. Hoje em dia a gente só vive através de progresso. Se a gente não for, como é que se diz a história, evoluir, os passado que nem a gente já viu antigamente muitas coisas que a maioria das pessoas diz: todo mundo é fácil fazer as coisas. Não é não. A gente só sabe quando a gente vai lutar, trabalhar pra vencer a batalha. Não é só porque a gente hoje, hoje eu consigo, vamos supor, eu saio de casa consigo arrumar mil reais. Ta certo, arrumei mil reais hoje. Quando for amanhã eu vou e não consigo arrumar nem duzentos. Não dá nem pra sobreviver como se diz a história. Não dá nem um salário mínimo. Oi! Isso aí é o que pra assumir? Até agora,

oi, tem um bujão que eu tenho ali ta pifado ta com uns três meses ou quatro, que eu não tive condições de encher. Tem o que? Eu tenho a lavoura. Mas só que não ta no ponto de eu arrumar agora o dinheiro pra eu sobreviver. Entendeu como é? Teve essa praga da lagarta. A gente plantou aí, teve canto aí de comer até oito vezes ou mais. Ou mais. E a gente quando ia arrancar, era mais ou menos assim ó, pronto da grossura assim ó (mostrando o dedo), a macaxeira, a mandioca, muitas coisa. Não dava pra nada. Teve gente que abandonou as roça por que não tinha condições mais. Quando ia saindo assim a lagarta comia.

Vê o futuro dos filhos no assentamento:

Se eu pudesse e as minhas condições chegasse um ponto, quando eu daqui uns dias, que eu viesse a falecer ou qualquer coisa, eu queria deixar eles mais melhor do que o que eles tão. Porque isso aqui não é meu, é deles. Isso aqui não é meu, é deles. Eu não tenho nada. Eu trabalho pra eles mesmo. Porque eu queria possuir condição de, porque no tempo certo dizer: oi meu filho, isso aqui é seu e isso aqui é seu. Pra cada um ficar no seu lar, não depender de ninguém. Depender só deles mesmo, pra não ser obrigado. Porque a pior coisa do mundo é a gente trabalhar, lutar e ainda viver obrigado.

(...) se Deus quiser. Mesmo que eu não possa mais, mas eu entrego pra eles. Eu não pretendo vender isso aqui pra ninguém. Isso aqui é deles.

O lazer para ele é estar na casa de farinha:

Divertimento é na casa de farinha toda semana. Meia noite, uma hora da manhã. Meu divertimento é esse. Comer um bijuzinho de coco, uma tapioca, um negócio. A vida da gente é assim. A gente não faz outra coisa não. Só isso mesmo.

Não deseja sair do assentamento e quer que os filhos estudem, mas permaneçam no assentamento cuidando da terra que é deles.

5.1.2 A história de Marcel

“Hoje em dia é melhor porque a gente não vive dominado por ninguém. E naquela época a gente vivia dominado pelos outro. E hoje em dia não.”

Ao término da entrevista com seu Fernando e sabendo que eu desejava conversar com mais alguém que fosse morador da Fazenda antes da chegada do MST, seu Fernando convidou Marcel, seu vizinho, para vir até sua casa para que eu conversasse com ele.

Marcel tem 25 anos e nasceu no assentamento, na época em que era uma fazenda de propriedade da Usina Ouricuri. É casado com uma moça que residia em um sítio vizinho e tem quatro filhos. Passou a infância na fazenda e diz que quando era pequeno “*era só jogar bola e viver sempre em casa*”. Começou a trabalhar aos 16 anos ajudando o pai a “*limpar roça e a plantar*”. Quando os Sem terra chegaram à fazenda diz:

Eu pensei assim, eu já tava maior, eu pensei que ia trazer melhora pra gente, né? Porque na época a gente trabalhava pra um homem aí, pro rapaz que ficou tomando conta da fazenda depois que a Usina faliu. Aí chegou os sem terra dizendo que a terra ia sair, pensei que ia melhorar e melhorou mesmo, né? Porque hoje a gente já vive no que é da gente, né? não é mais como vivia dominado pelos outro.

Seu pai foi o beneficiário do lote, quando a imissão de posse do assentamento, mas quando ele faleceu, o lote foi passado para o seu nome. Vive hoje no assentamento trabalhando de vaqueiro para um dos assentados, pois segundo ele não dá para viver apenas com o que tira da terra:

Sobreviver da minha terra não dá não. Não dá pra viver não. Porque a renda é muito pouca, né? Dá pra eu viver trabalhando, assim como eu vivo trabalhando. Trabalho pro rapaz e ganho a semana e trabalho pra mim também, boto uma pessoa quando tem muito trabalho, aí dá pra ir tirando. Mas só da terra não dá não. Dá não.

Para ele houve mudança de vida antes e depois do assentamento existir. Antes ele era um empregado, a vida era difícil, ele tinha que trabalhar longe de casa, hoje não vive “dominado”, trabalha em sua própria terra e quando tem que trabalhar para outra pessoa, é dentro do próprio assentamento:

Era muito mais difícil. Porque eu mesmo saia pra trabalhar fora, aí mesmo nessa usina, na época que essa usina faliu, em 97, aí eu comecei a trabalhar aqui. Só que ficava muito mais difícil, porque eu descia de lá de baixo, pra outra fazenda ali, era mais de três quilômetros a pés. Aí chegava tardão da noite. Hoje em dia é melhor porque a gente não vive dominado por ninguém. E naquela época a gente vivia dominado pelos outro. E hoje em dia não.

Ele que sempre foi morador da fazenda quer que os filhos permaneçam onde ele está e como não deseja sair do assentamento, deseja que eles também permaneçam no campo:

Eu que eu penso pro futuro deles é que eles quando tiver entrando pros cinco anos, é botar pra estudar. Estudar pra ver se quando tiver velho não se criar do jeito como eu se criei sem saber quase nada. Eu estudei muito pouco. Estudei só até a terceira série. Só sei ler e escrever um pouquinho mesmo. Eu quero que eles fiquem onde eu tiver. Eu tiver, eu quero eles perto de mim.

Sobre o lazer no assentamento, ele que é proprietário de um bar nos conta:

*Eu trabalho direto. O único divertimento que eu tenho, é só dia de domingo brincar de jogo de bola.
(...) Eu tenho bar um aí. Ta fraquinho porque eu comecei agora, mas vai dar.*

*Dia de domingo, depois do jogo fica assim de amigo.
 (...) É. Vem o jogo de fora aí pro campo, a gente joga. Depois do jogo a gente faz um divertimento pra se divertir um pouco, uma cerveja, uma cachaça, a pega. Aí é o divertimento que a gente tem. É, só isso mesmo.*

Não deseja sair do assentamento e diz não saber como viver na cidade:

Rapaz, tem hora que eu penso em ir embora pra outro lugar, mas através de viver acostumado aqui, tudo é mais fácil pra mim sabe? Por que se eu chegar numa rua²¹ mesmo, pra mim eu não sei ta numa cidade. Se eu chegar numa rua eu me sinto uma pessoa preso. Eu não sei andar pra nenhum canto, aí fica mais difícil. Aqui não. Aqui eu conheço todos canto. Quando eu não to fazendo nada eu saio pra andar e me divirto assim mesmo.

5.2 Sujeitos que nasceram no campo, migraram para a cidade, mas retornaram ao campo através do Projeto de Assentamento Rural

5.2.1 A história de Míriam

“A gente sofreu muito pra ganhar esse pedacinho de Chão aqui. Sofremo mesmo. Precisando de comida, precisando de remédio, de roupa, calçado, de tudo, finalmente tudo. Aí quando a terra saiu, aí pronto. Aí ficamos no paraíso.”

Dona Míriam, uma antiga líder do assentamento, nos recebeu em sua casa dizendo que se a entrevista fosse para o bem da comunidade, não teria problemas em falar. Explicados os objetivos da pesquisa ela concordou em nos contar sua história.

²¹ Quando os sujeitos se referem a “rua” estão usando-a como sinônimo de zona urbana.

Casada, mãe de 11 filhos, evangélica, 39 anos, semi-analfabetizada, Dona Míriam nasceu “*numa terrinha que sua mãe tinha*” e foi criada na terra de outros parentes. Não pode estudar na infância devido às condições financeiras da família, pois para seu pai os filhos deveriam ir para a roça ajudá-lo. Na adolescência, foi matriculada em uma escola, porém cursou apenas a 1ª série do ensino fundamental, abandonou-a aos 14 anos para se casar.

Ela fala de sua infância como um momento de sofrimento, de pobreza, de trabalho no campo e com cabo da enxada, trabalho vivido com sofrimento, pois lhe impediu de ir à escola:

Minha vida quando eu era pequena, era, só fiz coisa muito estúpida, muito estúpida mesmo. No tempo de criança, os meus pais era pobre, eles não tiveram como me botar na escola, eu não pude estudar. Tinha escola municipal, estadual lá no sítio, mas ele não me deixava estudar, era só pra roça, pra aquela vida de enxada. Então quando eu vi a escola, quando eu fui pra escola, eu tinha 13 anos. Eu só estudei um ano. Só estudei a 1ª série. Quando eu desisti aí eu casei.

Depois de casada, segundo conta: “*foi só parir e ter menino*”. A situação difícil no campo, a falta de trabalho, levou Dona Míriam e seu esposo a migrarem para a capital Lá, seu marido trabalhou apenas seis meses, depois ficou desempregado.

Casei com 14 anos. Casei com 14 anos, aí foi só parir e ter filho. Depois não deu certo morar onde a gente tava, aí a gente foi morar em Maceió. Chegou lá em Maceió o meu marido trabalhou seis mês. Mas aí foi embora com os menino, aí voltou de novo pra Chã Preta. Moramos na Chã Preta. Da Chã Preta a gente volta pra Maceió de novo. Chegou lá ele passou mais um ano e oito mês desempregado. E eu trabalhando nas cozinha. A gente foi morar na cidade porque faltou trabalho. Meu marido trabalhava lá no Caçambinha, morava lá no Caçambinha, perto de Chã Preta, e chegou um tempo que o patrão não tinha mais o

serviço. Faltou serviço. Aí ficava por lá e tal lá vai. Ele disse: homem, eu vou pra Maceió que lá eu arrumo emprego. Aí foi da vez que foi e quebrou a cara, né? Ele não arrumou, arrumou assim, trabalhou um pouquinho, depois faltou serviço e não trabalhou mais.

Na cidade, sem qualificação profissional, seu esposo procurou emprego, mas não conseguiu se inserir no mercado de trabalho, conseguindo apenas empregos temporários que lhe traziam risco de vida e uma remuneração que não garantia o sustento de sua família.

(O marido procurava emprego) era de servente, era pacoteiro, era de guarda. Ele trabalhou pra lá de guarda, perigoso, de noite naqueles postos de gasolina, desarmado. Um sufoco terrível! Passou um mês trabalhando, menina, eu não dormia mais, preocupada. Eu sei que ele trabalhou um mês, e nem esse mês mesmo ele recebeu, que é lá uma firma, não sei como é, que toda noite deixa um guarda num canto, naqueles posto de gasolina. Ele desarmado, sem nada do jeito que é. Eu sei que ele passou 30 dias assim e nem recebeu. Aí pronto. Aí ele ia, ainda vender picolé. Vendeu suco ainda. Vendemos feijão de corda. Às vezes passa aí na televisão aqueles pessoal com as criança porque ta vendendo. Não é melhor estar vendendo do que ta roubando? É muito melhor. Eu vejo aquilo, eu digo: meu Deus, eu não entendo mais o pessoal do mundo. Porque se esses menino tão vendendo esse feijão aí, é porque o pai não tem recurso, meu Deus. O que é isso?

Diante do desemprego de seu esposo e da impossibilidade de manter o sustento da família, não se deixou abater, partiu para o mercado informal, vendeu os eletrodomésticos que possuía e comprou produtos para vender com os filhos nos sinais de trânsito de Maceió. O trabalho das crianças nos sinais de trânsito junto com os pais é visto como uma última alternativa possível diante da crise por que passaram:

Olhe: lá em Maceió eu me vi dum jeito, eu peguei um liquidificador, um ferrinho que eu tinha e um som velho que o meu marido tinha, só, parece que só era um passa disco, vendeu pra eu fazer o dinheiro de comprar um saco de feijão pra vender no sinal. Era o J. que era o mais pequeninho e a P. Eu debulhando lá, eu e meu

marido debulhando e eles vendendo. Se aquelas criança, eles tão ali, é muito mais melhor de que ta na CEASA pegando resto de fruta que nem eu via lá, e pedindo. É muito mais melhor eles ta ali vendendo aquele feijão, porque ali eles tão aprendendo alguma coisa. Eles tão aprendendo alguma coisa. Eles tão aprendendo a negociar, ser uma pessoa mais inocente. Muito melhor do que aqueles menino que tão no sinal passando aquela aguinha naqueles pára-brisa daqueles carro. É muito mais melhor ta vendendo aquele feijão, porque eles vende naquele horário, no outro horário eles tão em casa. É muito mais melhor. Aí vem o conselho tutelar, vem não sei o que. Aí vem a bolsa família.

Homem! Não gosto nem de falar nisso, viu? (risos) Do jeito que passou aí, umas coitada, não sei quantas mil Maria, né? Lá atrás de receber o bolsa família. As coitada! Aquilo é uma tristeza! É uma tristeza! Só com aquele dinheiro, são 25 reais parece. Dá pra viver, pelo amor de Deus? Não dá não. Eu tava deitada pensando. Passou aquele de volta pra minha terra, a gente assiste dia de domingo, não gosto de assistir essas coisa eu que choro logo. Aí os menino diz: “mãe, não chore não!” mas eu fico que eu não suporto. Aí perguntou: você comeu biscoito? Você comeu chocolate? Pra que fazer uma pergunta dessa? Chegar aqui uma pessoa e fazer uma pergunta daquela meus menino não sabe nem o que dizer, porque eles não vere mesmo aquilo. Aí eu tava pensando: essas pergunta aqui, meu Deus, se chegasse aqui, se chegasse aqui e uma pessoa perguntasse eu ia dizer que não que eles não vere mesmo. (risos) Não ver mesmo. Uma coisa até absurda que a gente vê na televisão, passar na televisão. Filho de pobre vai comer biscoito recheado? Come não, minha filha. Come é feijão puro com farinha. As vezes aparece um arroz, as vezes tem um pedacinho de carne, as vezes não tem e é assim que a gente toca a vida. Mas tamo muito mais feliz do que ta roubando, né? Assaltando, matando. Tamo muito mais melhor assim do que pra lá pra cidade. É, a vida é assim.

Em Maceió, a vida não foi fácil. Seu esposo saía de casa, a pé, todos os dias para procurar trabalho e não conseguia. Analfabeto, sem experiência, ficou um ano e oito meses procurando até desistir e tentar viver de “bicos”. Trabalhou como ambulante, vendendo picolé, sorvete e suco. Vendeu feijão nos sinais, com os filhos. Colocou os filhos para vender picolé, amendoim torrado. Enquanto isso, ela trabalhava de empregada doméstica “*nas cozinhas do povo*”.

Ela e o esposo tomaram conhecimento do MST pelo noticiário da TV. Diante do quadro de miséria e desemprego que eles viviam, resolveram se juntar às fileiras do Movimento em busca de uma vida melhor.

Ele conheceu os sem terra através da televisão. Foi por causa que os sem terra, por causa que passava muito na televisão, né? Aquelas revolução, aquela história todinha. E lá em Maceió ele via ocupação, né? Aquela coisa toda. Aí ele disse: o que é que eu to fazendo aqui em Maceió? Porque eu to desempregado. Eu não vou arrumar trabalho mais. Era um castigo! Ele andou uns oito mese todos os dia, por causa que a pessoa que não tem leitura é cego. A gente que não tem leitura é cego por natureza. A bíblia diz que o pior cego que tem é aquele que não quer enxergar. É mesmo. Você ta vendo as coisa, mas não sabe como é aquilo. Então o bichinho saía todos os dia com a carteira na mão, atrás de emprego e quando chegava lá tinha não sei quantas pessoa, nem perto dele chegava. As vez entrava aquelas pessoa que tinha mais conhecimento pra lá e o coitadinho voltava. Quando foi um dia eu disse: homem, não vá mais não! Pra que você ir? Você ta só se cansando. Porque todo dia ele saía de carteira na mão, de pés, isso era de pés, quando eu arrumava um trocadinho eu dava a ele. Quando não arrumava ele ia embora de pé, chegava as vez, chegava de noite em casa já tava quase escurecendo, de passar o dia mesmo. Não atendia num horário, quando não chegava o outro não atendia, chegava tarde em casa. Eu digo: ô rapaz não vá mais não. Aí pronto, ficou em casa. Não trabalhava porque não podia. Os meus menino era mais pequeno, vendia amendoim, vendia castanha e assim a gente arrumava o dinheirinho das compra no final da semana. Quando foi depois os menino começou a crescer e ficaram com vergonha, aí não foram mais. Aí ele viu esse negócio na televisão, e os sem terra lá em Maceió, lá no Incra, ele disse: sabe de uma coisa? Eu vou pros sem terra. Aí eu fui comprei um plástico, fiz uma feira dei a ele, ele mandou-se. Aí pronto. Hoje ele tem a terrinha dele.

Eu fiquei lá em Maceió. Eu fiquei, passei ainda uns quatro meses pra poder vim.

Fiquei lá em Maceió, mas desesperada, sem saber o que fazer, era tanta polícia, era no tempo do Pimentel, aí o Pimentel desceu lá com um monte de polícia, eu sei que saiu um bocado de gente e foram pra outro acampamento.

Ela que conta como é viver em um acampamento:

Ninguém podia ver um carro chegando que corria todo mundo. Ninguém dormia. Ficava sempre uma pessoa lá prestando atenção pra ver se aparecia alguém pra acordar os outro. Aquele abacaxi! A gente planta, os outro vem machuca tudo, arranca o que plantou. Os fazendeiro era um sufoco. Um sufoco! Um acampamento só sabe quanto custa quem vai pra lá. As vezes vinha aquelas merenda que o presidente dava. Eita, meu Jesus Cristo! Só comia quando já tava passada, porque o feijão amargava, o arroz não prestava, arroz era puro só de água e sal. Pra comer assim, é por isso que o pessoal, às vezes fica no acampamento, que ta interessado, né? Aí já vai

plantando uma rocinha, porque minha filha, a merenda só Jesus é quem dá força pra gente comer. Porque o feijão amargava, feijão duro. O feijão botava no fogo de manhã, pra ir comer lá pras três horas, duro que só pedra. Não sei o que eles fazem pra ressecar tanto aquele feijão. O arroz cozinhando e o fedor matando, um mal cheiro de lixo tão grande no mundo. Por isso minha filha agora que eu não dou o meu pedacinho de terra por dinheiro nenhum do mundo, porque ainda não pagou não o sofrimento, não. O sufoco foi muito grande. Porque esses menino, esse daqui não, que ainda não era nascido não, esse nasceu aqui, eu com esse menino piqueninho, tinha noite que eu me acordava o bichinho tava todo molhado. O plástico rasga, né o vento? O vento rasga, fura o sol o plástico também, cai sereno, cai sol quente, só faltava morrer de calor. Eu ia pra debaixo dos pés de mangueira pra ver se passava mais aquele cheiro. Água quente, a água esquenta é no balde, tudo. A fumaça.

A violência que acontece contra os sem terra durante o processo de desapropriação é relatada por Míriam:

Aí o Pimentel desceu lá com um monte de polícia, eu sei que saiu um bocado de gente e foram pra outro acampamento. Não deu certo, foram pra o Timbozinho, que é canudos hoje. A gente passou lá uns dois ano bom, foi quando a gente veio pra esse assentamento de novo. Acampamos aqui e depois o Incra dividiu, as pessoa que ia ficar lá e a sobra vinha pra cá. A gente ficou aqui. Sofremo que só, tanta pistolagem, tanto tiroteio. Meu marido saiu debaixo de arma. Ele foi tirar umas madeira, ele e mais três. O meu filho tava nesse tempo, o J. tava junto com ele, né? Foram buscar palha pra cobrir as casinha aí saíram debaixo de chumbo pra lá. Ele e o B. filho da dona Z. aí pronto. Aí ele ficou. Eu tava internada com esse menino.

E prossegue seu relato nos falando sobre os problemas de saúde que podem acontecer em um acampamento devido à falta de estrutura:

Esse menino deu um problema de pneumonia que ele não pode levar sol nem chuva, nem nada gelado. Eu tava interna em Maceió com ele. Passei 29 dia com ele internado. Quase morreu. Aí eu disse: pronto.

Nestes momentos de dificuldade, o marido pensa em desistir, mas ela reage, dizendo que não havia como desistir, pois tudo o que possuíam havia sido investido na tentativa de se conseguir um pedaço de terra:

A gente não vai sair de lá não. Vamos deixar pra ver o que vai dar. Já tava tudo perdido. Não tinha mais casa, não tinha mais nada. Aí ele voltou, eu voltei também. Aí foi abaixando mais e a terra tava na justiça.

Eu mesmo não voltei pra trás porque eu não tinha onde ficar, por causa que a casinha da gente ele vendeu. Aí não tinha como eu voltar, alugar e trabalhar pra pagar aluguel, né? Aluguel era caro. Naquele tempo uma casinha bem pequenininha era oitenta, setenta reais. Eu não tinha como eu ir trabalhar pra pagar aluguel. Sofri tanto! Mas tinha que continuar assim mesmo.

Na caminhada em busca da terra, as ocupações à sede do Incra eram freqüentes:

Eu sei que era tanta caminhada e ocupação lá no Incra e a gente ficava lá dias e dias, passando fome, necessidade, sede, precisando ir ao banheiro. Tinha hora que ficava todo mundo lá encolhido. A gente sofreu muito pra ganhar esse pedacinho de Chão aqui. Sofremo mesmo. Precisando de comida, precisando de remédio, de roupa, calçado, de tudo, afinalmente tudo.

Depois de todas as dificuldades, finalmente sai a imissão de posse, a divisão dos lotes, a construção das casas. O problema primeiro de sobrevivência estava resolvido, este momento é relatado como um momento de realização em que ela se sentia “no paraíso”:

Aí quando a terra saiu, aí pronto. Aí ficamos no paraíso. Aí veio o projeto das casa, fizeram as casa e saiu o projeto. Antes também já tinha saído e nós já tava lá embaixo, foi mais uma alegria, já nasceu um novo espírito. Aí rapidinho veio o projeto das casa, construiu as casa. Aí junto das casa veio a, como é? Dividir as terra, os lote, fazer os lote. Aí todo mundo ficou sabendo onde era os seus lote. Aí veio as casa. Das casa daí um pouco aí apareceu a igreja, né? Veio

a Igreja. Aí a congregação era ao lado da casa do irmão A.. Depois o pastor veio, aí foi se ajuntando os irmão, foi crescendo, aí fizeram a igreja.

No momento em que as necessidades básicas são resolvidas, Míriam se volta para a Igreja. A religião em sua vida ocupa um lugar de destaque:

A igreja é uma benção! A igreja significa na minha vida um novo caminho. É um novo caminho, por que? Porque a gente, a gente que vive lá no mundo, a gente é perturbado por muitas as coisa, muitas as tentação. As tentação é muitas. São muitas coisa pesada ao lado que a gente, a gente com tudo a gente se aperreia, com tudo a gente quer vencer na marra, né? Com as nossa mão, com as nossa força, com as nossa ignorância, e que a gente não tem conhecimento da bíblia, por causa que a bíblia não ensina, a bíblia dá o ensinamento pra gente seguir o que ta escrito. O que Jesus fez? Jesus não brigava, Jesus não dava, Jesus não matava, é assim que nós devemos viver. Lá fora a gente tem o mundo, as coisas do mundo pra nos oferecer. As coisa boa do mundo: carta, bebida, cigarro muitas farra, divertimento. As vez por uma coisinha de nada a gente surge o maior problema da vida, né? Vai parar, vai parar na cadeia como tava passando na televisão. Parece que ia passando uma moça e ele pediu dez reais, dez reais pra comprar comida pra os filhos. Aí ela não deu, acho que ele deve ter assustado ela e foi parar ali, por causa de dez reais. Se ele tivesse nos sem terra, se ele tivesse nos sem terra ele tava livre disso.

E conta como era a visão que as religiões tinham dos sem terra e da que têm hoje e da satisfação que sente em ser evangélica e sem terra:

Oi, o pessoal falaram tanto nos sem terra quando começou, quando começou os sem terra era a maior coisa do mundo. Logo no começo, as igreja não aceitava sem terra. Era, não aceitava não. Por causa daquelas bandeira vermelha, aquelas coisa. Mas não há outro caminho melhor do que ser evangélico e ser sem terra. Juntar os dois, fica bom. Os que são evangélico segue a Jesus, e os que não são evangélico, segue atrás de um pedacinho de terra, porque é como o, como é meu Deus, que eu não to lembrada dele, era o rapaz lá do Incra, o Dr. Ricardo Vitório, ele dizia que o emprego melhor que tem é você ter um pedaço de terra, porque você nunca vai sair do seu emprego. E realmente é certo mesmo. Então as duas coisa são iguais. A gente segue a Jesus, por que? Porque todos os problema do mundo, que o mundo oferece, é duro, então o caminho é muito duro, o caminho é o pior caminho. Porque a gente sofre

tanto aqui, meu Deus! A gente sofre tanto que é uma coisa. E sem Jesus a gente sofre muito mais. Porque as conseqüência do mundo são muito grande e a gente com Jesus vai viver alegre, caminhando assim pra uma coisa, procurando pra saber que um dia vai ver o paraíso. A gente fala que é o paraíso, lá é uma cidade de ouro, lá todo mundo é saudável. Sabe que a gente vai ganhar uma coroa, sabe que a gente vai viver com Jesus. Então a gente anda procurando esse homem, querendo ver esse homem, que é pra viver uma vida boa. Porque aqui na terra!

No assentamento sempre desempenhou um papel importante, apesar de hoje estar afastada da direção. Foi ela que conseguiu trazer escola para o assentamento e transporte escolar para os jovens que queriam continuar os estudos na cidade.

Como eu fui criada sem estudo, eu admiro demais o estudo, admiro demais o estudante. Ele merecia ter toda mordomia. Merecia! Porque ele tá em busca de coisa pra ele e pra os outro, pra dar a ele e pra dar os outro. Como eu não tive essa liberdade, eu admiro. Sou fã de quem estuda. Se eu pudesse eu não via ninguém maltratando estudante. Eu sou p. da vida porque de vez em quando tem uns maloqueiro da Atalaia que fica batendo nos menino daqui. Essa semana, minha menina chegou aqui já chorando: “mas mãe, eu tava conversando mais um menino os maloqueiro pegaram ele, por causa que ele não deu um boné, e deram tanto no menino. E ainda acharam pouco, pegaram a vassoura de lá do pastel e quebraram nas costa do menino. Deram tanto no menino, ainda foram pra delegacia, mas ninguém viu nada, maloqueiro e pronto”. Aí quando eu cheguei lá, Adelma dava aula embaixo da mangueira. Eu achava aquilo muito bonito. Eu arrumava aqueles pedacinho de lápis e brigando lá na Secretaria com a Áurea, a Áurea deu (...) fizemos um galpão, mesmo assim de palha, fizemos uns banquinho de pau mesmo, de imbaúba e ela dava aula assim. Aí quando saiu o assentamento, ela foi da aula na casa grande da fazenda. Quando eu cheguei aqui, os menino ia estudar na Providência, do outro lado do rio. (...) eu fui combinei com o irmão A., com o pessoal na assembléia, pra gente fazer um galpão lá. Aí todo mundo concordou em fazer o galpão (...). quando o dono da outra fazenda soube que tinha um monte de criança que era sem terra, ele botou a professora pra ir embora. A professora foi embora e não ensinou mais na terra dele. Aí saía os menino daqui, do acampamento lá de baixo pra ir pra Satubinha, era muito, muito longe. E a professora, como era muito menino, ela pediu ajuda, pra ir alguém lá ajudar ela, mas não tinha condição. (...) Aí eu fui e falei pra fazer um galpão lá, pra fazer uma escola. Aí fizemos o galpão. Aí eu fui pra Chã Preta, tiramos madeira, palha. Fui lá pra Chã Preta pedir o caminhão na prefeitura. Deram o caminhão, mas o caminhão não foi. Nos enganaram. A palha e a madeira secou. Mas tudo bem. Mas Deus mandou o

fomento, aí a gente foi e mandamos um carro de cá pra buscar. Aí limpei o Chão, eu, meu marido e meus filho. Limpamos o Chão, aterramos, aí furaram os buraco, levantou o galpão. Aí eu fui na secretaria, aí a secretária falou: “eu mesma já queria levar a escola pra lá. Boa que vocês já vem com tudo encaminhado!” Aí foi, ela liberou cadeira, o material escolar. Aí nós não tinha onde cozinhar, aí a direção comprou um fogão, um bujão, panela, pronto. Aí continuou, né. Com o tempo, aí quem era que ia dar aula? Aí ela mandou eu encontrar uma pessoa com 7ª série. Aí eu arrumei uma pessoa com 7ª série. Depois veio do governador, que só queria gente formado em sala de aula. Arrumei dois que era filho de assentado. O pai deles foi buscar eles, ainda ensinaram um ano. Aí depois veio o problema dos concursado, eles não era concursado. Aí a gente já tava aqui em cima. Aí a escola não tinha onde ensinar, eu digo agora pronto! E agora, meu Deus? Botei a escola aqui dentro de casa. Aí tava construindo a sala de reunião. Eu digo e agora? Fazer um galpão aqui dentro do assentamento não vai prestar. Aí tava construindo a sala de reunião, eu digo: vamos trazer a escola pra cá. Aí ele (o presidente da associação) não queria, e eu disse: e nós vamos perder, é? Os menino vão estudar aonde? Aí eu levei pra lá o quadro, o quadro era do MST (...) só um quadro só, pra ensinar à tarde e de manhã. Aí a cozinha ficou lá no quartinho atrás da casa de reunião. Aí passamos esse tempo todinho, até que me tiraram de lá. Deus o abençoe. Me tiraram de lá.

A educação sempre foi um ponto importante em sua vida. Na infância não pode estudar, mas desejava tê-lo feito, por isso, chama a responsabilidade de garantir a educação das crianças do assentamento para si. O momento em que tem que deixar o trabalho de zeladora da escola do assentamento é vivido como uma morte.

Me tiraram de lá. Passei um tempo aqui que só vendo. Eu me apeguei tanto que considerava os aluno como se fosse meus filho. Já pensou? Quando eles aperreava, eles não obedecia as professora e me obedecia. Até hoje, eles passa uns dia sem ir pra escola, eu chamo: vai pra escola, menino! Eles: não. Professora chata! Eu digo: tem que ir, vai servir é pra vocês não é pra mim. Era assim que eu ganhava eles. Você não ta estudando pra mim, ta estudando pra você. Escuta o que a professora diz. Preste atenção, meu filho. Tem menino aqui que formou-se. As vez as mãe não queria deixar os menino ir pra escola, aí eu ia lá. Muitas vez eu fui buscar o menino em casa. Eles brigava e não queria mais ir. Eu ia nas casa, fazia confusão mais as mãe. Menino é assim. Eles dava cada grito dentro da sala que doía meus ouvido. Aí eu chegava lá, dizia: meu filho não grite não que dói muito na minha cabeça! Não faça isso não! Eu me preocupei tanto que eu estourei os ouvido. As pessoa diz que se você se preocupar muito você estoura os ouvido.

E realmente, se você se preocupar, se aperrear, estoura os ouvido. Aí eu adoeci da cabeça, eu tratei os menino mal um bocado. Aí foi, foi, com um tempo eu chamei um pra conversar, o que era pior e perguntei: você grita assim em casa? Você gostaria que alguém gritasse assim na sua casa? Não. Faça isso mais não. Se você ver os menino na cidade. É tudo caladinho quetinho. Deixa que é até pior! Na cidade é tudo caladinho. Quando eu estudava era assim, todo mundo calado. Só quem falava era a professora. Quando alguém falava um pouquinho ela olhava, aquilo ali a gente tinha um medo! Aí um ano que eu estudei, pra mim foi muito bom, eu corria, fazia as coisa na carreira pra dar tempo de ir pra escola. Mas foi um ano, mas foi muito bom. Aí os menino se comportaro, se comportaro. Eu pedia oração pros menino, eu orava pros menino. As vez eu vinha aqui em casa buscar um negócio, faltava uma coisa na escola eu vinha buscar em casa. Aí eles começava a bagunçar, bastava a professora dizer: lá vem dona S. que ficava todo mundo quetinho. Quando chegava alguma pessoa pra visitar, eles levantava tudo, dava boa tarde ou bom dia. Aí eu fiquei tão ruim, eu ainda não me conformei. Me tiraram do meu emprego e não tava no tempo. Não tava, que eu assinei o contrato no mês de dezembro e me tiraram no mês de fevereiro. Não tinha terminado. Terminou não que era seis mês o contrato. Se tivesse me matado era melhor. Por causa que eu não dormia,. Era muita coisa. Ficava preocupada. As vez tava dormindo, sonhava com eles. Era um aperreio. Quando eu pensava que não chegava menino aqui: “Dona Miriam, fulano arengou comigo!” Aquilo era mesmo que uma punhalada. As vez eu respondia até mal a eles. Mas eles não tem culpa. Eu me corrigi. (...) a gente fazia festa, cada um dava uma coisa. Porque criança quer é alegria. Aí dia dos pais, São João, dia das mães, cada um dava um pouquinho. Tinha uns que não podia dar, eu dizia: tem nada não. Eu tirava do meu dinheiro e ajudava. Dia das criança, São João, natal, coelhinho da páscoa, tudo a gente fazia. Aquilo ali enchia o coração deles de alegria. (...).

E retoma sua fala sobre a luta pela educação no assentamento, nos contando como conseguiu transporte para as crianças e jovens do assentamento que haviam terminado ou estavam terminando a 4ª série do ensino fundamental:

Aí quando a gente chegou aqui, os meus menino, eu tinha menino já de 5ª série. Eu digo: meu Deus e agora? Aí eu fui lá atentar a secretária de novo. É! Eu batalhei muitas coisa aqui dentro. Fui eu mesmo. Eu tenho até medo disso. As vez eu to aqui e chega gente aí, eu tomo um susto danado. Tinha um monte de menino pra estudar e não tinha ônibus. Mas não é possível. Aí a secretaria disse: “Ah! Porque vai um ônibus não sei pra onde e não sei pra onde e não sei pra onde! Eu vou ver.” Não é possível! Eu tinha aqui umas 20 pessoas 5ª e 6ª série. Eu digo: Ah! Secretária não dá não, arrume qualquer coisa uma Kombi, uma coisa pra esses menino ir. Aí o ônibus passava lá na Providência, do outro lado, saía o menino

de 6ª série. Ele saía do acampamento lá pro outro lado. Ele vinha de noite sozinho numa coragem. Aí ele ficou. Eu sei que eu fui umas oito vezes na secretaria, até que ela se abusou e mandou o ônibus. Aí o ônibus vinha até no meio da ladeira que não podia descer, aí eles vinha. Ôxe! Aí tinha gente que duvidava do ônibus vim. Eu digo: vem, ele vem. Ele vai vim sim, se ele não vim eu vou pra secretaria em Maceió, mas eu vou. Eu sei que quando pensou que não o ônibus chegou. Ao pronto, foi no começo do ano, aí os menino se mandaro. Meio do ano, tava chovendo muito. Aí pronto, aí ficou. Foi aparecendo, aparecendo, quando pensei que não o ônibus tava cheio. Porque o pessoal foi chegando, né? Aí o ônibus já tava cheio de gente. Começou os meu, né? Que ia terminando a 3ª, terminando a 4ª e entrando na 5ª. Foi quando o Zé do Pedinho entrou, aí a nova secretária e fui também lá aperriar ela pra mandar o ônibus. Aí a Sandra lá da Satubinha tinha uns quatro pra ir também. Eu sei que eles foram falar também, parece que mandaro um ônibus e pra cá também. Eu sei que até hoje ainda não faltou. Deu problema num ônibus, mas mandaro outro pra levar e eu sei que ta indo. Ta indo lotado. Lotado mesmo que eu soube que teve gente que trocou a tarde pra ir a noite porque não cabia mais. Vai o ônibus pra Bom Jesus, pra Volta D'água, pra aqui, Satubinha e vai passando por aí e vai levando tudo. Ele sai daqui 12h e o outro sai às 5h. É dois ônibus que vem, os dois horário, um pra de tarde e outro a noite.

A assistência à saúde no assentamento:

Sabe que eu nem lembro quando um médico veio aqui. Tem uma doutora que vem aí pra Sapucaia e quando ela vem aqui, acho que dá saudade, ela vem aqui. (...) mas não dá pra quem quer. Os menino adoce, esse mesmo só vive gripado, mas a gente não consegue nem chegar perto, de tanta gente que vai atrás da médica. As vacina é que as vez vem pra aqui. Até a paralisia parece que veio, e já veio atrasado. Muita chuva, né? Atoleiro. Eles passaram hoje de tarde, os menino tava dormindo, eu tava dormindo, só vi esse aqui chega nas carreira. Adoeceu aqui, é pedir a Deus que não adoceça, porque os médico não vem. Carro, as vez tem um aí já morrendo aí sai na carreira pra ali no carro. Quando o carro ta bom. Quando não ta não sai. Vão de caminhão, as vez ta quebrado o caminhão. As vez vai gente mesmo de moto. A irmã S. adoceceu, foi de moto. O meu menino adoceceu, a garganta inflamou, com essa frieza que ta aí, adoceceu de garganta e já tava adocendo do ouvido, foi de moto pra Atalaia e de lá foi pra Maceió. É assim a saúde aqui.

A relação com os vizinhos

Pronto, eu não tenho quase assim liberdade com o pessoal. Porque muitas liberdade, aí só dá mexerico, né? Só dá mexerico e eu sou uma pessoa muito assim vista aqui. Eu sou uma pessoa muito em vista. Aqui tem gente, aqui tem gente, que as vez eu to ali pelo terreiro alimpando alguma coisa, chega uma pessoa, aí começa a tocar no assunto, por causa que eu e o presidente somo diferente, porque eu digo que foi ele sabe? (que a tirou do emprego de zeladora da escola) aí vem gente contar conversa. Aí eu fico, as vez a gente não ta de bom humor. Você ta aborrecida com alguma coisa. Aí as pessoa fica é isso, aquilo outro. Logo no inicio eu, a pessoa chegava aí contando conversa, aí eu me abusava. Assim: do jeito que nós trabalhava, pra o jeito que começaram a trabalhar, entendeu? Eu me irritava, porque aquilo ali era uma fofoca. Aí quando foi depois eu me acordei, me acordei. Aí eu parei. Aí é por isso que eu não dou muita atenção ao pessoal daqui, porque por causa disso. O MST chegava só me procurava. Quando vinha alguma coisa de Atalaia, me procurava. Por que? O irmão A., era lá pra Maceió. Era direto pra Maceió. E eu era coordenadora e ficava mais aqui. Eu era que ia pras viagem. Aí o pessoal acho que invejaro. Muita gente assim lá de fora me diz: oi, tu deixa disso que tudo é inveja. Te comporta que isso é inveja. Até quando eu fui me orientando, aí pronto. As vez eu to aqui, aí chega uma pessoa: “oi, fulano isso assim, assim”. Ta bom. Deus abençoe! Pronto, aí eu saio, entro em outra conversa. Não dou ouvido mais. É por isso que eu não tenho coligação mais com o pessoal daqui. As vez eu passo: Boa tarde! Oi, oi! Vou embora. Não puxo mais conversa. As vez vem me trazer aqui eu deixo pra lá. É assim que eu levo a vida. Eu já sofri muito aqui. Sofri muito, muito, muito. (...) eu tenho meus filho. Quero ver meus filho crescer. Quero ver meus filho casar. Tenho vontade de ver meus neto.

Acha que sua vida mudou depois que conseguiram a terra. No assentamento tem casa, o marido tem terra para trabalhar e os filhos têm escola para estudar. Na cidade a comida faltava, tinha que comprar, no campo pode produzir, dar de comer aos filhos.

Aconteceu uma mudança boa, né? Aconteceu o quê? A mudança que aconteceu é por causa que antes meu marido não tinha emprego, ele não tinha emprego. Hoje ele tem o emprego dele que é a roça, né? Os menino, quando a gente morou lá em Maceió, eles estudaram seis meses e seis meses ficaram em greve. Eu tenho uma lá que ela ta terminando, né? Aí foi e se matriculou, mas já ta de greve. Já ta de greve, não sai da greve. E aqui eles têm aula todo dia, graças a Deus. E antes as vezes eu procurava alguma coisa, comida, né? Eu procurava um negocio pra comer não encontrava. Se eu quisesse eu tinha que comprar. Se eu quisesse uma carne eu tinha que comprar, se eu quisesse macaxeira eu tinha que comprar, se eu quisesse a farinha tinha que comprar, o feijão. E agora eu

tenho na roça. Agora eu tenho na roça, agora ele não se aperreia por trabalho. Trabalha ele. Deus me livre de eu ter criado esses menino aqui do jeito que eu criei os outro em Maceió. Eu não podia dar estudo, eu não podia dar instrução. Eu tinha que me preocupar. Agora, graças a Deus, tudo mudou. Graças a Deus, né? Tudo mudou. Mudou pra umas coisa, não mudou tudo, mas ao menos mudou um bocado, né? Pra o jeito que tava é uma benção. As vezes a gente se aperreia, mas ta bom. Pior nós tava antes, morando em fazenda dos outro, da fazenda a gente foi pra capital. Chegemo na capital, na capital só pra quem tem bons emprego. Pra quem não tem é perdido ir. Porque só dá pra... é brincadeira um pai de família amanhecer o dia, olhar os quatro canto da casa e não ter o que comer? Não ter o que dá os filho. É terrível. E aqui, o cabra engana o filho é com uma macaxeira, é com uma batata, com o leite, com uma coisa, com outra. Muito mais melhor do que ta na cidade. Muito mais melhor.

Apesar destas mudanças, não quer que os filhos permaneçam no assentamento no futuro, pois acha que lá não existe futuro, está tudo parado, a terra é pouca para tanta gente.

Eu quero tanta coisa boa pro futuro dos meus filhos. Eu quero escola, eu quero saúde, que eles se comporte, que eles seja uns homem com um pouco de estudo, que eu não posso dar um bom estudo a eles. E quero que eles se desenvolva, na frente e que a gente converse muito com eles que o mundo da ignorância não ficou pra ninguém e que estude pra ser uns homem educado que saiba respeitar a todo mundo, saiba amar todo mundo. É isso que eu quero pra eles: trabalhando, com seus emprego, dependendo dos seus estudo.

Aqui parou! Aqui era pra ter muitas coisa boa. Era pra ter, porque lá pra o Sul do país, no Rio Grande do Sul, lá é desenvolvido os assentamento. Os assentamento, faz gosto a pessoa ver. Eu fui até Brasília, uma vês, com o MST, e lá foi passado umas fita dos assentamento, muitas foto dos acampamento, muito bonito. Lá vale a pena um assentamento. O nosso ta perdido. O nosso caiu. O nosso caiu tanto. Como é que uma coisa vai pra frente se você não tem o dinheiro? Como é que vai? A gente tem vontade de criar galinha. Não tem recurso. A gente tem vontade de criar peixe. Não tem recurso. Tem as condições, mas não tem recurso. A gente tem vontade de fazer uma plantação de flores. Eu tenho aqui umas, aqui atrás, flores tropical. Mais pra li tem uma mulher que tem muita planta. Eu tenho vontade de fazer, mas cadê o recurso? Esses menino na escola, eles devia ter projeto, eles faze alguma coisa, alguma aprendizagem, alguma aprendizagem. Vai a escola um horário, outro horário vai fazer participar de alguma coisa. Mas não tem. Só de vez em quando. Uns vai pra roça, outros vai brincar por aí, fazer reinação nos lote dos outro. Pegar laranja, fazer uma coisa

e outra. E aí? Em vez de eles ta ocupado aprendendo alguma arte, alguma coisa, não tem.

5.2.2 A história de Fernando

“Aí quando foi, eu vim morar na beira da lagoa, um aperreio da desgraça, aí eu resolvi esse negócio de sem terra. Aí foi o tempo que o pessoal atrás de pessoa e tudo, eu digo, eu já tenho experiência com terra, eu vou ver se dá certo.”

Entrei em contato com seu Fernando por telefone, por isso, ao chegar ao assentamento, ele já estava em sua residência a minha espera.

Casado, 60 anos, quatro filhos, alfabetizado, mora no assentamento com a esposa, um filho, nora e três netos. Sua filha mais nova também reside no assentamento, é casada com o filho de um outro assentado.

Nasceu no Juazeiro do Norte-CE, mas foi criado em Alagoas, na terra do pai. Quando seu pai faleceu deixou de herança 80 tarefas²² de terra para 14 filhos:

A terra de lá, parece que era 80 tarefa pra 14 herdeiro. Aí não dava nada pra ninguém, né? Por sinal, cada um foi vendendo a um, passando os direito que a pessoa tinha ali pra outro, né? E hoje esse terreno é de um irmão. Que não dava pra todo mundo lá que a terra era pouca, e cada um procurou seus meio, né? E nessa época que eu fui pra Maceió. Passei um tempo, né? De criança até rapaz. Casei e fui morar em Maceió. Não me dei bem, fui morar em Juazeiro de novo, não me dei bem. Voltei pra Maceió e de Maceió vim pra aqui.

Criado no campo teve que deixar sua terra para tentar a vida na cidade. Na cidade, morou na periferia, lugar perigoso, trabalhou como camelô, vendendo relógio

²² Uma tarefa de terra mede 4.356 metros.

e bijuterias no centro da cidade. Quando a fiscalização da prefeitura prendia sua mercadoria, ficava sem ter como trabalhar, tinha que pagar multa.

Não me dei bem, fui morar em Juazeiro de novo, não me dei bem. Voltei pra Maceió e de Maceió vim pra aqui. Fui trabalhar de camelô, corria mais do que a pega, quando vinha aqueles vaza²³, né? Corre e tira as coisas. Passava um bocado de dia presas as coisas e a gente aperreado. Eu vendia negócio de óculos. Eu já vendi várias coisas, óculos, trabalhei com bijuteria.

Conheceu o MST através de um trabalho de base que o Movimento fez na “beira da lagoa²⁴” onde ele morava. Como já tinha experiência com a terra, resolveu tentar.

Aí quando foi, eu vim morar na beira da lagoa, um aperreio da desgraça, aí eu resolvi esse negócio de sem terra. Aí foi o tempo que o pessoal atrás de pessoa e tudo, eu digo, eu já tenho experiência com terra, eu vou ver se dá certo. Porque em Maceió, quando eu trabalhava em Maceió de camelô, a gente, vamos supor, hoje era o dia de a gente comprava naquela época que eu morava pra lá, ta com uns seis ou sete anos, mais ou menos que eu cheguei aqui. Naquele tempo, a gente comprava nim Caruaru, quando chegava o prazo de pagar era um aperreio tão grande no mundo. E quando tava o inverno assim, quando era dia de chuva a gente não fazia nada, com pouco chegava o dia do pagamento e era um aperreio danado, aquela vida aguniada. E também sem ter morada, morando em terra dos outro. Porque da beira da lagoa a gente saiu e foi morar em casa alugada, pagando aluguel, foi um aperreio.

Foi sozinho para um acampamento em outra fazenda, mas quando saiu a imissão de posse, seu nome não estava na lista. Alegaram que ele tinha casa e dinheiro em Maceió. Foi preciso discutir com a direção do MST para ficar em outro assentamento. Mostrar que ele estava acampado a mais de dois anos enquanto que

²³ O que seu Fernando chama de vaza são os mutirões de fiscalização da Prefeitura Municipal de Maceió.

²⁴ Ao se referir a “Beira da Lagoa”, estamos falando nas favelas que ficam situadas às margens do complexo lagunar de Maceió.

havam pessoas que estavam no assentamento a três meses e já haviam conseguido a terra.

Transferido para o Assentamento com outras 26 famílias, trouxe os dois filhos solteiros e a esposa para morar com ele. No início, morava em casa de taipa e palha. Com a construção da agrovila vieram também os netos. No assentamento seus filhos já casaram, lhe deram dois netos e um ainda vive com ele até hoje.

Aí eu vim pra aqui pra o Timbozinho. Chegou lá não coube todo mundo, parece que só, ficou 27 pessoas voando. Aí eu pedi pra ficar aqui, pra vim pra aqui. Aqui já tava já no finalzinho. Aí eu vim pra aqui. Lá já tava tudo pronto. Quando eu saí de lá, do Timbozinho, já quando o pessoal já tava pra pegar terra. Quando a Dr^a Neide, aquele povo lá do INCRA foi chamar o povo que ia ficar lá, aí eu fui cortado. O pessoal dizia que eu tinha as coisas lá em Maceió e acharam de botar outras pessoa e me tiraram, eu já tinha roça e tudo, um bocado de coisa. Aquele povo que não tinha nada. Uma revolta da bexiga! Homem! Aí eu digo e agora? Disseram:” o senhor vai pro Sertão”. Eu disse: ah, eu não vou não. Tinha um raio de terra lá pro sertão. Aí o Marrom mais o Pacheco disse: “rapaz, não tem outro lugar não”. Eu disse: rapaz, me bote pelo menos lá pra essa fazenda aqui perto que fica mais perto. “Ah, não tem mais vaga!” Aí tinha um homem por trás de mim que tinha chegado muito por ultimo do que eu lá no Timbozinho e tava escolhido pra vim pra aqui. Eu digo: rapaz, tu bota gente que chegou há poucos dias aqui e a gente que já vem lutando há mais de dois anos, pessoas que não tem nem seis meses aqui vai lá pra coisa e eu não vou. Que diabo é isso? Aí ele chegou: “me dê a sua identidade”.E botou bem assim. Aí ficou, ficou. Aí a Ruth disse: “o, nós não vamos ficar lá de novo. E que é que faz? Nós vamos volta pra Maceió?” Nada que diabo que nós vamos buscar lá, se não tem mais nada, não tem mais coisa pra vender?” Eu digo: é mesmo. Aí, minha filha foi lá no INCRA e procurou. Disse: “oi, meu pai ta no acampamento tal. Ele já veio lá do Timbozinho, será que ele fica lá?” A moça disse: “como é o nome dele?” Ah, já ta aqui, já ta escolhido. Aqui não tem mais coisa, não. Ele não vai sair de lá mais não. Ele vai ficar lá.” Aí pronto. Aí fiquei, passou uns tempos ali embaixo, bem uns dois anos. Passou pra aqui. E aqui é a luta do dia-a-dia, tem o meu pedaço de terra.

Seu dia começa às 4h da manhã quando sai para cuidar do gado, tirar leite, cuidar colocar capim para os animais. Depois começa a cuidar do roçado, retornando para o almoço entre 11h e 12h. Volta para a roça as 13 e termina seu dia de trabalho por volta das 18h.

Eu me acordo 4h. Agora pra ir trabalhar demora porque eu vou tirar leite de manhã. Tem umas vacas que eu boto ali pra baixo, que tem um cercado. Aí depois que eu volto, ainda vou pra cá ajeitar os outros. Quando eu vou começar a trabalhar já é 8h.

(...) Eu vou até 4h da tarde. Pra parar mesmo é cinco horas, porque quando para o serviço aí pega de novo, porque tem a ração pras vaca, tem isso, tem aquilo. Aí é de 4h às 5h da tarde. Enquanto tiver saúde.

Como escolhe o que plantar:

Esse negócio de lavoura, não vale mais a lavoura pra vender porque não ta dando mais lavoura, a gente tem que escolher aquilo mais pra despesa de casa. Agora mesmo eu plantei mais de cinco tarefas de milho, agora com essa chuva que deu, foi mesmo que não ter plantado, só deu mesmo pras vaca. Ficou todo amarelo, desse tamanho, pendoado. Aí eu to cortando. O feijão eu plantei também umas quatro tarefas de feijão que ta lá, o feijão deu uma gamela que ta todo desgraçado. Se muito deu vai dar umas duas saca de feijão onde era pra dar 10 ou mais. Por isso que eu digo que não vale a pena a pessoa trabalhar mais pra negociar. Só pessoas que tenha condições e compre adubo, essas coisa, né?

Segundo ele, não dá para viver apenas com o que tira da terra, pois o lote é pequeno, não existe sistema de irrigação, apoio do governo para melhorar a produção. Só consegue viver melhor porque os filhos que moram em Maceió lhe enviam uma feira todos os meses.

Olha, hoje, eu acredito que se a gente fosse viver só disso passava aperreio. Porque eu aqui mesmo, não vou mentir não. Aqui mesmo eu tenho uma ajuda muito grande dos meus filhos, né? Porque o meu trabalho daqui dessa terra hoje, não ta dando pras despesa da gente e é porque não tem muita gente, é só dois netos e eu mais ela. O meu filho e a minha nora tão aqui, mas só por enquanto, eles tão se ajeitando pra ir morar fora, ele ta esperando um dinheiro e parece que vão pra Maceió trabalhar lá. E pra gente viver daqui mesmo hoje, eu mesmo vivo aqui com a ajuda dos meus filhos. Todo fim do mês ela vai buscar uma feira que eles manda, né? Porque só daqui mesmo não dá pra o aperreio é muito grande.

Mesmo com todas essas dificuldades, diz que não deseja sair do campo. Não gosta da cidade, acha perigoso, quer que os netos permaneçam morando com ele.

Olha, por uma parte eu acho que aqui tem mais sossego, é melhor, a pessoa vive mais descansado. Agora, só que pra pegar em dinheiro fica difícil. Interior, quem pensar que interior tem futuro. A não ser que a pessoa tenha muita terra, né? Porque você pega que nem essa terra que eu tenho ali, no documento tem 21 tarefa, mas se for medir, não dá 16. Aí, com essas 16 tarefa não dá pra você criar e trabalhar. A gente pra plantar uma rocinha e criar um bichinho, tem que criar no coxo, na ração, o maior aperreio do mundo. Aí não tem futuro também, o futuro é muito pequeno. A não ser que a gente tivesse água no lote, pra poder trabalhar e plantar no verão. Mas não existe isso. Água que eu digo assim, irrigada, fazer irrigação, que desse pra trabalhar no verão. Porque a lavoura do inverno é uma coisa sem futuro. Aqui tá ruim. Quando chove muito que nem tá agora é uma coisa terrível.

Perguntado se pretende sair do assentamento, ele responde:

Augusta, eu não tenho vontade de sair daqui porque a gente tá ficando já velho, né e não tem mais condições, a não ser que a gente se aposentasse, podia até acontecer isso, mas eu acho que é mais fácil a gente ficar por aqui mesmo, né?

Seu desejo é que os netos permaneçam com ele e a esposa no assentamento, mas não é esse o desejo dos meninos:

O mais velho parece que esse ano já vai estudar na casa do pai, vai ficar o mais novo. Mas vai ficar brigando atrás de ir. Ele vai ficar, mas aperreado, quando ele vai pra lá, pra vim é um serviço sério, pra vim é aquele negócio todo. Logo o pai é motorista e inventa de botar ele dentro dos ônibus, e desaba por esse meio de mundo pros lado de Recife, pros lado não sei da onde, quando eles vão pra lá passar férias. Aí tão aí tudo aperreado, tudo doído pra ir embora. (...) Por mim eles ficavam. Porque aqui ficava mais descansado pra eles, né? Eu acho que em Maceió, cair lá desde pequeno. A não ser que eles ficassem de maior, né? Porque eu acho que é um perigo, né? Eu acho que é um perigo, né? Esse negócio de maconha e álcool, eu acho que é um aperreio. A minha mulher quando vai pra Maceió, enquanto ela não chega eu não fico descansado. Porque naqueles pontos de ônibus é tanto maconheiro e ladrão que é uma desgraça. Ela mesmo essa semana foi buscar a feira, como eu lhe

falei, e ela disse que tinha lá uns homem com uns carro de mão, parece que ia pegando ela e mais a feira. Homem! É um aperreio. (risos)

5.2.3 A história de Conceição

“Minha história é que desde os sete anos de idade que eu estou no cabo da enxada, até hoje só isso.”

Dona Conceição nos recebeu com desconfiança, dizendo que não tinha nada para contar sobre sua vida, mas com o passar do tempo, sentadas na varanda de sua residência, ela começou a falar: Nasceu e se criou no campo na região da zona da mata alagoana. Foi abandonada pelos pais biológicos aos cinco dias de nascida. Nunca foi registrada pelos pais adotivos, quando se tornou adolescente, teve que tirar seus documentos por conta própria. A idade, diz não saber, pois foi ela que “inventou” uma data de nascimento. Nos documentos, consta que tem 63 anos.

O que eu vou contar? Minha história é que eu desde os sete anos que estou no cabo da enxada até hoje, só isso. O que é que eu vou dizer? Os meus pais legítimos, nunca cheguei ver na minha vida. Os que me criaram, morreram e eu fiquei pequena. No cabo da enxada até a data de hoje. A minha felicidade que eu casei com um que, com uma pessoa que até hoje foi bom pra mim, né? Isso aí eu não vou dizer que ele foi ruim pra mim, né? E hoje vivo no cabo da enxada e no cabo da enxada eu to.

(...) Hoje eu sou revoltada com meus pais, porque eles me pegaram com cinco dias de nascida, qual era o dever deles? Ter me registrado. Não me registraram. Quando eu fiquei moça, fiquei grande, procurei, cadê registro, cadê nada. Á fui tirar meus documentos, já botei minha idade assim, sem saber. Aí hoje, nos meus documento tudinho, to com 63 anos. 63 anos de idade, né. Tem nos meu documento, fui registrada, né.

Analfabeta, casada, mãe de nove filhos, mora no assentamento com dois filhos e o marido desde sua fundação. Antes de morar no assentamento, residia na cidade de Chã Preta com o marido e os filhos. Foi morar na cidade porque o marido trabalhava em terra alugada e não tinha mais condições de continuar pagando o arrendamento.

Quando eu vim morar na cidade já era casada e mãe de três filhos (...) (O marido): resolveu porque ele trabalhava de alugado em terra dos outro, pagando condição e foi assim, ele arrumou um dinheirinho e compramos uma casinha, nesse tempo a casa ainda foi R\$1.500,00 nesse tempo. Baratinha, mas tinha uma base de uns R\$120, 00, que ele comprou. Casinha veia, mas fumo passando uns tempos, ele foi ajeitou outra mais melhorzinha, moramos outros tempo. Depois viemos morar noutra rua, sendo lá mesmo, que ajeitou uma casa mais melhorzinha. Aí foi tempo que saiu esse povo dos sem terra arrumando terra pra acampar, a gente foi e saiu na embalagem do povo e terminou arrumando esse cantinho.

Na cidade, lembra que tudo era mais fácil, principalmente no que diz respeito ao sistema de saúde. Quando ela ou um dos filhos adoecia, bastava procurar um posto de saúde que era atendida e encaminhada a um hospital se o caso fosse mais sério. Não tinha que esperar pelo marido, resolvia tudo sozinha.

A decisão de entrar no MST em busca de terra foi do marido. Ele soube do MST através de pessoas da cidade onde morava e decidiu acompanhar os vizinhos em busca de um pedaço de terra para plantar. A reação de Dona Conceição foi contrária a decisão do esposo.

Ele tomou conhecimento dos pessoal que ia né? Os pessoal que acompanhou. Eu disse: oi, você não vá andar no meio do mundo. Ele disse: “não, eu vou”. Eu digo: pois se for vá só, mas comigo não vai não, eu prefiro ficar em casa mais os meus fio. Aí eu fiquei em casa, fiquei em casa tomando conta dos meninos, os meninos na escola. Hoje eu não sei ler não, mas os meus filho sabe ler tudinho. A minha mais nova ta com 13 anos e ta na escola. Ela e o irmãozinho.

Ela não queria voltar a viver no campo. Queria que seus filhos estudassem. Segundo ela, todos sabem ler e escrever. Sete deles são casados e constituíram família e estão morando e trabalhando na cidade.

(Tenho) nove filhos. Criei tudinho, graças a Deus não morreu nenhum. Quatro já são dono das suas casas e tem uma moça e um rapaz estudando na Atalaia, mais novo. E o resto vive tudo nas suas casa.

(...) Meus meninos vive tudo em Maceió, trabalhando assim. Uns de casa alugada, só tem um que tem casa própria, o resto é tudo casa alugada. O que arruma num trabalhinho é só pra pagar o aluguel mesmo e pra fazer a ferinha então.

Mesmo contra sua vontade, quando o assentamento começou a ser construído, Dona Conceição foi com os dois filhos mais novos morar no campo. Ela afirma que só vive no assentamento porque tem que viver. Não tem onde morar, mas se tivesse dinheiro já havia voltado para a cidade. No assentamento não tem posto de saúde, não tem médico, e se alguém adoecer tem muita dificuldade para chegar a um hospital.

Minha fia, eu moro aqui porque a pessoa tem que morar porque não tem pra onde ir, não é? Mas onde eu morava eu achava melhor, ao menos tinha um posto de saúde, quando a pessoa adocece. Um posto de saúde, lá onde eu morava mesmo, adoecia um filho meu eu não me apertava. Muitas vez o meu marido tava na feira ou tava na roça mesmo, quando ele chegava eu tava no hospital com o menino. Amanhecia o dia doente, eu ia pro posto, quando chegava lá o médico passava o encaminhamento eu ia passava dois três dia internada. E aqui? Aqui tudo é difícil pra gente. Adoece um aqui, até pra arrumar um carro é sacrifício. Por isso que eu digo, eu só acho ruim aqui por causa disso. Adoece um, não tem tratamento pra nada aqui.

Diz que sua vida mudou, mas que preferia estar morando na cidade.

(...) mudou por causa que aqui a gente trabalha e não tem mais que ta pagando renda. A gente arruma terra pra qui pro culá pra trabalhar. A gente ta trabalhando na terra da pessoa que a pessoa ficou.

(...) Eu minha fia, eu digo uma coisa pra você: se eu fosse uma pessoa que eu pudesse e tivesse dinheiro, eu já tinha comprado uma casa num canto pra eu viver.

Quanto ao seu dia-a-dia no assentamento diz:

Eu vivo doente trabalhando aqui na enxada. Eu vivo doente. Minha vida é essa. Quando não vou pra roça bem cedo, mas vou de tarde, eu vou todo dia.

(...) participo de terço, missa, já andei, já fui muito em igreja de crente também, na onde eu morava, que eu com as irmãs lá de vez em quando olhar. Tinha reunião e tudinho, de vez em quando eu ia.

Perguntada sobre o que necessita melhorar no assentamento nos responde:

Chegar aqui um posto de saúde, né? Chegar um posto de saúde e ter um médico pra pessoa se consultar, pra arrumar assim um remédio. Tem vez que a pessoa, o médico passa um remédio, a pessoa não tem um dinheiro, aquilo já tendo aquele remédio ali, já dando a pessoa, já é um lado. Tudo isso minha fia já é uma ajuda pra gente. Oi, semana passada mesmo eu fui pra Chã Preta buscar lá um histórico da escola do meu menino que veio de Atalaia que a secretaria de lá mandou pra secretaria de Chã Preta. Eu fui pra lá concertar, oi, num instante peguei cinco papel de exame, trouxe pra aqui, pra daqui eu ir pra Maceió, né? Os meninos mora perto de um posto lá e eu vou pra lá pra eu conversar com ela lá, pra eu ver se eu consigo lá. E a médica passou remédio pra minha netinha, que eu andava com ela, remédio pra verme e tudo, ela passou. Lá onde eu morava.

Ela que vive doente trabalhando no cabo da enxada sente a falta de um atendimento médico e de um posto de saúde que forneça remédios aos moradores. Porém, é interessante notar que quando vai à cidade torna-se uma pessoa mais

independente, resolve problemas, marca exames médicos. A cidade é significada como um lugar de liberdade e independência e o campo como lugar de trabalho, doença e sofrimento.

5.2.3 A história de Nélio

“Os meus pais eram morador de fazenda. Vivía naquele negócio de pagar condição, né? Trabalhava dois dias pro patrão e o resto pra pessoa. E hoje eu não pago condição pra ninguém, graças a Deus.”

Nélio nos recebeu na porta de sua casa e nos concedeu entrevista embaixo de uma árvore, na hora da sesta. Tem 44 anos, é casado, pai de três filhos e nasceu e se criou em fazenda, mas aos 27 ou 28 anos resolveu mudar para a cidade:

Quando eu era pequeno eu morava em fazenda. Depois eu fui crescendo e continuei morando em fazenda. Com um tempo eu abandonei. Chega de morar em fazenda! E fui morar na rua. E fiquei morando na rua e trabalhando em terra alugada, sabe? Eu ia lá arrendava, pagava a dinheiro e continuei trabalhando. A minha vida sempre foi no trabalho, eu sempre dependi do meu esforço.

(...) Eu morei em várias fazendas. Eu morei numa fazenda perto de Chã Preta, depois morei numa, sempre ali ao redor de Chã Preta mesmo. Depois fui morar na Chã Preta e da Chã Preta já vim pra aqui.

(...) Os meus pais eram morador de fazenda. Vivía naquele negócio de pagar condição, né? Trabalhava dois dias pro patrão e o resto pra pessoa. E hoje eu não pago condição pra ninguém, graças a Deus.

Resolveu ir morar na cidade porque sua família teve problemas com o administrador da fazenda onde moravam:

Eu morava numa fazenda encostada em Chã Preta mesmo, eu, minha mãe e uns irmãos meus. Aí o empregado lá, o chefe lá, não era o dono, mas mandava, sabe? Aí começou querendo bancar muita ordem em cima da gente, aí a minha mãe disse: “ se eu tivesse o dinheiro de eu comprar uma casa na rua eu ia morar na rua”. Aí eu digo: eu tenho mamãe, vamos morar na rua? Vamos. Aí eu fui e comprei uma casinha na rua e hoje eu moro aqui, tenho minha casa na Chã Preta, minha mãe mora na Chã Preta, e eu gosto. Gosto daqui, gosto da Chã Preta. E eu sempre todo final de semana eu vou. Quando me procurar aqui e não me achar eu to na Chã Preta. Eu passo um dia, dois, um dia, dois, depois eu volto pra cá de novo. Eu gosto. To achando bom essa vida.

Tomou conhecimento dos Sem Terra através de amigos, e como mesmo morando na cidade, continuava trabalhando no campo, resolveu tentar para ver o que acontecia:

Aí foi tempo que surgiu essa terra do INCRA, aí os cabra tava chamando: “bora rapaz, bora!” eu digo: vou nada, homem! Aí chegou a conclusão: vamos! Aí eu vim pra aqui, e continuei trabalhando por aqui, lutando mais os menino e hoje eu vivo aqui. (...) Foi o meus amigo que me chamaram, que a maioria do povo aqui são da Chã Preta, e veio uns primeiro do que eu, e depois voltaram lá me chamaram, eu digo: vamos. E o resultado é que eu to aqui hoje.

E conta como foi sua chegada ao acampamento:

Quando nós chegamos, já tinha um grupo reunido lá na Flor da Serra, no assentamento que tem ali chamado Flor da Serra. Antes não era assentamento não. Era acampamento. É. Aí de lá, nós passamos uma temporadazinha lá e depois viemos pra aqui, a policia chega, bota nós pra ir embora, nós volta de novo. É como diz a história: sem terra é um bicho teimoso miserável! Mas quem quer é assim mesmo, tem que ir a luta, né? Aí, o que é que acontece? Hoje eu to aqui e não pretendo sair daqui não. Eu gosto daqui.

(...) De lá nós veio pra aqui. Ficamos aqui uns dois ou três dias e a polícia veio e tirou, nós voltou pra lá e depois voltamos pra cá novamente e hoje estamos aqui e agora acho que ninguém tira mais a gente daqui não.

É ele que nos conta como acontece uma ocupação de terras:

Sempre tem um líder ali no meio que sai arrumando o povo, né? Um cabeça (do MST).

(...) É quando junta uma turma boa, umas cento e pouca pessoa, não era? Era um bocado, talvez até mais. Aí, nós: vamos pra terra? Vamos. Aí arrumaram uns carros e veio, anoitecemos aí. Passamos um dia ou foi dois. Chuva chovendo. A polícia bota nós pra casa. Nós voltamos pra trás. De repente nós resolvemos voltar de novo. Voltamos, passamos uns dias. Mas é como eu terminei de falar inda agora, a polícia tangeu nós de novo. Aí o povo mangou, o povo daí de fora mangava. Os moradores mesmo. Aí eu sempre sou um cara meio atravessado, eu digo: olha, se prepara, nós vai voltar, viu! E voltamos mesmo, né? Voltamos, foi um coronelzinho do exército que veio. Levou a gente pra lá, e disse: oi, quando for pra vocês voltar pra lá eu que vou trazer vocês. Nós: ta certo. Nós aguardemos. Pensou que não ele chegou. Disse: bora pra lá! Aí trouxe a gente pra cá novamente aí nós ficamos, aí não saiu mais não. Até hoje, graças a Deus e agora ninguém sai mais não, né? Agora ta tudo certinho. Eu acho bom aqui. É divertido.

A vida no acampamento para ele era uma festa:

No acampamento eu achava bom. No acampamento eu achava bom, era divertido também, sabe? Não era tão bom que nem agora, porque agora nós já vive na casa da gente, né? Mas no acampamento também era bom. O cabra dava um grito assim chegava todo mundo. E saia assim: vamos jogar bola! Quando gritava pra jogar bola, já sabia, todo mundo tava ali pertinho. Só era ruim quando dava despejo, mas só teve dois. Um foi pesado, mas nós vencemos, graças a Deus.

Augusta: tem violência?

Não, não teve violência não por causa que nós não reagimos, sabe? Mas a turma foi preparado pra se os Sem Terra reagisse eles machucar um bocado. Mas não careceu não.

A vida no assentamento é vista como uma vida de trabalho. Apesar de a qualidade da terra não ser boa, diz que dá para viver com o que tira da terra, sem dinheiro, mas de “*barriga cheia*”:

Eu vivo trabalhando de roça. Plantando inhame, macaxeira, essas coisas, como os outro aqui também, sabe? A maioria aqui, a maioria não, todo mundo. Todo mundo vive assim. Trabalhando, nós planta inhame, macaxeira, batata, quem quer planta cana. Um ano sai bem, outro, esse ano mesmo eu vou levar um couro arretado. Imagine? Espero que o próximo ano seja bom.

(...) Esse ano eu plantei inhame e agora mesmo to plantando a macaxeira. A macaxeira vai, mas o inhame não vai não. O inhame vai ser fraco.

(...) (A terra do assentamento): Não é tão boona assim não, porque tem outras áreas melhor do que essa, né? Mas dá pra trabalhar, a pessoa vai adubando, ajeitando e vai conseguindo alguma coisa.

(...) Aqui é um lugar que ninguém arruma dinheiro, sabe? Mas pelo menos, a barriga cheia tem, né? Agora, dinheiro, ninguém arruma não, porque dinheiro é um bicho danado, ele se some que nem a pega, da mão da pessoa, né? Mas a panela ferve todo dia.

O escoamento da produção:

Aqui tem os compradores daqui, que nós vende às vezes aqui. Às vezes vem outros de fora, nós vende pra outros de fora, e paga mais e mais rápido. E muitos levam pra feira mesmo ali em Chã do Pilar, Atalaia, São Miguel e vende pra lá.

Para se divertir se integra a grupos de jovens, joga bola, toma uma “*Montila*” e se considera “*um cara divertido*”:

Pra se divertir? Eu sou um pouco meio divertido, sabe? Eu gosto de brincar, eu gosto de jogar bola. Aonde tem assim, um monte de gente, uma turminha, eu chego lá só pra ta metido no meio deles, né? Uns rapazinhos novinhos, né? Cinco, seis rapaz novo, eu sou um cara veio, eu vou pro meio, porque se passar uma pessoa mais velha do que eu diz: oi, uma turma de rapaz! E eu me passo por rapaz também, né? Cabra já veio, passar por rapaz!

(...) Tem um barzinho de um amigo ali, às vezes de 15 em 15 dias, quando a gente joga bola, às vezes passo lá, tomo umas duas montila e venho embora pra casa.

Para ele a vida na cidade também foi boa, mas quer continuar no campo, visitando a cidade de vez em quando, mas residindo em seu lote no assentamento:

Eu acho que na cidade eu também achei bom, sabe? Logo quando eu disse: Meu Deus, eu vou morar numa rua? O que é que eu vou fazer numa rua? Eu pensei sabe? O que é que eu vou fazer numa rua hoje?

(...) Antes pra eu trabalhar eu tinha que arrendar com outros fazendeiros, né? E hoje não. Hoje eu tenho onde trabalhar. Eu acho que melhorou. Eu acho não. Eu tenho certeza que melhorou, né? Gosto de viver aqui e quero viver 300 anos.

Para o futuro dos filhos, quer uma vida melhor que a dele, pois considera cheia de sacrifícios a vida no campo:

Pra o futuro dos meus filhos, eu não quero que eles vivam nessa vida que eu vivo não. Porque é uma vida pesada, sabe? Sacrificosa. E eu quero que eles tenham um futuro melhor. Porque jamais a enxada não tem esse futuro todo não. E eu vivo assim trabalhando de enxada, mas não quero isso pros meus filhos não.

5.3 Sujeito que não morou no campo anteriormente, mas vive esta experiência através do Assentamento

5.3.1 A história de Henrique

“Eu acho que hoje eu to melhor do que quando eu vivia solteiro. Porque quando eu vivia solteiro eu não tinha uma casa pra morar. E hoje eu tenho minha casa e tenho meu filho. Eu acho a vida melhor. Pra mim mudou muito. Porque a pessoa quando se casa a responsabilidade é mais.”

Henrique me recebeu na sala de sua residência. Tem 32 anos de idade, é casado com a filha de um assentado e tem um filho. Nasceu e se criou na cidade de Joaquim Gomes. Nunca foi morador da zona rural, mas sempre trabalhou em fazendas de cana-de-açúcar ou em usinas. Seu pai trabalhava para uma usina como lenhador. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental e parou aos 18 anos para trabalhar.

Eu parei de estudar porque eu fui trabalhar, né? A gente trabalha pra sobreviver, né? Eu não ia ficar de maior e esperar por meu pai. Eu sai de casa e fui trabalhar. Eu parei de estudar por causa disso. Se eu tivesse conduções, eu até hoje tava estudando ainda. (...) Quando eu fiquei de maior eu sempre trabalhava mesmo. Assim dentro da usina mesmo, que lá tem uma empresa, a Usina Alegria? Aí eu ia pra lá e de seis em seis meses eu trabalhava dentro. E na minha infância eu brincava que nem todos meninos. Trabalhava no laboratório. Só negócio de amostra. Nas amostras da cana, pra saber se a cana deu ruim ou deu boa. Sempre trabalhava nisso. Não era nem, como ajudante, né? Porque tem o superior e tem o ajudante. Eu era ajudante.

A iniciativa de entrar para os Sem Terra foi de sua mãe, que tomou conhecimento do Movimento através de um primo que é um dos líderes do MST no Estado. Vendo que o primo havia “melhorado de vida”, resolveu tentar:

Foi porque apareceu lá os povo do MST, né? Foi o povo do MST, e aí chamou ela e disse assim, um cara lá que chama M., ainda é primo dela, e perguntou se ela queria, aí ela disse: “vou”. Pronto. A gente via que ele era uma pessoa assim simples como a gente, e já tinha um monte de coisa, tinha dado certo. Aí ela pensou: eu vou. Ela participou e veio embora com tudo.

Participaram de diversos acampamentos até chegar ao atual assentamento:

Rapaz, a gente foi despejado do Nincho, do Prato Grande e do Timbozinho nós não foi despejado, porque não deu lá, né? Aí eles botaram, transferiram nós pra aqui. Certo mesmo só foi dois despejos.

Ele nos conta como era a experiência de ser despejados da terra:

Quando vinha, vinha a Policia. O dono trazia, né? Parece que vinha uma ordem de não sei quem, do juiz. O dono trazia, aí dava o despejo e a gente tinha que sair. Eles arrumavam carro e aí ia pra outra fazenda. Quando chegava lá, dava o despejo, aí ia pra outra. E continuava.

Diz que não participou dos processos de ocupação de fazendas, porque quando os pais resolveram entrar para o MST, estava, como grande parte da população pobre do nordeste que sofre com o desemprego, trabalhando em fazendas de cana-de-açúcar no estado do Maranhão.

Eu nunca participei não. Porque quando eles vieram eu trabalhava. Nesse tempo eu tava até trabalhando numa Usina no Maranhão, no estado do Maranhão. Trabalhava, aí foi no tempo em que a usina de lá parou, aí deu o corte, eu saí no corte, assim quando eu tava lá, ainda tava perto de sair, aí a mãe disse: "oi, vem te embora que tem eu vou botar uma terra no teu nome". Eu disse: que terra? "de Sem Terra". Eu não sabia nem o que era. Sério mesmo. Eu não sabia, não. Eu disse como é isso. Ela disse. Eu disse: eu vou. Aí pronto. Eu vim e até hoje.

Para Henrique esta é a primeira experiência com a vida no campo:

Rapaz, eu achei que é bom de morar porque não tem gente pra zoada, né? Eu não gosto muito de zoada. Eu achei melhor do que na rua, agora só que na rua pra algumas coisas é melhor do que aqui. Porque aqui... Na rua a pessoa pode até procurar um emprego, né? E aqui não. O emprego que tem é isso aqui mesmo, o cabo da enxada, o facão.

O lucro que consegue dos produtos que tira do lote são insuficientes para viver, mas ele complementa sua renda trabalhando durante a safra em uma usina:

Porque o pouco tem que dá, né? O pouco com Deus não é muito, né? Não dá pra passar bem, né? Mas também mal de mais não dá não. Não dá pra passar muito mal não. Mas também eu trabalho por

fora. As pessoas dizem rapaz você vive bem. Ta certo, mas eu não fico só pensando em viver do lote. Agora mesmo eu to esperando a Usina chamar. Já vieram até pegar a minha carteira.

(...) Trabalho é cortando cana. Sempre a Usina vem e pega os trabalhador aqui, contrata, com carteira assinada e tudo, mas só que só dura o tempo da safra, da moagem, depois aí vem o corte, aí fica seis mês desempregado. Aí vem o seguro desemprego, que dá pra ficar um tempinho sossegado.

(...) O carro vem buscar de quatro horas da manhã e às vezes a gente só volta de seis, sete, até de 11 hora da noite quando a fazenda é muito longe.

Para se divertir no assentamento, como os outros entrevistados, participa dos jogos de bola e das comemorações:

Divertimento, só se for dia de domingo. Dia de jogo de bola que a gente joga bola, vem equipe de fora. Aí a gente vai, brinca, joga bola, sai pra fora também, o time sai, a gente sai. Depois do jogo a gente vai beber uma cervejinha, uma cachacinha e a festa é grande. Mas se a pessoa beber todo domingo é ruim pra trabalhar na segunda, o cabra fica todo quebrado, às vezes até adocece. Sou jogador, né?

A mudança que aconteceu em sua vida da cidade para o campo, é identificada com seu casamento:

Quando eu era solteiro todo dinheiro que eu pegava eu gastava que eu não tinha compromisso com nada. Aí eu gastava, farrava mais os cara, alugava carro mais os cara, andava farrando. E depois que eu me casei não. Aí sempre se eu tirar um real me faz falta. Eu acho que hoje eu to melhor do que quando eu vivia solteiro. Porque quando eu vivia solteiro eu não tinha uma casa pra morar. E hoje eu tenho minha casa e tenho meu filho. Eu acho a vida melhor. Pra mim mudou muito. Porque a pessoa quando se casa a responsabilidade é mais.

No futuro não quer permanecer no assentamento, quer sair, ir morar na cidade, onde tem mais condições de conseguir um trabalho melhor. Ainda está lá por causa do trabalho da esposa:

Sempre eu penso assim. A gente não só pode ta num canto só trabalhando na roça. A pessoa tem que procurar um trabalho melhor, né? Eu só to aqui mesmo por causa do negocio da minha mulher (que é professora), mas ela mesmo diz, daqui a uns tempo nós podemos até sair daqui. Nós não pretende ficar aqui muito tempo, uns 12 anos. Fico aqui no máximo dois ou três anos.

O futuro do filho:

Rapaz, eu pretendo pra o meu filho um estudo bom. Porque aqui não tem estudo. E a gente saindo pra fora não. Aí tem um estudo pra ele, né? Pra ver se ele se torna uma coisa melhor do que eu, né? Porque o que eu nunca tive, vou fazer os possível pra dar pra ele.

Pergunta do sobre como escolhe o que plantar, nos diz que é necessário diversificar a produção:

Principalmente a gente baldeia, tem que baldear. De tudo a gente tem que plantar um pouco. A gente planta inhame, planta macaxeira, planta batata, feijão, milho, abóbora. A pessoa tem que plantar de tudo, né? Porque de tudo a pessoa tira um pouco.

Ele é o primeiro que fala sobre um atravessador:

A gente aqui vende em grosso mesmo, os cabra daqui que vende pra fora. Quer dizer que eles são atravessador, né? A gente vende pra ele em grosso, lá ele pode ganhar. Se ele ganhar dez reais num saco o problema é dele. Agora a gente só quer saber que apure o da gente, né? É o que a gente tem que fazer.

Sobre a assistência à saúde no assentamento, nos conta como é precária e como foi o nascimento de seu filho:

A saúde daqui, se eu dizer, é péssima. Porque aqui não vem um médico. É difícil vim um médico. Se o cabra tiver sofrendo com uma dor, se o cabra tiver um dinheiro, o cabra ainda aluga um carro e vai. Se o cabra não tiver, tem que se sujeitar, se tratar aqui mesmo tomando um chá um remédio, se tiver. É difícil aqui o negócio pra saúde é meio difícil.

(...) Meu filho, pra ele nascer, ele não nasceu aqui. A gente levou pra Maceió. O meu pai tinha até vendido o lote e lês tava morando em Maceió mesmo. Aí eu tava aqui de manhã. Eu ia trabalhar lá embaixo com o menino, aí quando ela levantou assim, disse eu to com uma dor, vá chamar a minha mãe. Eu fui e chamei ela, aí a mãe dela veio e mais a cunhada da minha mulher. Aí veio, chamou homem aí, ele levou pra Atalaia, de lá foi pra Maceió. Mas só que lá o médico passou um exame, fez um exame e disse que não ia nascer naqueles dias. Aí ele foi e trouxe ela de volta. A médica disse que ele ia nascer daqui nuns dez dias, mas quando foi nuns oito dias mais ou menos, eu tava aqui de novo e começou a dar aquela dor. Ela disse: vá chamar a minha mãe e eu fui. Fui chamar a mãe dela, ela veio e foi levar em Maceió, na casa da irmã dela, lá no Joaquim Leão. E lá ele nasceu e depois eu fui buscar.

CAPÍTULO VI

BUSCANDO O SUBTEXTO

Neste momento se faz necessário entender as falas dos sujeitos á luz do referencial teórico escolhido para permear esta pesquisa. Seguindo Vygotsky (2000), buscar o subtexto em suas falas é entender os sentidos que eles atribuem às suas experiências com o MST e como moradores de um Projeto de Assentamento Rural.

A Terra surge em um primeiro momento como a unidade de sentido que perpassa todas as outras. É em busca da terra que eles vão ao ingressar no MST (seja porque estão desempregados ou porque desejam trabalhar nela). Mas esta terra assume sentidos singulares, permitindo a emergência de outras unidades de sentidos nas falas dos sujeitos entrevistados: O Trabalho como sustento, mas vinculado ao sofrimento; a Educação; a Saúde, o Lazer e a Religião.

A terra é a categoria de sentido central que vai tomando forma diferentes nas unidades de sentido em que emerge. É em busca da terra que eles ingressam no MST, mas esta terra tem significados ímpares. Ela é possibilidade de mudança de vida, de saída definitiva da miséria e do subemprego. Ela é o marco que vai dividir suas vidas entre a escravidão e o sofrimento de trabalhar para outras pessoas e a liberdade de trabalhar para si.

Ela traz com ela não só a possibilidade de sustento, um aumento de poder aquisitivo e econômico, mas a possibilidade de acesso à dignidade e a cidadania, visto que, segundo os sujeitos desta pesquisa, o que tiram da terra dá apenas para sobreviverem e não para juntar dinheiro e viver com uma maior tranqüilidade.

Por isso ela assume diversos sentidos, perpassa todas as unidades de análise e nos remete ao impacto da dialética Exclusão/Inclusão na vida desses sujeitos. Ela é potência de ação no momento da luta pela terra:

É como diz a história: sem terra é um bicho teimoso miserável! Mas quem quer é assim mesmo, tem que ir a luta, né? Aí, o que é que acontece? Hoje eu to aqui e não pretendo sair daqui não. Eu gosto daqui. (Nélio)

E passa a potência de padecimento, como na época em que eles eram empregados, no momento em que se assentam.

O nosso (assentamento) caiu. O nosso caiu tanto. Como é que uma coisa vai pra frente se você não tem o dinheiro? Como é que vai? A gente tem vontade de criar galinha. Não tem recurso. A gente tem vontade de criar peixe. Não tem recurso. Tem as condições, mas não tem recurso. A gente tem vontade de fazer uma plantação de flores. Eu tenho aqui umas, aqui atrás, flores tropical. Mais pra li tem uma mulher que tem muita planta. Eu tenho vontade de fazer, mas cadê o recurso? (Dona Miriam)

6.1 Terra e Trabalho

Quando nossos sujeitos ingressam nas fileiras do MST, o fazem em busca de uma mudança de vida. Alguém os convidou, como no caso de Nélio, ou o conheceram nos noticiários da TV, como o marido de Miriam e seu Fernando, mas o fato é que esses sujeitos, fossem eles moradores do campo ou da cidade, viviam uma situação de sofrimento em relação ao trabalho no momento de suas entradas no Movimento. O trabalho era, naquele momento, motivo de insatisfação, gerador de miséria e sofrimento.

Seu Fernando trabalhava como Camelô, vivia nas ruas de Maceió, tentando tirar o sustento de sua família e constantemente perdia suas mercadorias quando os fiscais da prefeitura Municipal de Maceió realizavam fiscalizações no centro da cidade. Além de perder seu sustento, perdia também a dignidade de trabalhador. Nos momentos de “vaza”, ele tinha que correr dos fiscais tinha que viver a humilhação de ser perseguido, capturado e usurpado do direito ao trabalho. Seu trabalho era naquele momento uma humilhação pública.

Já Dona Conceição e seu esposo, viviam do trabalho em terras arrendadas. Além de trabalhar para o sustento da família, tinham que trabalhar para o dono da terra. Tudo o que ganhavam tinha que ser dividido e o pouco que sobrava dava apenas para sobreviver. Ao iniciar sua história ela já começa por dizer que sua vida, desde pequena era só “*cabo da enxada*”, um trabalho que gerava sofrimento e a impossibilidade de estudar.

Com Nélio a história também não era diferente. Saiu do campo com a família devido a problemas com o capataz da fazenda em que morava e foi morar na cidade. Lá, como tantos outros, não obtém emprego e passa a arrendar terras para trabalhar. Continua trabalhando na terra, não como empregado, não como proprietário, mas como arrendatário. E como a família de Dona Conceição, seu trabalho tinha que permitir o sustento de sua família e o pagamento do dono da terra.

Marcel e Moisés viveram histórias semelhantes. Nascidos e criados no campo, seu trabalho sempre foi a lida com a terra e com o gado. Exponentes da antiga instituição, tão comum no nordeste, mas que vem acabando aos poucos, eles eram os “moradores” da fazenda. Morador, assume o sentido de propriedade do fazendeiro. No nordeste, o “morador” da fazenda deve obediência ao fazendeiro:

reside num pedaço de terra cedido por ele, recebe um pequeno lote em redor de casa para plantar e criar um animal, defende a propriedade de furtos, vota em quem o patrão manda. A instituição do morador é um resquício dos antigos feudos. O homem é propriedade do patrão. Ele faz parte da propriedade. Os dois, Marcel e Moisés, eram assim, parte da fazenda e seu trabalho era também propriedade de outra pessoa que não eles mesmos. O trabalho para eles assumia o sentido de escravidão.

Já Henrique tem o trabalho como empecilho aos estudos. Ele precisa trabalhar para se sustentar, pois atinge a maior idade e não admite ser sustentado pelo pai. Trabalhar para ele é assumir o rumo da própria vida. Mas seu trabalho também é árduo. Ele tem que deixar a família, partir para outros Estados, afim de garantir seu sustento. Embora nunca tenha residido no campo, passou sua vida toda trabalhando nos canaviais ou nas instalações das usinas. Seu trabalho, embora seja um morador da cidade, é no campo.

Dona Míriam, nos apresenta o trabalho como motivo de sofrimento. Ela trabalhou desde pequena, foi impedida de ir a escola por causa dele. Passou sua vida toda trabalhando no campo e quando foi para a cidade em busca de uma vida melhor vai trabalhar como empregada doméstica "*nas cozinhas do povo*". É por causa do desemprego que ela e o marido mudam para a capital e é por causa dele que eles retornam para o campo. Ela vive o desemprego do marido, vive a miséria nas favelas, vive nos sinais de trânsito vendendo feijão com os filhos. O trabalho é para ela sofrimento, miséria e humilhação.

A partir da entrada no MST, surge a esperança de viver do trabalho digno. Trabalhar na própria terra é para eles uma forma de libertação das amarras de patrões, subempregos e miséria em que viviam. Eles lutam não só por um pedaço

de terra, lutam para fugir de uma realidade para eles insustentável: o mundo do desemprego, do subemprego, da miséria, da escravidão e da humilhação.

A terra assume, junto com o trabalho o sentido de libertação e de vida nova. De “*paraíso*” como disse Míriam. Mas este paraíso tem seus preços, suas agruras. Agora, como proprietários da terra, trabalhadores livres, eles têm que lidar com a escolha do plantio, o manejo da terra, adubação, irrigação, compra de sementes e mudas e lhes falta assistência técnica, que permita tirar um bom lucro do lote que receberam. Todos os sujeitos são unânimes em afirma que não dá pra viver apenas do que tiram do lote.

A terra que era a esperança de vida digna torna-se mais uma forma de sobrevivência. O trabalho no lote não é o trabalho que garante o acesso aos bens de serviço e de consumo. É necessário que se busque uma outra forma de complementar a renda para que a família não passe necessidades.

Seu Fernando pede a ajuda dos filhos que vivem em Maceió, que lhe enviam mensalmente uma feira. Henrique continua trabalhando no corte da cana-de-açúcar nas fazendas pertencentes às usinas de açúcar, saindo de casa às 4h da manhã e voltando a noite, um trabalho tido no nordeste como um dos mais insalubres. Marcel trabalha dentro do próprio assentamento como vaqueiro de um outro assentado e tem ainda um bar que atende aos assentados aos domingos após o jogo de futebol. Dona Míriam trabalhava na escola do assentamento como auxiliar de serviços gerais. Os outros seguem vivendo apenas com o que tiram do lote.

Mas é interessante ainda notar nas falas dos sujeitos a relação que fazem entre trabalho, doença e preguiça. Na fala de Moisés aparece uma concepção capitalista do que seja um trabalhador. Ele diz que ninguém nunca o viu em cima de uma cama com preguiça de trabalhar. Quando faz esta colocação demonstra o que

Barreto (2003) tem demonstrado em seus estudos sobre o adoecer do trabalhador. O trabalhador que adoece é um preguiçoso, não merece permanecer no trabalho. Ele é culpado por sua doença, pois só está doente porque não quer trabalhar. Ele afirma que só passa fome no assentamento quem tem preguiça de trabalhar:

(...) Hoje eu to com o que, quase 40 anos de idade. Ta vendo? E até hoje graças a Deus, eu nunca fui pra um hospital, nunca fui pra cama de ninguém, pra dizer assim: aquele fulano ta doente e ele foi pra ali porque ta com doença e não foi pro trabalho. Não. Trabalho não mata ninguém. Não. O que mata é necessidade. A necessidade mata, porque quando a gente vai trabalhar, ou senão vai daqui pra ali, e quando voltar pra casa e não tiver o combustível desse como diz a história, aí vão sobreviver de que? Uma andada daqui pra li, não tem nem força de subir um degrau desse. Porque ta com necessidade. Hoje em dia, não tem daqui que diga que ta passando fome. Se passa fome é porque quer porque não tem coragem de trabalhar. Porque não tem coragem de trabalhar. Não porque a terra não vai dar um pé de carne, a terra não vai dar um pé de dinheiro. A gente tem que lutar. Tem que trabalhar. Sem ter condições. Até hoje eu não vou mentir não, eu vivo trabalhando assim devagarzinho porque eu não tenho condições.

Moisés afirma a concepção capitalista de que cada indivíduo é responsável por seu sucesso ou não. Cabe ao indivíduo trabalhar, garantir seu sustento e seu sucesso, mesmo que as condições sejam adversas, mesmo que não tenha condições para isso. Se o individuo passa fome a culpa é dele. Não é culpa da falta de assistência técnica ou dos poucos recursos disponíveis, nem mesmo da terra empobrecida pela lavoura da cana ou da falta de irrigação. A culpa é do homem que tem preguiça, que adoece e que não quer trabalhar. O que é vem a ser um contraste com as falas de cada um dos sujeitos entrevistados, até mesmo o próprio Moisés, que afirmam ser impossível vier apenas com o que tiram do lote.

Henrique também coloca esta questão, quando fala que só possui o que possui porque não tem preguiça de trabalhar, vai atrás do trabalho onde ele estiver, ainda que este trabalho seja prejudicial à saúde, como o corte de cana.

Dona Miriam coloca esta questão, mas ela não busca em outras fontes de renda sua sobrevivência como os outros assentados. É certo que ela tinha uma renda vinda de seu trabalho na educação, mas este trabalho era para ela um prazer, uma forma de estar perto da educação, da escola que lhe foi negada na infância. E que quando lhe é tirado causa sofrimento, doença:

Me tiraram do meu emprego e não tava no tempo. Não tava, que eu assinei o contrato no mês de dezembro e me tiraram no mês de fevereiro. Não tinha terminado. Terminou não que era seis mês o contrato. Se tivesse me matado era melhor. Por causa que eu não dormia,. Era muita coisa. Ficava preocupada. As vez tava dormindo, sonhava com eles. Era um aperreio. Quando eu pensava que não chegava menino aqui: “Dona Miriam, fulano arengou comigo!” Aquilo era mesmo que uma punhalada.

Ela é o retrato da maioria dos nordestinos que fazem o caminho rumo aos centros urbanos. Sai do campo porque não encontra mais serviço para o marido, e chegando à capital, descobre que ali também não existe emprego para ela e o esposo:

Cheguemo na capital, na capital só pra quem tem bons emprego. Pra quem não tem é perdido ir. Porque só dá pra... é brincadeira um pai de família amanhecer o dia, olhar os quatro canto da casa e não ter o que comer? Não ter o que dá os filho. É terrível.

Vai para uma cidade do interior, de lá para a capital, volta para o interior, volta para a capital e de lá para o assentamento. O desemprego é o motivo destas idas e vindas. Com esta história ela encontrou o “paraíso” dela aqui na terra e já não luta, já não busca, pois agora apenas espera sua terra no céu. Mesmo que a terra não garanta conforto e acesso ao que ela necessita, ela agradece a Deus e continua vivendo com o que tem, pois para ela é “benção de Deus”.

Dona Conceição tem um sentimento de revolta em relação ao trabalho na terra. Ela que foi obrigada a trabalhar “no cabo da enxada” desde pequena, diz que sua vida foi só isso até hoje:

“Minha história é que eu desde os sete anos que estou no cabo da enxada até hoje, só isso.”

E não podendo se livrar desta realidade, não podendo viver a vida que desejava na cidade, ela adoece:

“(...) Eu vivo doente trabalhando aqui na enxada. Eu vivo doente. Minha vida é essa. Quando não vou pra roça bem cedo, mas vou de tarde, eu vou todo dia.”

É a doença que lhe tira do trabalho no campo, mas lhe tira acima de tudo de dentro do assentamento. Este assentamento que é para ela uma forma de escravidão de não-autonomia. A doença acontece como resistência à esse trabalho para ela degradante e esta realidade de assentada que ela não quer viver. Se para Moisés e Marcel o assentamento é sentido como libertação da escravidão e da servidão, para dona Conceição ele é uma forma de estar presa ao campo, ao trabalho na terra que tanto sofrimento lhe trouxe desde a infância.

O fato é que o trabalho, perpassado pela terra assume sentidos diversos, mas em nenhuma fala ele assume o sentido de autonomia, porque mesmo Nélio, Moisés e Marcel, que se dizem libertos da servidão, continuam convivendo com uma escravidão maior que é a escravidão do conformismo. Todos eles estão conformados com o que tem, com o que já alcançaram e agora apenas continuam vivendo e esperando, e esta esperança eles transferem para os filhos, pois eles já fizeram a parte deles.

6.2 Terra e Religião

A religião é uma outra unidade de análise que aparece de forma muito forte nas falas dos entrevistados e nas observações feitas no assentamento. Logo que se entra no assentamento somos recepcionados por uma imagem do Padre Cícero e por um grande templo evangélico que se destaca das casas simples do assentamento. Estas imagens já demonstram a disputa que acontece dentro do assentamento entre católicos e evangélicos.

Esta disputa se personifica em três sujeitos entrevistados, seu Fernando e sua esposa Dona Ruth (entrevistada para a caracterização do assentamento) e dona Míriam. Seu Fernando e Dona Ruth são os líderes da Igreja Católica: organizam missas, batizados, festas religiosas, casamentos e a reza do terço que é a atividade mais comum. Dona Míriam é evangélica, ajuda nas festas da igreja, em sua organização, nos cultos e atividades religiosas.

A religião assume importância tão grande dentro do assentamento, principalmente para as mulheres, que é ela a única forma de lazer indicada pelas entrevistadas, fora à televisão. São as atividades religiosas as únicas formas de encontro em grupo que estas mulheres têm.

Elas se reúnem para rezar o terço aos sábados e durante todo o mês de maio (mês no calendário católico dedicado a Maria, mãe de Jesus). Juntas elas vão as casas, rezam, saem em procissão pelo assentamento, se confraternizam em pequenas festas ao fim das reuniões. E se mobilizam em torno na festa do Padre Cícero, conseguindo até mesmo levar trios elétricos para dentro do assentamento.

O objetivo maior delas, no momento, é a construção da igreja, dedicada a Padre Cícero. Elas já se organizaram para a compra da imagem, em outro momento,

e agora lutam pela construção do templo, pois “os evangélicos já têm o deles” (Dona Ruth). É como se neste momento, a construção de um templo fosse a atividade mais urgente na vida do assentamento. Mesmo aparecendo na fala de cada entrevistado a necessidade de construção de um posto de saúde, a mobilização acontece em torno da construção do templo. O que vem reforçar a tese religiosa de que a “saúde da lama se faz mais importante do que a saúde do corpo”. A construção do templo assume *status* de salvação.

Já na fala de dona Miriam, fica muito claro que ela espera agora “a terra prometida no céu”. Ela tem uma história intensa de luta e de liderança dentro do MST. Em reuniões do coletivo de educação que participei na época em que era estagiária do PRONERA, ela era chamada, consultada, tinha voto e voz. Agora aparece apenas como mais uma das moradoras do assentamento. Alguém que tem suas reclamações, mas já não age. Ela já conseguiu seu pedacinho de terra aqui na terra, mas agora quer conseguir seu lote no céu, quer ser uma assentada no céu.

Ela que era uma mulher de ação, de luta, agora passa a ser a mulher submissa e que espera. Seguindo, como ela mesma fala em sua história, o exemplo de Jesus que deu sua face para que o inimigo batesse. Se o deus a quem ela segue foi pacífico, ela também precisa ser para atingir seus objetivos no céu. A religião entra em sua história como alienação, como esperança de esperar, que impede a ação e a autonomia:

A gente segue a Jesus, por que? Porque todos os problema do mundo, que o mundo oferece, é duro, então o caminho é muito duro, o caminho é o pior caminho. Porque a gente sofre tanto aqui, meu Deus! A gente sofre tanto que é uma coisa. E sem Jesus a gente sofre muito mais. Porque as conseqüência do mundo são muito grande e a gente com Jesus vai viver alegre, caminhando assim pra uma coisa, procurando pra saber que um dia vai ver o paraíso.
(Miriam)

O “seguimento a Jesus”, como coloca Míriam, implica em ser passivo: ser alegre, apesar do sofrimento, pois agindo assim, um dia ela vai encontrar o “paraíso”. Essa passividade leva a submissão que é também uma forma que a igreja encontra de manter os sujeitos sob sua tutela. A igreja evangélica chega ao assentamento justamente depois que a questão da posse já está resolvida e a agrovila construída. Ela não faz parte do momento de acampamento, em que os sujeitos estão correndo os mais diversos riscos. Ela chega no momento em que a estabilidade esta estabelecida.

Dona Míriam coloca que os evangélicos não gostavam dessa “*história de Sem terra, bandeira vermelha*”. Mas eles passam a gostar no momento em que estes sem terra se tornam proprietários de terra e podem agora pagar o dízimo. E é dessa terra que os pastores dessa igreja tiram o dinheiro para a construção de um templo que se destaca dentro do assentamento. É dessa terra que eles tiram o dinheiro para as festas na igreja, trazendo para o assentamento até mesmo missionários de fora do Brasil, o que demonstra a importância do assentamento para a congregação.

Eles acham no assentamento um terreno profícuo para se aproveitar do povo. Este povo que sofreu para conseguir ser assentado, que não consegue sequer o suficiente para sustentar suas famílias, têm que pagar o dízimo, sustentar uma igreja, para sustentar sua fé numa vida melhor, mesmo que seja após a morte. Tal qual os católicos, lutam por um templo melhor, equipado e bonito, mas não lutam pela construção do posto de saúde ou do melhoramento das estradas que ligam o assentamento à cidade.

Mais uma vez a autonomia é assassinada e em seu lugar nasce apenas a esperança de ter um lugar e uma vida melhor depois desta. Pois esta já está sendo

vivida da forma possível, mas a outra pode ser vivida de forma mais digna, com a terra prometida no céu.

6.3 Terra e Educação

A educação é uma das maiores preocupações do MST. Dentro dos assentamentos são incentivadas a implantação de escolas rurais que trabalhem com o cotidiano e a realidade do homem do campo, visando dar uma educação que permita a permanência digna deste homem no campo.

No Assentamento, encontramos uma escola bem estruturada, limpa, com professores e funcionários custeados pela Prefeitura Municipal de Atalaia, município ao qual o assentamento faz parte. Ela assume um lugar central dentro da agrovila e faz parte da história de luta dos assentados pela educação de seus filhos.

E é este um ponto importante em relação a esta unidade temática. Os sujeitos desta pesquisa são analfabetos ou semi-alfabetizados. Tiveram histórias de vida que foram um empecilho ao acesso a educação. Dona Conceição e Dona Míriam começaram a trabalhar no campo muito cedo e por isso não puderam ir a escola. Henrique abandonou a escola para trabalhar e os outros, por sua história de moradores da zona rural

Dona Míriam é quem apresenta em sua fala sentidos muito fortes sobre a educação, ela que tanto desejou estudar na infância, que ajudou na construção da escola do assentamento, que lutou pela vinda de ônibus para que os jovens do assentamento pudessem cursar o ensino médio na cidade, que participou do coletivo de educação do MST, que trabalhou como zeladora na escola do

assentamento, mesmo ela, nunca freqüentou as salas de aula de educação de jovens e adultos do assentamento. Em sua vida, o estudo é passado: passado que não pôde ser vivido, e é futuro: o futuro dos filhos, não o futuro dela.

A falta de acesso ao ensino durante a infância, devido a todas as dificuldades que os sujeitos passaram é um fato, porém eles tem acesso a esta educação hoje, dentro do assentamento, através dos diversos programas de educação de jovens e adultos oferecidos pelo governo federal e estadual, mas não freqüentam as salas de aula por não acharem que seja necessário. Para eles o tempo do estudo passou. Hoje é o tempo do trabalho e trabalho para garantir o futuro dos filhos.

Essa forma de significar a educação como uma coisa para o outro, para os filhos, vai totalmente de encontro aos princípios do MST de formação de quadros. Como eles poderão formar quadros se os moradores dos assentamentos colocam a formação escolar como futuro e não como presente?

O estudo é significado como uma forma de proporcionar aos filhos uma vida diferente da que tiveram. Por isso insistem que os filhos estudem. Lutaram pela construção da escola e pelo transporte escolar para os filhos continuarem estudando.

Pra o futuro dos meus filhos, eu não quero que eles vivam nessa vida que eu vivo não. Porque é uma vida pesada, sabe? Sacrificosa. E eu quero que eles tenham um futuro melhor. Porque jamais a enxada não tem esse futuro todo não. E eu vivo assim trabalhando de enxada, mas não quero isso pros meus filhos não. (Nélio)

6.4 Terra e Lazer

O trabalho no campo ocupa grande parte do dia dos moradores do assentamento. Como nos contou Seu Fernando, eles geralmente acordam às 4h da manhã e começam a trabalhar na terra por volta das 5h, fazendo uma pausa para o almoço e o descanso do início da tarde por volta de 11:30h ou 12h. Retornam para o campo pelas 13h ou 14h e terminam o dia de trabalho em média às 18h.

Passeando pelo assentamento encontramos os moradores nos lotes trabalhando e voltando para casa nos horários de almoço e jantar. As crianças quase sempre dentro de casa assistindo televisão e umas poucas que encontramos “*pulando corda*”²⁵ no meio da rua.

O lazer no assentamento é escasso. Segundo os sujeitos, os homens têm o jogo de futebol nos finais de semana, seguido sempre de comemorações regadas a cerveja, cachaça e outras bebidas nos bares que encontramos pelo assentamento, dos quais, Marcel é um dos proprietários.

Durante a semana eles apenas se reúnem na casa de um dos moradores para jogar dominó e baralho. É raro vê-los em grupo conversando ou jogando futebol durante a semana. Alguns jovens ainda o fazem, mas os adultos não. São raros os momentos em que os moradores se encontram em grupo.

Já às mulheres resta apenas a participação nos ritos e manifestações religiosas. Seja na Igreja católica, através da reza do terço ou das festas dedicadas a Pe. Cícero, seja na Igreja Evangélica nos cultos, festas e visitas de missionários, este é o lugar reservado a elas. Os homens também participam destes eventos, mas são as mulheres as responsáveis pela organização e execução das atividades.

²⁵ Brincadeira muito comum no Nordeste em que duas pessoas, uma em cada ponta da corda, rodam a corda e uma terceira tenta pula-la.

Estes são os momentos em que elas se reúnem. Elas permanecem nos lugares destinados a elas: em casa, na igreja e na roça ajudando o marido.

Mas Moisés nos dá uma pista de momentos em grupo, e que são uma instituição no meio rural: a fabricação da farinha na Casa de Farinha. Este momento é vivido com festa pelos assentados. Esse fato congrega a família e os vizinhos mais próximos. Eles trabalham, cantam, bebem. A fabricação da farinha exige uma grande quantidade de pessoas. É necessário descascar a mandioca, ralar, coar, peneirar, torrar. E para torra-la é necessário mexer o tempo todo para que ela não queime, o que exige força e resistência, visto que a temperatura do forno é elevada.

Divertimento é na casa de farinha toda semana. Meia noite, uma hora da manhã. Meu divertimento é esse. Comer um bijuzinho de coco, uma tapioca, um negócio. A vida da gente é assim. A gente não faz outra coisa não. Só isso mesmo.

Mesmo sendo um trabalho duro, eles o transformam em festa. Os vizinhos que vão ajudar na lida são ajudados nas semanas subseqüentes como retribuição. Assim, na fabricação da farinha, constroem-se também relações entre os assentados. É um momento de comemoração, mas é também um momento de trocar idéias, conversar sobre a vida, partilhar sentimentos e prestar solidariedade, reforçando os laços de afeto entre eles.

Diferente do jogo de futebol, as mulheres e crianças também participam desta atividade. Na casa de farinha todos são bem vindos, todos partilham um pedaço de “biju”, uma espécie de bolo feito com a goma da farinha e que é comido geralmente passando o bolo entre as pessoas, que retiram dele, com as mãos um pedaço, o que lembra os rituais religiosos da “Ceia” cristã.

A casa de farinha é o maior espaço de partilha, de grupo, que os assentados possuem. Nesta instituição se misturam terra (de onde vem a

mandioca), trabalho (fabricação da farinha), lazer (conversas, comidas, bebidas, músicas) e reflexão (através da partilha do cotidiano).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas primeiras incursões no MST fizeram suscitar muitas perguntas. E a estas perguntas venho tentando responder desde o 4º ano da faculdade de Psicologia. Com a ajuda da Psicologia Social, algumas delas foram respondidas e outras tantas permanecem.

Mas as que levei para esta pesquisa tentei responder todas. No início, acreditando serem os moradores do assentamento oriundos da cidade, que não tiveram nenhuma relação com o campo, fui ao campo tentar entender como estes sujeitos estavam indo para o campo e como estavam significando esta nova experiência.

Mas chegando lá, percebi que grande parte desses moradores, como demonstrado anteriormente, estavam retornando ao campo ou dele nunca haviam saído. Esta constatação nos levou a pensar nas *idas e vindas* que esses sujeitos estavam fazendo, e como eles experienciavam tal movimento.

O movimento de ida para a cidade foi experienciado como esperança de vida nova para os assentados. Mas chegando lá constataram que não havia lugar para eles. A cidade não comportava o contingente de mão-de-obra desqualificada que deixava o campo buscando uma vida melhor nos centros urbanos. Voltar para o campo para viver como viviam não era uma alternativa, mas o MST surge como uma nova forma de fazer o movimento de volta campo e de tira-los da situação de miséria e de não-pertencimento em que viviam.

Entrei em suas casas e em suas vidas e tentei conhecer um pouco da história dessas pessoas que estão no campo hoje, levadas pelo MST. Eles foram ao MST porque não conseguiam mais sobreviver na cidade. Mesmo os que estão

assentados hoje porque já eram moradores da fazenda, quando da época da ocupação pelo Movimento, tinham histórias de vida pautadas na submissão e na escravidão psíquica e moral para com os donos da terra em que moravam.

Esses sujeitos, com suas histórias peculiares chegam ao MST na esperança de mudarem suas vidas, de saírem do cabresto de patrões e arrendatários, de abandonar definitivamente a miséria e a pobreza, o sofrimento psíquico de já não serem tratados como sujeitos de suas vidas e suas histórias.

São histórias de lutas e de resistência contra a miséria e a humilhação. Eles não pediram a caridade do governo, estavam apenas querendo fazer valer seu direito à vida e a dignidade.

Mas, uma vez que a necessidade primeira de sobrevivência estava resolvida através da imissão da posse da terra, estes sujeitos seguem caminhos diversos. A esperança e solidariedade vivida no acampamento são substituídas pelo trabalho quase sempre solitário em busca da produção no lote. O sonho da vida tranqüila no campo é substituído pelo trabalho árduo no campo, com pouca ou nenhuma assistência técnica, o que leva a perdas seguidas da produção ou a um lucro pequeno, devido à escolha da lavoura.

Apesar de estarem vivendo no assentamento e, apenas, Henrique, dentre os entrevistados, querer sair para morar na cidade, o que se pode sentir nas entrelinhas das entrevistas é um pessimismo quanto ao futuro. Eles permanecem no assentamento, lavrando suas terras, mas pouco investem, pouco lutam por si mesmos. Os projetos de futuro são projetos para os filhos e netos, não para eles mesmos. E o futuro destes filhos é o estudo, e para Conceição, Míriam, Nélio, Fernando e Henrique este futuro está fora do assentamento. Apenas Moisés e

Marcel desejam que os filhos permaneçam no campo. E são justamente eles, dentre os entrevistados, os que nunca de lá saíram.

O sentido da terra para os sujeitos assume status de futuro, pois no presente ela já deu o que tinha que dar. Ela é a forma de continuar sobrevivendo, sem passar fome, sem faltar trabalho, sem faltar estudo para os filhos, sem a humilhação de não pertencer a lugar algum.

Mas as necessidades diárias, como a falta de assistência médica, tão presente na fala de cada entrevistado, estas são deixadas de lado. Prima-se por um futuro no céu, em busca de uma outra terra: o “paraíso”, e isso fica claro quando a comunidade se reúne para comprar a imagem de Pe. Cícero ou para reivindicar junto aos políticos a construção da Igreja Católica e consegue construir a igreja evangélica com o dízimo.

Mas eles não se mobilizam pelo posto de saúde. Não se mobilizam pela assistência contínua da Equipe do PSF, pela vacinação de seus filhos, pelo pré-natal de suas grávidas ou acompanhamento de hipertensos e diabéticos. Por estas questões eles apenas esperam. Percebem o problema, reclamam dele, conversam sobre ele, mas apenas esperam que ele seja resolvido.

O mesmo grupo de sujeitos que conseguiu, por meio de ocupações, o direito á terra, a construção da escola, o transporte escolar, a iluminação do assentamento, hoje já não luta, espera. Sua luta é uma luta silenciosa pelo sustento, do trabalho solitário nos lotes.

A forma como estes sujeitos foram incluídos nessa sociedade capitalista em que vivemos foi precária, garante-lhes apenas o mínimo para a sobrevivência, mas não lhes garante o direito a uma inclusão cidadã. Eles ainda sofrem. Não pela fome, pelo desemprego ou miséria, mas pelo fato de esta inclusão não lhes terem

possibilitado a autonomia. A autonomia de agirem livremente, de lutarem por seus direitos, de realizarem seus projetos, de venderem seus produtos a preços justos e não para atravessadores. A autonomia para a ação e não a submissão.

Eles produzem por conta própria, isolados uns dos outros, fechados em suas famílias. Poderiam produzir em grupo. Eles vendem a produção aos atravessadores. Poderiam comercializa-la através de uma cooperativa. Eles não possuem irrigação, o que os leva a produzir apenas na época de chuvas. Eles não têm transporte para a cidade, nem para o escoamento da produção, nem para ir ao médico ou mesmo ao supermercado. As estradas que levam ao assentamento são precárias, esburacadas, sem sinalização.

Mas eles ainda conseguem produzir alguns espaços de convivência e de afetação, como na Casa de Farinha. Ai, nesse pequeno espaço e tempo reduzido, eles vivem a alegria da produção que dá “ lucro” financeiro, psíquico e afetivo. As relação se intensificam, as trocas se diversificam e a comida e a bebida são compartilhadas.

Quando se fala em reforma agrária no Brasil, pensa-se apenas em levar o homem para o campo, mas esquece-se de pensar o que poderia fazer com que este homem permaneça no campo e permaneça com dignidade. O MST pensou na distribuição da terra e se esqueceu do grupo e do indivíduo que faz parte desse grupo e sofre por si e por sua família. E, por isso, este homem não consegue permanecer no campo.

É reconhecido o merecimento do MST em lutar pela reforma agrária no Brasil. Sem este Movimento social, bem como os outros movimentos de luta pela terra que existem em nosso país, pouco se teria feito em favor da reforma agrária. Mas pensar em levar o homem para o campo, como forma de solucionar as grandes

desigualdades existentes no país, implica também em pensar em como este homem pode ter uma vida digna no campo. Para tanto, é necessário pensar na assistência à esses trabalhadores e suas famílias. Não basta “joga-los” no campo, como está sendo feito.

Não se faz aqui a culpabilização dos movimentos sociais. O governo tem sua participação nesta situação. Levar o homem para o campo não basta para diminuir a desigualdade social, a miséria e o sofrimento psíquico, ético e moral. É necessário dar a este homem as condições de viver e não apenas sobreviver no campo.

É necessária assistência técnica e de gestão eficazes, que levem o assentamento a produzir com lucratividade. É necessário investimento em infraestrutura, estradas, esgotos, assistência médica e hospitalar, fazer funcionar a equipe do Programa Saúde da Família que deveria estar atendendo ao assentamento.

É necessário que a educação dada às crianças do assentamento e aos adultos, sejam condizentes com a realidade em que eles vivem, mas não aprisionantes à realidade, deve garantir a possibilidade de escolha, sendo o ideal que a escolha seja a terra e que mostrem a possibilidade de ter um futuro no campo, sem precisar ir para a cidade.

E é necessária, ainda, a criação de espaços de convivência e diálogo entre os moradores do assentamento, que lhes possibilitem bons encontros e a autonomia necessária para a resolução de seus problemas. As festas coletivas devem ser organizadas e experienciadas como momentos de encontro e de partilha. Os momentos de encontro na Casa de Farinha, devem ser multiplicados, com a construção de outras Casas de Farinha, visto que a única que existe no

assentamento não atende à demanda dos assentados. Além da construção de outros espaços de convivência utilizando-se o prédio da associação comunitária para esses encontros.

As histórias colhidas para esta pesquisa nos mostram um homem do campo ainda preso aos costumes do Coronelismo, incluídos precariamente, tendendo ao isolamento na produção, mas que ainda conseguem afetar e ser afetados uns pelos outros, capacidade estimulada pela terra.

Como canta o MST em uma de suas músicas:

*Queremos que plante essa terra
Por ela quem sente paixão
Quem põe com carinho a semente
Para alimentar a nação.
Este é o nosso país.
Essa é a nossa Bandeira.
É por amor a essa Pátria, Brasil,
Que a gente segue em fileira”
(Cd Música em Movimento)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Margarida. *Violência, saúde e Trabalho (uma jornada de humilhações)*. São Paulo: EDUC, 2003.

DOMINGUES, Eliane. *A luta pela terra e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): contribuições da Psicanálise*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano & STÉDILE, J. P. *Brava Gente. A trajetória do MST e a luta pela Terra no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1997.

FURTADO, O. O Psiquismo e a subjetividade social *in* BOCK, A. M. B. *Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)* São Paulo: Cortez, 2001.

GOHN, Maria da Glória. *Os Sem Terra, ONGs e Cidadania*. São Paulo, Cortez, 1997.

GONÇALVES, M. da G. M. A Psicologia como ciência do Sujeito e da Subjetividade: a história como noção básica *in* BOCK, A. M. B. et all (org) *Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)* São Paulo: Cortez, 2001.

GONZÁLES REY, Fernando. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson, 2003.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão Social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Caminhada no Chão da noite*. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MINAYO, M.C. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde* São Paulo. Ed. de Humanismo, Ciência e Tecnologia, 1996.

MOLON, S. *A questão da subjetividade e da constituição do sujeito nas reflexões de Vygotsky*. Dissertação de Mestrado – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

MUTZENBERG, R. Construção de Sentido pelos Movimentos Sociais *In* FONTES, B.A.S.M. (ORG), *Movimentos Sociais: Produção e Reprodução de Sentidos*. Recife: Editora Universitária/UFPE: 1999.

NARITA, Stella. *Estudo dos processos psicossociais que motivam um grupo de trabalhadores à participação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Pontal do Paranapanema- SP* – São Paulo: Dissertação de mestrado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia da USP. 2000.

QUEIROZ, M.I.P. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.

SANTOS, M. A. C. *Jovens em Movimento: um estudo sobre a constituição da identidade de Jovens moradores de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*. Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia. Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2002.

SAWAIA, Bader B. (org.). *As Artimanhas da Exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.

SILVA, Alessandro Soares da. *Acampados no “Carlos Mariguela”*: Um estudo sobre a formação da consciência política entre famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Pontal do Paranapanema —SP. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, 2002.

SOUZA, L. de. Ações Coletivas: das massas criminalizadas e patologizadas aos movimentos sociais modernos, *in* _____ et all, *Psicologia reflexões (in) pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

SPOSATTI, Aldaíza. Prefácio, In: SAWAIA, Bader B. & NAMURA, Regina M. (org). *Dialética exclusão/ inclusão: reflexões metodológicas e relatos de pesquisas na perspectiva da Psicologia Social crítica*. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 2002.

TARELHO, Luis Carlos. *Da consciência dos direitos à identidade social: os Sem Terra de Sumaré*. São Paulo: dissertação De mestrado em Psicologia Social. PONTIFÍCIA Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 1988.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *A Produção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Historia Del desarrollo de lãs funciones psíquicas superiores*. Havana: Científico-técnica, 1987

APÊNDICES

APÊNDICE A

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

NOME:

ENDEREÇO:

1. Antes de morar no assentamento, morava onde?

() cidade

() campo

2. Já morou alguma vez em fazenda?

() sim quando?

() não

3. Onde seus pais moravam?

() no campo

() na cidade

4. Quais as pessoas que moram em sua casa?

Filhos. quantos ()

Esposo/ esposa ()

Tios ()

Irmãos ()

Pai ()

Mãe ()

Sogra ()

Sogro ()

Primos ()

Outros ()

Total ()

5 O que pretende para os filhos?

() que fiquem no assentamento.

() que saiam para a cidade.

6. por que entrou para o MST?

APÊNDICE B

SÍNTESE DOS QUESTIONÁRIOS

1. Onde morava antes de morar no assentamento?

CIDADE (29 famílias)

CAMPO (36 famílias)

2. Já morou alguma vez em fazenda?

dos que vieram do campo: todos

dos que vieram da cidade:

NÃO: 3

SIM: 26

- No ano de 1997;
- Nasceu e se criou (10);
- Na infância (07);
- Na adolescência;
- De 1947 a 1981;
- De 1949 a 1985;
- No ano de 1985;
- De 1991 a 1997;
- Em 1963;
- Em 1983;
- Em 1970.

3. Onde seus pais moravam?

Dos que vieram do campo: No campo

dos que vieram da cidade:

No campo: 26

Na cidade: 3

4. Quais as pessoas que moram em sua casa?

A maioria das famílias é formada por pai, mãe e filhos

5. O que pretende para os filhos?

Que fiquem no assentamento: 25

Que vão para a cidade: 27

Não tem filhos: 13

6. Por que entrou para o MST?

- Não tinha onde morar, queria conseguir terra;
- Para conseguir alguma coisa; (02)
- Para ganhar um pedaço de terra para trabalhar; (30)
- Não tinha trabalho;
- Não tinha condições para sobreviver;
- Foi a única chance;

- *Para ganhar terra; (12)*
- *“foi o MST que trouxe a gente pra cá”*
- *Nasci e me criei no interior;*
- *Estava desempregado;*
- *Não tinha onde morar;*
- *“Morava em Maceió e ma pessoa me chamou para participar”;*
- *“Para trabalhar, produzir e sustentar as pessoas da cidade”;*
- *“foi a única solução para sair da rua”;*
- *“eu estava sem rumo, o único caminho foi o MST”;*
- *Moradores da fazenda quando o MST chegou (08).*

Além dos questionários fiz uma pesquisa rápida p/ saber se houve casamentos entre os assentados. Foram cerca de 30, a grande maioria sem oficialização. Quanto aos jovens, conversei informalmente com alguns, e todos disseram que não pretendiam ficar no assentamento. Querem ir para a cidade trabalhar.

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Conte-me sua história, como foi sua infância?
2. Você ia trabalhar na roça com seus pais?
3. Quando você resolveu morar na cidade?
4. Por que você resolveu morar na cidade?
5. Como era sua vida na cidade?
6. Como você tomou conhecimento do MST?
7. Por que resolveu entrar para o MST?
8. Sua família lhe seguiu?
9. Como era no acampamento?
10. Houve despejo? Como foi?
11. Como é sua vida hoje no assentamento?
12. Mudou alguma coisa da época que morava na cidade?
13. Como é sua convivência com os vizinhos?
14. Você participa das reuniões da associação do assentamento?
15. O que você faz para se divertir?
16. O que planta? Como escolhe o que plantar?
17. Dá para sobreviver com o que tira da terra?
18. Como comercializa sua produção?
19. Pretende sair do assentamento e voltar para a cidade?
20. O que pretende para o futuro dos filhos?

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.